

INTRODUÇÃO

O *Castelo interior* é o ensinamento maior da Autora. Fruto maduro de sua última jornada terrena, reflete o estágio definitivo de sua evolução espiritual e completa a mensagem das obras anteriores, *Vida* e *Caminho*.

O relato autobiográfico da *Vida* tem agora uma nova versão, mais sóbria e discreta, disfarçada no anonimato e integrada pelas experiências da última década.

E a pedagogia do *Caminho* dispensa agora as hesitações da iniciação à vida espiritual para mergulhar no profundo do mistério: a plenitude da vida cristã.

Para completar a lição, virão depois as *Fundações* e as *Cartas*, para referendar a consigna das sétimas moradas: que a suprema vivência mística não faz o cristão se abstrair, mas o mantém pés em terra, em diálogo com os irmãos.

Ponto de partida

O primeiro projeto do *Castelo* se junta com a autobiografia teresiana. Vista à distância de doze anos, a *Vida* parecia incompleta. Era preciso retomar o relato, ultimá-lo... talvez refazê-lo sob novo enfoque teológico.

Os últimos doze anos haviam trazido um caudal de experiências nitidamente superior às que tinham sido historiadas na *Vida*. É certo que estavam fragmentariamente anotadas nas *Relações*, mas não se tratava apenas de juntar novos materiais. As vivências do último quinquênio — especialmente a partir do magistério de São João da Cruz (1572) — haviam subministrado nova chave de interpretação a todo o arco de sua vida. Com visão mais unitária e profunda. Com maiores possibilidades de síntese teológica.

Num primeiro momento, o projeto fracassou. Dom Alvaro de Ávila, a quem o pedira, não lhe enviou o exemplar da *Vida* e dali a poucos dias o excesso de trabalho alquebrou a saúde da Santa. Foi uma crise de esgotamento, com profundas seqüelas físicas. Grandes dores de cabeça, que a fazem temer ficar de todo inválida. Ela tem de recorrer aos préstimos de uma amanuense para despachar a correspondência, por ordem expressa do médico. Assim se desvanece o projeto de refundir a *Vida*.

A ordem de escrever

Mais ou menos refeita do achaque de fevereiro, a Santa se encontra em fins de maio com Padre Gracián. Os dois conversam no locutório do Carmelo de Toledo. Ele está de passagem, indo de Andaluzia para Madrid, convocado pelo núncio. Ela cumpre a ordem de reclusão imposta pelo Capítulo Geral da Ordem. Um pedaço da conversa chegou até nós, registrada pelo próprio Gracián:

“Sendo eu seu Prelado e tratando uma vez em Toledo muitas coisas de seu espírito, ela me dizia:

— Oh! Como esse ponto já está bem escrito no livro de minha *Vida* que está na Inquisição!

Eu lhe disse:

— Já que não podemos tê-lo... escreva outro livro e diga a doutrina comum, sem nomear a quem sucedeu o que ali disser.

E assim mandei que escrevesse este livro das *Moradas*, dizendo-lhe, para melhor persuadi-la, que tratasse disso também com o Doutor Velázquez, que a confessa algumas vezes. Ele também lhe ordenou fazê-lo” (Notas de Gracián in Antonio de San Joaquín, *Año teresiano*, t. VII [1758], p. 149).

Anos depois, Gracián completa o informe:

“Estando em Toledo, eu persuadia Madre Teresa de Jesus com muita insistência, para que escrevesse o livro que depois escreveu, que se chama *As moradas*. Ela me respondia, do mesmo modo que disse muitas vezes em seus livros, quase com estas palavras:

— Para que querem que eu escreva? Escrevam os letrados, que estudaram. Sou uma tonta e não saberei o que falar: trocarei umam palavra por outra e com isso causarei dano. Já se escreveram muitos livros sobre coisas de oração. Pelo amor de Deus, deixem-me fiar em minha roca e seguir meu coro e meus ofícios de religião, como as outras irmãs. Não sirvo para escrever, não tenho saúde nem cabeça para isso...” (Jeronimo Gracián, *Dilucidario del verdadero espíritu*, I, 5: BMC, t. 15, Burgos, 1932, p. 16).

Mas Gracián e Velázquez venceram a resistência da Madre. Ela o reconhecerá no prólogo do *Castelo*, ao enfatizar quão difícil fora obedecer, repetindo os motivos de sua oposição: insuportável dor de cabeça, total ausência de inspiração literária; e seguia com uma velada alusão ao livro de sua *Vida*, que continuava em mãos das Inquisição, e a impossibilidade de trazer à memória as muitas coisas nele contidas. Por isso não

refundirá o relato autobiográfico. Ater-se-á às indicações dos dois conselheiros, sujeitando-se em tudo a seu parecer. Escreverá o novo livro não para seus confessores — como a *Vida* —, nem para gente douta — seria desatino fazê-lo —, mas para as leitoras de seus Carmelos, gente simples e olhos benévolos que acolherão com amor qualquer página sua.

Projeto modestíssimo, desenvolvido desde o primeiro capítulo do livro.

Tema da obra

Padre Gracián, que decidiu a composição do *Castelo*, estava certo de ter sugerido à Autora a linha temática. Quando ela resistiu a tomar a pena, alegando suas obrigações de coro e roca, além de suas dores de cabeça, Gracián insistiu:

“Eu a convenci com o exemplo de que algumas pessoas costumam sarar mais facilmente de doenças com receitas conhecidas por experiência do que com a medicina de Galeno, Hipócrates e de outros livros de muita doutrina. E que o mesmo pode acontecer com almas que seguem oração e espírito, que mais facilmente tiram proveito de livros espirituais escritos do que se sabe por experiência do que daquilo que leram e estudaram nos doutores... Porque como essas coisas do espírito são práticas e se põem por obra, melhor as declara quem tem experiência do que quem tem só ciência, mesmo que fale apropriadamente” (Gracián, op. cit., pp. 16-17).

A Santa se rende à insistência de Gracián, aceitando seu humilde papel de escritora “curandeira” da vida espiritual. No prólogo se propõe escrever coisas práticas, declarar algumas dúvidas de oração, ir falando com as monjas dos mosteiros carmelitas, pois as mulheres entendem melhor o linguajar umas das outras e o amor que as monjas lhe têm facilitará a mútua inteligência.

Mas esse projeto não se mantém nas páginas que seguem. Desde a primeira linha, focalizar-se-á o tema da vida espiritual em termos originais: o mistério do homem, com sua alma capaz de ver a Deus, e o mistério da comunicação com a divindade que nele habita. Surgirá em seguida o projeto de desembaraçar-se rapidamente dos temas introdutórios — primeiros passos da vida espiritual — para enfrentar o difícil tema, de que pouco se fala nos livros espirituais: últimas fases da vida cristã e pleno desenvolvimento da santidade.

De fato, a Autora aborda nos cinco capítulos iniciais todo o tema ascético que tomara quase todo o *Caminho de perfeição*, e reserva o resto da obra — 22 capítulos — para a jornada maior: entrada na terra santa da vida mística (moradas IV), união e santificação inicial (V), o crisol do amor (VI), consumação na experiência dos mistérios cristológico e trinitário (VII).

Plano da obra

No *Castelo*, a Autora se mantém fiel a si mesma e às diretivas de seu magistério. Não faz teologia a partir de teorias próprias ou alheias, ou a partir de um sistema. Parte sempre do dado empírico. Sua fonte é a experiência, enquanto a vida da graça é uma teofania do plano salvífico de Deus. Ela tem um jeito particular de assimilar o dado bíblico em textos incorporados a sua experiência, graças à sintonia com as grandes figuras bíblicas. E por fim é mestra na arte das comparações e na elaboração dos símbolos.

Três recursos serviram para organizar e estruturar o *Castelo*: um substrato de material autobiográfico, uma série de referências escriturísticas e uma trama de símbolos.

a) *Suporte biográfico*: O livro mantém o projeto inicial de refazer ou completar a *Vida*. Mas mudou de método. Aqui já não se tece uma narração autobiográfica, para depois oferecer ao leitor seu sentido teológico profundo. Essa havia sido, em grandes linhas, a montagem de relatos e teses na *Vida*. No *Castelo*, os planos autobiográfico e doutrinal se invertem para ser fundidos. Antes de tudo, dá-se uma lição de vida espiritual. Latente, abaixo dela, há um substrato de experiências pessoais que servem de suporte. O livro inteiro codifica a história da própria no plano da teologia espiritual.

b) *Inspiração bíblica* — Também aqui a Santa é fiel a sua vocação mística.

Não faz exegese nem exhibe uma erudição bíblica que não possui. Ela evoca o dado bíblico com frequência e acerto. Há textos sagrados que passaram a ser a substância de seu saber, vindo a converter-se em firmes colunas de sua vida espiritual. Ela geralmente os incorporou num momento crucial de seu drama interior. Agora, os textos emergem e dão lugar a uma lição. Cada morada está centrada em uma ou várias dessas unidades bíblicas.

Por outro lado, a Santa incorporou a seu mundo interior uma série de figuras bíblicas. Nelas, vê personificadas determinadas situações do processo espiritual. A conversão, em Paulo e Madalena; o risco permanente, em David, Salomão, Judas; a luta, nos soldados de Gedeão; os começos, no filho pródigo; a chegada ao umbral da mística, nos diaristas da parábola; o mistério da vida mística, na esposa do Cântico...

c) *Os símbolos* — É o recurso literário e doutrinal melhor manejado pela Santa. Ela não chega a elaborá-los com o grau de refinamento e a profundidade de São João da Cruz. Mas o que perdem em fineza e densidade ganham em sobriedade, transparência e eficácia pedagógica.

No livro se destacam quatro símbolos maiores: o castelo, as duas fontes, o bicho-da-seda e o símbolo nupcial. Poderíamos qualificá-los nessa mesma ordem: símbolo antropológico, o castelo; símbolo tomado da natureza, as fontes; de matiz biológico, o do bicho-da-seda; sociológico, o símbolo nupcial. Nenhum símbolo de envergadura cósmica, como os de São João da Cruz. Mas nas quatro criações teresianas, mas que o traçado e o calado, interessa a função de serviço doutrinal.

O processo: sete jornadas da vida espiritual

O castelo tem traçado linear. Estrutura e processo dinâmico coincidem. Em grandes traços os elementos estético-espaciais (fosso, porta, moradas, centro) correspondem aos funcionais vitais (penetração, luta, interiorização, transcendência). A Autora ressaltou intencionalmente o conteúdo místico da vida cristã: alma, graça, Cristo, inabitação, pecado. Mas sem descuidar do lado prático. Fixou-se um duplo objetivo: comunicar sua experiência cristã, provocando-a no leitor, e comprometé-lo num programa concreto: lutar, conhecer-se a fundo, não perder de vista a exigência do amor — amar os outros —, manter-se sensível ao risco, programar e esperar. São as duas inflexões do magistério teresiano: mistagógica e pedagógica.

O processo descrito no castelo segue duas linhas: interiorização (linha antropológica) e união (linha teológica cristológica). Elas são desenvolvidas a partir de pressupostos simples: um ponto de partida, presença de Deus no homem; um ponto de chegada, união com Deus, quintessência da santidade; e um caminho a percorrer: oração como atuação da vida teológica, núcleo da vida cristã. Não há oração sem coerência com a vida concreta, e esta tem sua tábua de valores no amor aos demais. O que está em jogo não é o muito pensar, mas o muito amar; e amor é determinação e obras, mais que sentimento e emoção.

Materialmente o processo de vida espiritual descrito no livro divide-se em dois tempos, que poderíamos assim definir: *ascético* o primeiro, *místico* o segundo. A luta ascética, cujo protagonista é o homem, estende-se ao longo das moradas I-II-III; a vida mística, protagonizada pelo divino ator, predomina nas moradas V-VI-VII. Entre ambos os grupos, as moradas quartas são o vínculo, jornada em que se imbricam o natural e o sobrenatural.

Um sumário das sete moradas do processo pode ser traçado, mesmo com grave risco de oferecer uma visão empobrecida do panorama teresiano:

— *Primeira morada*: entrar no castelo, converter-se, iniciar o trato com Deus (oração); conhecer-se a si mesmo e recuperar a sensibilidade espiritual.

— *Segunda morada*: lutar; o pecado ainda cerca; persistem os dinamismos desordenados; necessidade de ancorar-se numa opção radical; progressiva sensibilidade na escuta da palavra de Deus (oração meditativa).

— *Terceira morada*: a prova do amor. Estabelecimento de um programa de vida espiritual e de oração; manter-se nele; surgimento do zelo apostólico; mas sobrevêm a aridez e a impotência como estados de prova. “Prova-nos, Senhor, que sabes as verdades.”

— *Quarta morada*: brota a fonte interior, passagem à experiência mística; mas a sorvos, intermitentemente: momentos de lucidez infusa (recolhimento da mente) e de amor místico-passivo (quietude da vontade).

— *Quinta morada*: morre o bicho-da-seda; a alma renasce em Cristo; estado de união por conformidade de vontades, manifestada especialmente no amor ao próximo.

— *Sexta morada*: o crisol do amor. Período extático e tensão escatológica. Novo modo de sentir os pecados. Cristo presente. Esposal místico.

— *Sétima morada*: matrimônio místico. Duas graças de ingresso no estado final: uma cristológica, outra trinitária. Plena inserção na ação. Plena configuração a Cristo crucificado.

Cristo foi a meta em todo o processo, da primeira à última morada.

ESTE TRATADO, CHAMADO *CASTELO INTERIOR*, FOI ESCRITO POR
TERESA DE JESUS, MONJA DE NOSSA SENHORA DO CARMO, PARA SUAS
IRMÃS E FILHAS, AS MONJAS CARMELITAS DESCALÇAS.*

JHS

1. Poucas coisas das que me têm sido ditadas pela obediência se tornaram tão difíceis para mim quanto a de escrever agora sobre coisas de oração. Em primeiro lugar, porque não me parece que o Senhor me dê espírito nem desejo para fazê-lo; em segundo, por ter a cabeça já há três meses com um zumbido e uma fraqueza tão grandes que mesmo os negócios indispensáveis escrevo a custo.

Mas, compreendendo que a força da obediência costuma aplainar coisas que pareciam impossíveis, a vontade se determina a fazê-lo de bom grado, embora a natureza pareça afligir-se muito. Porque o Senhor não me deu tanta virtude que o pelear com a enfermidade contínua e as múltiplas ocupações se façam sem grande contradição da natureza. Faça-o Ele — que tem feito outras coisas mais difíceis para me conceder graça —, em cuja misericórdia confio.

2. Creio bem que pouco saberei acrescentar ao que já tenho dito em textos que escrevi em cumprimento à obediência,¹ temendo antes repetir as mesmas coisas; porque me assemelho aos pássaros a quem ensinam a falar e que não sabem senão o que vêem ou ouvem, repetindo-o constantemente. Assim se passa comigo, sem tirar nem pôr.

Se quiser que eu diga algo novo, o Senhor o fará, ou se dignará trazer--me à lembrança o que de outras vezes disse; isso só já me contentaria, pois tenho a memória tão ruim que me alegraria atinar com algumas coisas que, segundo dizem, estavam bem explicadas em escritos que talvez se tenham perdido.² Se o Senhor tampouco me conceder essa graça, mesmo que não se tire disto nenhum proveito, ficarei com o lucro de cansar-me e aumentar a dor de cabeça por obediência.

3. E, assim, começo a cumprir essa obediência hoje, dia da Santíssima Trindade³ do ano de 1577, neste mosteiro de São José do Carmo de Toledo, onde atualmente me encontro, sujeitando-me em tudo o que disser ao parecer de quem mo mandou escrever — que são pessoas muito eruditas.⁴ Se eu disser alguma coisa que não esteja em conformidade com o que ensina a Santa Igreja Católica Romana, atribua-se isso à minha ignorância, e não à malícia.⁵ Isso se pode ter por certo; pela bondade de Deus, sempre estive, estou e estarei sujeita a ela. Que Ele seja para sempre bendito e glorificado! Amém.

4. Disse-me quem me mandou escrever que as monjas dos mosteiros de Nossa Senhora do Carmo precisam de alguém que lhes esclareça algumas dúvidas em matéria de oração e que lhe parecia que as mulheres entendem melhor a linguagem umas das outras. Assim sendo, se eu acertar em dizer alguma coisa, ser-lhes-ei de maior proveito, dado também o amor que me devotam.

Por isso, falarei com elas naquilo que escrever. Seria desatino pensar em fazê-lo com outras pessoas. Grande graça me concederá o Senhor se isto servir para que alguma de minhas irmãs O louve um pouquinho mais. Bem sabe Sua Majestade que não tenho outro desejo.

E claro está que, quando eu atinar em dizer alguma coisa, elas entenderão que não vem de mim, pois não há causa para isso, a não ser um entendimento tão pequeno quanto o é — se o Senhor não me socorre com a Sua misericórdia — a minha habilidade em coisas semelhantes.

PRIMEIRAS MORADAS

HÁ NELAS DOIS CAPÍTULOS

CAPÍTULO 1

TRATA DA FORMOSURA E DA DIGNIDADE DA NOSSA ALMA. FAZ UMA COMPARAÇÃO PARA
QUE SE ENTENDA MELHOR O ASSUNTO E FALA DO LUCRO QUE HÁ EM COMPREENDÊ-LA
E CONHECER AS GRAÇAS QUE RECEBEMOS DE DEUS. DIZ AINDA QUE A PORTA DO
CASTELO É A ORAÇÃO.

1. Estando eu hoje suplicando a Nosso Senhor que falasse por mim — já que eu não atinava com o que dizer nem sabia como começar a cumprir a obediência —, deparei com o que agora direi para começar com algum fundamento. Falo de considerar a nossa alma como um castelo todo de diamante ou de cristal muito

claro onde há muitos aposentos, tal como no céu há muitas moradas.¹ A bem da verdade, irmãs, não é outra coisa a alma do justo senão um paraíso onde Ele disse ter Suas delícias. Pois não achais que assim será o aposento onde um Rei tão poderoso, tão sábio, tão puro, tão pleno de todos os bens se deleita?

Não encontro outra coisa com que comparar a grande formosura de uma alma e a sua grande capacidade. De fato, a nossa inteligência — por aguda que seja — mal chega a compreendê-la, assim como não pode chegar a compreender a Deus; pois Ele mesmo disse que nos criou à Sua imagem e semelhança.²

Se assim é — e não há dúvida disso —, não há razão para nos cansar buscando compreender a formosura deste castelo. Pois, ainda que entre ele e Deus exista a diferença que há entre Criador e criatura — já que esse castelo é criatura —, basta que Sua Majestade diga que o fez à Sua imagem para que possamos entender a grande dignidade e formosura da alma.

2. Não é pequena lástima e confusão que, por nossa culpa, não nos entendamos a nós mesmos nem saibamos quem somos. Não seria grande ignorância, filhas minhas, que se perguntasse a uma pessoa quem é e ela não se conhecesse nem soubesse quem foi seu pai, sua mãe ou a terra em que nasceu?

Se isso seria grande insensatez, muito maior, sem comparação, é a nossa quando não procuramos saber quem somos e só nos detemos no corpo. Sabemos que a nossa alma existe apenas por alto, porque assim ouvimos dizer e porque assim nos diz a fé. Mas poucas vezes consideramos as riquezas existentes nessa alma, seu grande valor, quem nela habita; e, assim, não damos importância a conservar sua formosura. Todos os cuidados se consomem na grosseria do engaste ou muralha deste castelo, que são os nossos corpos.³

3. Consideremos portanto que esse castelo tem, como eu disse,⁴ muitas moradas, umas no alto, outras embaixo, outras dos lados. E, no centro, no meio de todas está a principal, onde se passam as coisas mais secretas entre Deus e a alma.

Deveis compreender bem esta comparação; talvez queira Deus que eu possa por meio dela dar-vos a entender alguma coisa das graças que Ele concede às almas e das diferenças que há entre elas, até onde eu tiver entendido ser possível — pois são tantas e tamanhas essas graças que ninguém seria capaz de conhecê-las a todas, muito menos eu, que sou tão ruim. Pois ser-vos-á de grande consolo, quando o Senhor vos conceder essas graças, saber que Ele o pode fazer; quanto àquelas a quem não forem elas concedidas, que louvem a Sua grande bondade.

Assim como não nos causa prejuízo considerar as coisas que há no céu e o que nele gozam os bem-aventurados, antes nos alegrando e nos estimulando a alcançar o que eles já fruem, tampouco nos prejudicará ver que é possível, ainda neste desterro, comunicar-se tão grande Deus com uns vermezinhas asquerosos como nós e amá-los com uma bondade tão plena e uma misericórdia tão sem limites.

Tenho por certo que quem se perturbar em saber que Deus concede grandes graças já neste exílio está muito desprovido de humildade e de amor ao próximo; se assim não é, como podemos deixar de nos alegrar com o fato de Deus conceder essas graças a um irmão nosso, já que isso não impede que o faça a nós, e de Sua Majestade dar a entender Suas grandezas a quem quer que seja? Algumas vezes Ele o fará apenas para mostrar essas grandezas, como afirmou a propósito do cego a quem deu a visão quando os apóstolos Lhe perguntaram se a cegueira se devia aos seus pecados ou aos dos seus pais.⁵

E assim acontece de Deus conceder essas graças não porque as pessoas que as recebem sejam mais santas do que as outras, mas para que se conheça a Sua grandeza — como vemos em São Paulo e em Madalena — e para que O louvemos em Suas criaturas.

4. Poder-se-á dizer que essas coisas parecem impossíveis e que é bom não escandalizar os fracos. Perde-se menos com o fato de que estes não o creiam do que com o de que deixem de beneficiar-se aqueles a quem Deus as concede; estes se consolarão e procurarão amar mais Aquele que, com Seu imenso poder e majestade, tem tanta misericórdia para com eles.

Por outro lado, sei que falo com almas que não estão sujeitas a esse perigo, porque sabem e crêem que Deus dá ainda maiores provas de amor. Sei que os que não crêem nisto não o verão por experiência, porque Deus aprecia muito que não imponham limites às suas obras. Portanto, irmãs, que nunca vos aconteça de fazer isso; digo-o às que não forem levadas por este caminho.

5. Voltando, pois, a nosso formoso e agradável castelo, temos de ver como entrar nele.

Pode parecer que digo algum disparate; porque, se esse castelo é a alma, claro está que não se trata de entrar, pois, se é ele mesmo, pareceria desatino dizer a alguém que entrasse num aposento estando já dentro. Mas deveis saber que há grande diferença entre os modos de estar; existem muitas almas que ficam à volta do castelo,⁶ onde estão os que o guardam, e que não têm interesse em entrar, não sabendo o que há nesse precioso lugar, nem quem está dentro, nem sequer que aposentos possui. Certamente já vistes alguns livros de oração aconselharem a alma a entrar em si mesma;⁷ pois é assim que penso.

6. Dizia-me há pouco um grande erudito⁸ que as almas que não têm oração são como um corpo paralítico ou tolhido, que, embora tenha pés e mãos, não os pode mover. E assim se passa. Há almas tão enfermas e tão habituadas às coisas exteriores que não há remédio nem parecem poder entrar em si mesmas. É tal o seu costume de tratar sempre com os parasitas e alimárias que estão à volta do castelo que já quase se tornaram como eles. Embora de natureza tão rica, capazes de conversar com o próprio Deus,⁹ não há remédio que as cure. E se não procuram entender e remediar sua grande miséria, essas almas se transformarão em estátuas de sal por não voltarem a cabeça para si mesmas, tal como ocorreu à mulher de Lot por voltá-la para trás.¹⁰

7. Pelo que posso entender, a porta para entrar nesse castelo é a oração e reflexão. Não digo oração mental mais do que vocal; para haver oração, é necessária a reflexão. Não chamo oração aquilo em que não se percebe com quem se fala e o que se pede, nem quem pede e a quem; por mais que se mexam os lábios, não se trata de oração. E, se algumas vezes o for, mesmo sem esse cuidado, será por motivos que se justificam.

Mas o costume de falar com a Majestade de Deus como se falaria a um escravo, sequer reparando no que se diz, mas apenas repetindo o que se decorou ou se disse muitas vezes, não o tenho por oração. Praza a Deus que nenhum cristão ore dessa maneira! Entre vós, irmãs, espero em Sua Majestade que jamais haja isso, pois vos acostumastes a tratar de coisas interiores, o que é muito bom para não cair em semelhante insensatez.

8. Não falemos, pois, com essas almas tolhidas que, se o Senhor não vem e lhes ordena que levatem — como o fez com aquele que jazia há trinta anos na piscina —,¹¹ são muito desventuradas e correm grande perigo. Façamo-lo com as almas que chegam enfim a entrar no castelo; porque, embora ainda estejam muito envolvidas no mundo, elas têm bons desejos e vez por outra se encomendam a Nosso Senhor, refletindo sobre quem são, ainda que de forma não muito profunda. No espaço de um mês, rezam um dia ou outro distraídas com as mil coisas que lhes encham o pensamento; extremamente apegadas a elas, o coração ocorre, como se diz, para onde está o seu tesouro.¹²

Elas procuram de quando em quando libertar-se, sendo já grande coisa o próprio conhecimento e o fato de verem que não estão bem encaminhadas para chegar à porta do castelo. Por fim, entram nas primeiras dependências da parte de baixo; mas entram com elas tantos parasitas que não lhes permitem ver a formosura do castelo nem sossegar; muito fazem já em ter entrado.

9. Talvez vos pareça, filhas, que isto é impertinente, pois, pela bondade do Senhor, não sois dessas pessoas. Deveis ter paciência; se assim não for, não saberei explicar, como as tenho entendido, algumas coisas interiores de oração. E queira Deus que eu ainda consiga dizer algo, porque é bem difícil o que eu queria que compreendêsseis se não houver experiência. Se a houver, vereis que o mínimo que se pode fazer é tocar em certos pontos que, praiza o Senhor por Sua misericórdia, não nos dizem respeito.

CAPÍTULO 2

DIZ QUÃO FEIO É UMA ALMA ESTAR EM PECADO MORTAL E COMO DEUS QUIS DAR A ENTENDER ALGO DISTO A UMA PESSOA. FALA TAMBÉM ALGUMA COISA SOBRE O PRÓPRIO CONHECIMENTO E ACERCA DAS MANEIRAS DE SE ENTENDEREM ESSAS MORADAS.

1. Antes de passar adiante, eu gostaria que considerásseis o que será ver esse castelo tão resplandecente e formoso, essa pérola oriental, essa árvore de vida plantada nas próprias águas vivas da vida, que é Deus, quando cai em pecado mortal.¹ Não há treva tão tenebrosa, nem coisa tão escura e negra que se lhe compare.

Basta dizer que o próprio Sol, que lhe dava tanto resplendor e formosura, se encontra ainda no centro da alma, mas é como se isso não acontecesse. Assim como o cristal pode refletir o resplendor do sol, a alma ainda é capaz de fruir de Sua Majestade. Todavia, isso não se beneficia em nada, daí decorrendo que todas as boas obras que fizer, estando ela em pecado mortal, são de nenhum fruto² para alcançar a glória. Isso porque não procedem do princípio pelo qual nossa virtude é virtude — Deus —, mas nos apartam Dele, não podendo ser agradáveis aos Seus olhos.

Porque, em suma, a intenção de quem comete um pecado mortal não é contentar a Deus, mas dar prazer ao demônio. Sendo este as próprias trevas, a pobre alma torna-se também treva como ele.

2. Conheço uma pessoa³ a quem Nosso Senhor quis mostrar como fica uma alma quando comete um pecado mortal. Diz ela que, se se entendesse o que significa isso, ninguém seria capaz de pecar, ainda que tivesse de submeter-se aos maiores sofrimentos para fugir das ocasiões. E assim quis essa pessoa que todos o entendessem. Que também vós, filhas, sintais esse desejo de rogar a Deus pelos que se encontram nesse estado, todos imersos em profunda escuridão, assim como suas obras.

Porque, assim como são claros os pequenos arroios que brotam de uma fonte clara, assim também é uma alma que está em graça, razão pela qual suas obras são tão agradáveis aos olhos de Deus e dos homens.

Porque elas procedem dessa fonte de vida na qual, à semelhança de uma árvore,⁴ a alma está plantada; e ela não teria frescor nem fertilidade se não estivesse ali, sendo a água a responsável pelo seu sustento e pelos seus bons frutos. Quanto à alma que por sua culpa se afasta dessa fonte e se transplanta a outra de águas sujas e fétidas, não produz senão desventura e imundície.

3. Deve-se considerar aqui que a fonte, aquele sol resplandecente que está no centro da alma, não perde seu esplendor e formosura. Ele continua sempre dentro dela, e nada pode tirar-lhe o brilho. Mas, se sobre um cristal que está ao sol se puser um pano espesso e negro, claro está que, embora o sol incida nele, a sua claridade não terá efeito sobre o cristal.⁵

4. Ó almas remidas pelo sangue de Jesus Cristo! Entendei-vos e tende dó de vós mesmas! Como é possível que, entendendo essa verdade, não procureis tirar o piche desse cristal? Olhai que, se a vida se vos acaba, jamais tornareis a gozar dessa luz. Ó Jesus! O que é ver uma alma afastada dela! Como ficam os pobres aposentados do castelo! Como se perturbam os sentidos, isto é, a gente que aí vive! E as faculdades — que são os guardas, os mordomos, os mestres-salas —, com que cegueira e incompetência desempenham suas funções! Em suma: se o lugar em que está plantada a árvore é o demônio, que fruto pode ela dar?

5. Um homem espiritual disse-me certa vez que não se espantava com o que faz aquele que está em pecado mortal, mas com o que não faz. Que Deus, em Sua misericórdia, nos livre de tão grande mal, pois só há uma coisa, enquanto vivemos, que de fato merece esse nome, já que acarreta males eternos e sem fim: o pecado. Isso, filhas, é o que deve nos atemorizar e o que devemos pedir a Deus em nossas orações. Se Ele não guardar a cidade, trabalharemos em vão,⁶ pois somos a própria vaidade.

Dizia aquela pessoa⁷ que extraíra duas coisas proveitosas da graça que Deus lhe concedera. Em primeiro lugar, um imenso temor de ofendê-Lo, o que a levava, vendo tamanhos danos, a suplicar-Lhe sempre que não a deixasse cair. Em segundo lugar, um espelho para a humildade, no qual via que as eventuais coisas boas que fazemos não procedem de nós mesmos, mas da fonte onde está plantada a árvore da nossa alma, bem como do sol que dá calor às nossas obras.

Segundo ela, essa verdade lhe apareceu de forma tão clara que, ao fazer alguma coisa boa ou vendo outros fazê-la, pensava logo Naquele que é a sua fonte e compreendia como, sem a Sua ajuda, de nada somos capazes. Isso a levava a louvar continuamente a Deus e, de modo geral, a não lembrar-se de si quando praticava boas ações.

6. Não será tempo perdido o que gastamos — vós em ler isto, eu, em escrevê-lo — se pelo menos nos restarem esses dois ensinamentos, que os letrados e eruditos conhecem muito bem. Mas a nossa ignorância de mulheres de tudo carece; talvez por isso o Senhor nos traga à lembrança semelhantes comparações. Praza a Sua Majestade dar-nos graça para isso.

7. São tão obscuras de entender essas coisas interiores que é forçoso a quem sabe tão pouco como eu dizer muitas coisas supérfluas e até desatinadas para conseguir chegar a uma formulação adequada. Quem o ler deverá ter paciência, assim como eu a tenho para escrever o que não sei; pois é certo que, às vezes, tomo o papel como uma criatura tola, sem saber o que dizer nem como começar. Bem sei que é importante para vós afirmar-vos algumas coisas interiores, como melhor o puder fazer.

Com efeito, sempre ouvimos falar da excelência da oração, estando pelas nossas constituições obrigadas a ela por várias horas.⁸ Mas só nos exortam àquilo que podemos fazer por nós mesmas, falando pouco do que o Senhor opera numa alma, ou seja, de coisas sobrenaturais.⁹ Explicando-se essas coisas de muitas maneiras, ser-nos-á de grande consolo considerar esse edifício celestial interior, tão desconhecido dos mortais, embora muitos passem por ele.

E, ainda que em outras coisas que escrevi o Senhor me tenha dado algo a entender,¹⁰ creio que algumas não as tinha entendido como de então para cá, em especial as mais difíceis. O problema é que, para chegar a explicá-las, como eu disse,¹¹ terei de repetir coisas muito conhecidas. Não pode ser de outra forma, dada a minha pouca inteligência.

8. Voltemos agora ao nosso castelo de muitas moradas. Não deveis imaginar essas moradas uma após outra, como coisa alinhada; deveis, isto sim, pôr os olhos no centro, que é o aposento ou palácio onde está o rei, e considerá-lo como um palmito, que tem muitas coberturas que cercam tudo o que é saboroso, aquilo que se destina a comer. O mesmo acontece aqui: ao redor desse aposento, há muitos outros e também por cima. Porque as coisas da alma sempre devem ser consideradas com plenitude, amplidão e grandeza, sem receio de exagerar.¹² Sua capacidade suplanta tudo o que podemos considerar, e a todas as partes dela se comunica esse sol que está no palácio.

Isso tem grande importância para qualquer alma que tenha oração, pouca ou muita: que ela não se tolha nem se restrinja. Que ande por essas moradas, em cima, embaixo, dos lados, pois Deus lhe deu essa grandíssima dignidade. Que não seja ela forçada a permanecer muito tempo num só aposento, mesmo que seja o do próprio conhecimento, por mais necessário que seja.

Entendam-me bem: mesmo as almas a quem o Senhor tiver chamado ao aposento íntimo em que se encontra, por mais enlevadas que aí estejam, não devem negligenciar o conhecimento próprio. Nem o poderão fazer, ainda que o queiram, porque a humildade é como uma abelha na colméia: sempre fabrica o seu mel. Sem isso, tudo estaria perdido.

Mas consideremos que a abelha não deixa de sair e voar para trazer flores. Do mesmo modo, a alma voltada para o próprio conhecimento deve voar algumas vezes, a fim de considerar a grandeza e a majestade do seu Deus. Ela constatará a sua baixeza mais do que olhando para si, libertando--se dos parasitas que entram nos primeiros aposentos, que são os do próprio conhecimento. Embora seja grande misericórdia de Deus a alma exercitar-se nisso, tanto se peca por excesso como por falta, segundo se costuma dizer. E crede nisto: com a virtude de Deus, praticaremos assim melhor a virtude do que muito presas ao nosso barro.¹³

9. Não sei se fui clara o bastante, porque a questão de nos conhecer é tão importante que eu gostaria que não houvesse nisso nenhuma negligência, por mais elevadas que estejais nos céus. Enquanto estamos nesta terra, não há coisa que mais nos importe do que a humildade. E assim volto a dizer que é muito bom, extremamente bom, entrar primeiro no aposento do conhecimento próprio antes de voar aos outros, porque esse é o caminho. Se podemos ir pelo seguro e plano, para que haveremos de querer asas para voar? Devemos, pelo contrário, aprofundar-nos mais no conhecimento de nós mesmas.

A meu ver, jamais chegamos a nos conhecer totalmente se não procuramos conhecer a Deus. Olhando a Sua grandeza, percebemos a nossa baixeza; observando a Sua pureza, vemos a nossa sujeira; considerando a Sua humildade, constatamos como estamos longe de ser humildes.

10. Há nisso duas vantagens. Em primeiro lugar, está claro que uma coisa branca parece muito mais branca quando perto de uma negra, e vice--versa. Em segundo, porque o nosso intelecto e a nossa vontade se tornam mais nobres e mais dispostos a todo bem quando, às voltas consigo mesmos, tratam com Deus. Há muitos inconvenientes em nunca abandonar o nosso lodo de misérias.

Assim como, ao falar dos que estão em pecado mortal, dizíamos quão negras e de mau odor são suas águas, assim também, se não sairmos da miséria do nosso lodo — embora, Deus nos livre, isto não passe de comparação, pois não se trata do mesmo caso daqueles —, nunca a corrente sairá do lodo de temores, de pusilanidade e de covardia, bem como de pensamentos como estes: “Estão me olhando — não estão me olhando”; “por esse caminho não terei êxito”; “atrever-me-ei a começar esta obra?”; “será soberba fazê-lo?”; “pode uma pessoa tão miserável como eu tratar de assuntos tão elevados como a oração?”; “vão me achar melhor do que os outros, porque não sigo o caminho trilhado por todos”; “não são bons os extremos, mesmo no que se refere à virtude”; “como sou tão pecadora, cairei de mais alto”; “talvez eu não vá adiante e prejudique os bons”; “não deve ter singularidades uma pessoa como eu”.

11. Oh! Valha-me Deus, filhas, quantas almas o demônio deve ter posto a perder por esse meio! Pois tudo isso lhes parece humildade, bem como muitas outras coisas que eu poderia dizer. A causa é o fato de não nos conhecermos devidamente; distorcemos o conhecimento próprio e, se nunca saímos de nós mesmos, esses e outros males devem causar-nos temor.

Por isso digo, filhas: ponhamos os olhos em Cristo, nosso bem, e com Ele, bem como com seus santos, aprenderemos a verdadeira humildade. Isso nos enobrecerá o intelecto, como eu disse,¹⁴ e evitará que o nosso conhecimento próprio se torne rasteiro e covarde. Porque, embora esta seja apenas a primeira morada, é extremamente rica e de grande valor. Se escaparmos dos parasitas que nela existem, conseguiremos avançar. Terríveis são os ardis e manhas do demônio para que as almas não se conheçam a si mesmas nem entendam o caminho a seguir.

12. Dessas primeiras moradas tenho experiência e poderei dar-vos indícios bastante seguros. Por isso digo¹⁵ que não se imagine serem poucos os aposentos, mas milhares. E as almas entram aqui de muitas maneiras, umas e outras com boa intenção. Mas, como é mal-intencionado, o demônio deve manter legiões de seus emissários em cada peça, a fim de impedir a passagem das almas de umas para as outras. Não o entendendo a pobre alma, de mil formas ele a faz cair em ilusão; mas já não o consegue tanto, perdendo sua força, com as almas que se aproximam de onde está o rei.

Os primeiros aposentos ainda abrigam pessoas muito absorvidas pelo mundo, engolfadas nos contentamentos e desvanecidas com as honras e pretensões. Assim sendo, não têm força os vassallos da alma

— que são os sentidos e faculdades naturais que Deus lhe deu —, sendo essas almas facilmente vencidas, embora nutram desejos de não ofender a Deus e façam boas obras.

As que se virem nesse estado devem recorrer amiúde, como puderem, a Sua Majestade, tomando por intercessora Sua bendita Mãe e pedindo aos Seus santos que pelejem por elas, pois os seus criados pouca força têm para se defender. Na verdade, em todos os estados o auxílio deve proceder de Deus. Sua Majestade no-lo dê por Sua misericórdia. Amém.

13. Que miserável é a vida em que vivemos! Como já falei muito, em outra parte, do prejuízo que nos causa, filhas, não entender adequadamente a questão da humildade e do conhecimento próprio,¹⁶ não me estenderei mais aqui, ainda que isso seja o mais importante, e praza a Deus tenha eu dito alguma coisa que vos seja de proveito.

14. Notareis que essas primeiras moradas quase não recebem nenhuma réstia da luz que sai do palácio onde está o rei. Embora não estejam escuras e negras como quando a alma está em pecado, estão de alguma maneira obscurecidas e não se consegue ver quem está nelas. Isso não por culpa do aposento (não sei dar-me a entender bem), mas porque entraram com a alma tantas cobras, víboras e animais peçonhentos que não a deixam ver a luz. É como se alguém entrasse num lugar com muita claridade e, tendo um cisco nos olhos, quase não os pudesse abrir. O aposento está claro, mas a alma não o percebe por causa dessas feras e alimárias, que a obrigam a fechar os olhos para não ver senão a elas.

Assim me parece ser uma alma que, embora não esteja em mau estado, está tão envolvida em coisas do mundo e tão mergulhada em dinheiro, nas honras ou nos negócios — como tenho dito —¹⁷ que, ainda que de fato deseje ver e gozar sua formosura, não o consegue e não parece poder desvencilhar--se de tantos impedimentos.

Para entrar nas segundas moradas, convém abrir mão das coisas e negócios não necessários, cada um de acordo com seu próprio estado. Isso é tão importante para se chegar à morada principal que, se a alma não o começa a fazer, considero impossível a empreitada, sendo difícil até mesmo manter--se sem perigo nos primeiros aposentos, entre animais peçonhentos, que não a deixarão de morder uma vez ou outra.

15. Pois que seria, filhas, se as almas que já estão livres desses tropeços, como nós, que penetramos em outras moradas secretas do castelo, voltassem por sua culpa a buscar agitações mundanas? Por nossos pecados, deve haver muitas pessoas a quem Deus concedeu graças que, voluntariamente, se lançam nessa miséria. Aqui, estamos livres no que toca ao exterior. No interior, queira Deus que o estejamos, e que Ele nos livre desse mal.

Guardai-vos, filhas minhas, de cuidados alheios. Vede que poucos são os aposentos desse castelo em que os demônios deixam de nos combater. É verdade que, em alguns, os guardas — como creio ter qualificado as faculdades —¹⁸ têm força para lutar. Mas é preciso que não nos descuidemos em desmascarar os ardis do demônio e em não nos deixar iludir pelo inimigo transfigurado em anjo de luz. Pois há uma multiplicidade de coisas em que ele pode nos prejudicar, pouco a pouco, e, até que o faça, não o entendemos.

16. Eu já vos disse uma vez¹⁹ que o demônio age em nós como lima surda. É preciso descobrir suas artimanhas desde o princípio. Vou dizer-vos mais algumas coisas para que o entendais melhor.

Por exemplo, o demônio dá a uma irmã vários ímpetos de penitência, e ela só parece ter descanso quando está se atormentando. Esse princípio é bom; mas, se a priora mandou que não se façam penitências sem licença, o demônio inspira na monja o desejo de se atrever a uma coisa que lhe parece tão boa. Se ela, às escondidas, continua a flagelar-se, acaba por perder a saúde e não poder cumprir o que manda a sua Regra. Por aí já vedes que resultado teve esse bem!

A outra infunde o demônio um zelo de perfeição muito grande. Isto também é muito bom. Mas poderá acontecer de qualquer pequena falta das irmãs parecer a esta monja uma grande infração, o que a levará a vigiá-las atentamente e recorrer à priora para queixar-se. O seu grande zelo da religião pode ainda fazê-la não ver as suas próprias faltas; como as irmãs não vêem o interior, mas apenas o cuidado exterior, podem não interpretá-lo de modo tão favorável.

17. O que o demônio pretende aqui não é pouco: esfriar a caridade e o amor mútuo entre as irmãs, o que seria grande prejuízo. Entendamos, filhas minhas, que a verdadeira perfeição é o amor a Deus e ao próximo. Quanto mais fielmente guardarmos esses dois mandamentos, tanto mais perfeitas seremos. A nossa Regra e as nossas Constituições, em seu conjunto, não servem senão de meios para seguir isso com mais perfeição. Deixemo-nos de zelos indiscretos, que podem nos causar muito dano. Que cada uma olhe para si mesma.

Como já discorri bastante sobre essa questão em outra parte,²⁰ não me estenderei mais aqui.

18. É tão importante esse amor mútuo entre as irmãs que eu desejaria que nunca vos esquecêsseis dele. Porque, ao fixar-nos nas ninharias umas das outras — que às vezes nem são imperfeições, julgando-as nós assim pela nossa ignorância —, fazemos nossa alma perder a paz e até inquietamos a das demais. Vede como custaria caro a perfeição!

Nesse ponto, o demônio poderia inspirar uma tentação ainda mais perigosa: atingir a priora. Aqui é necessária muita discrição. Se forem coisas que vão contra a Regra e as Constituições, nem sempre é bom dar-lhes interpretação favorável. Convém avisar a priora e, se ela não se emendar, dar conta ao prelado. Isto é caridade.

E o mesmo vale para as irmãs, se se tratar de coisa grave. Deixar passar tudo com medo de que seja tentação constituiria a própria tentação. Mas é preciso ponderar muito — para que não sejamos enganados pelo demônio — e não falar desses assuntos com as companheiras, já que o inimigo pode tirar disso grande proveito e instaurar o costume da murmuração. Como eu já disse, devemos falar sobre isso apenas com a pessoa em questão. Aqui, glória a Deus, não há tanta ocasião para isso, porque se guarda contínuo silêncio, mas é bom manter-nos de sobreaviso.

SEGUNDAS MORADAS

HÁ NELAS UM ÚNICO CAPÍTULO

CAPÍTULO ÚNICO

TRATA DA GRANDE IMPORTÂNCIA DA PERSEVERANÇA PARA SE CHEGAR ÀS ÚLTIMAS
MORADAS, BEM COMO DA GRANDE GUERRA TRAVADA PELO DEMÔNIO. FALA TAMBÉM QUE
CONVÉM MUITO NÃO ERRAR O CAMINHO NO PRINCÍPIO PARA TER ÊXITO NA TAREFA. DÁ UM MEIO
QUE VERIFICOU SER MUITO EFICAZ.

1. Vejamos agora quais são as almas que entram nas segundas moradas e o que fazem nelas. Eu gostaria de falar-vos pouco, porque já me estendi bastante sobre o assunto em outras partes,¹ mas, não me recordando de nada do que escrevi, isso me será impossível. Se o pudesse dizer de modo diferente, bem sei que não vos aborreceríeis, assim como não nos enfatiam os livros que tratam desse assunto, embora sejam muitos.

2. As segundas moradas são os aposentos dos que já começaram a ter oração e entenderam a grande importância de não permanecer nas primeiras moradas, mas que, em geral, não têm ainda determinação para deixar de estar nelas,² porque não abandonam as ocasiões, o que é um grande perigo. Mas já é grande misericórdia que, mesmo por pouco tempo, procurem fugir das cobras e coisas peçonhentas e entendam que é bom deixá-las.

Estes, em parte, têm muito mais trabalho que os primeiros, ainda que não tenham tanto perigo; pois parece que já os entendem, havendo grande esperança de que se aprofundem cada vez mais. Digo que têm mais trabalho, porque os primeiros³ são como surdos-mudos, e assim suportam melhor o sofrimento de não falar. Muito pior seria a situação dos que, ouvindo, não pudessem falar. Mas nem por isso é desejável o sofrimento dos que não ouvem, porque, enfim, grande coisa é entender o que nos dizem.

Assim ocorre com as almas que estão nas segundas moradas: entendem os chamados que lhes faz o Senhor, porque vão se aproximando mais de onde se encontra Sua Majestade, que é muito bom vizinho e tem tanta misericórdia e bondade que uma vez ou outra não nos deixa de chamar, pois tem em grande conta que O queiramos e procuremos a Sua companhia. Mesmo estando nós em nossos passatempos, negócios, contentamentos e bagatelas do mundo, ora caindo em pecados, ora levantando-nos (porque esses animais são tão peçonhentos e buliçosos, e tão perigosa é a sua companhia, que só por milagre se pode deixar de tropeçar e cair), não deixa de nos chamar para que nos aproximemos Dele. E essa voz é tão doce que se desfaz a pobre alma se não fizer logo o que ela lhe ordena, sofrendo mais — como digo — do que se não ouvisse a voz divina.

3. Não digo que essas vozes e chamados sejam como outros de que falarei depois.⁴ São palavras que se ouvem de pessoas boas, ou sermões, ou a leitura de bons livros e várias outras coisas que nos são ditas e de que se serve o Senhor para nos chamar. Podem ser também doenças, sofrimentos, bem como uma verdade que

ensina nos momentos em que estamos em oração. Deus valoriza muito esses momentos, por mais destituídos de firmeza e fervor que estejamos.

E vós, irmãs, não tenhais em pouca conta esta primeira graça, nem vos desconsoléis se não responderdes logo ao Senhor. Bem sabe Sua Majestade aguardar muitos dias e anos, em especial quando vê perseverança e bons desejos. Essa perseverança é o mais necessário aqui, porque com ela jamais se deixa de ganhar muito.

Mas terrível é a guerra que aqui travam, de mil maneiras, os demônios, com mais tormento da alma que na anterior;⁵ porque ali ela estava surda e muda — ou pelo menos ouvia muito pouco — e resistia menos, como quem tem, em parte, perdida a esperança de vencer. Aqui, o entendimento está mais vivo e as faculdades, mais hábeis, sendo de tal modo estrondosos os golpes e a artilharia que a alma não pode deixar de ouvir. Os demônios começam a representar aqui as coisas do mundo — que são as cobras — e a fazer que seus contentamentos pareçam quase eternos. Trazem à memória os amigos e parentes, a estima em que a pessoa é tida, a saúde que pode ser perdida nas coisas de penitência — pois, sempre que entra nesta morada, a alma começa a desejar fazer alguma — e mil outras maneiras de impedimento.

4. Ó Jesus, que confusão estabelecem aqui os demônios, e como fica aflita a pobre alma, que não sabe se deve avançar ou voltar ao primeiro aposento! É que a razão, por outro lado, mostra-lhe o engano que é pensar que tudo isso vale alguma coisa em comparação com o seu fim último. A fé ensina-lhe o que deve fazer. A memória recorda-lhe onde vão parar todas as coisas do mundo, tornando-lhe presente a morte (e algumas súbitas) dos que muito fruíram dessas frivolidades. Alguns, vistos em grande prosperidade, jazem debaixo da terra pisada pelos transeuntes, esquecidos de todos. Quantas vezes, ao passar por uma dessas sepulturas, a alma se lembra de que ali se encontra aquele corpo fervilhando de vermes, não lhe escapando igualmente outras coisas que podem acontecer.

A vontade inclina-se a amar Aquele em quem tem visto tão inumeráveis coisas e mostras de amor. Ela gostaria de corresponder a pelo menos uma delas, especialmente quando considera que esse verdadeiro amigo nunca se afasta dela, acompanhando-a e dando-lhe vida e ser. O intelecto, por sua parte, logo ocorre e dá a entender à alma que ela não pode encontrar melhor amigo, ainda que viva muitos anos, que o mundo está cheio de falsidade e que os contentamentos que o demônio lhe oferece estão permeados de sofrimentos, cuidados e contradições.

Diz-lhe ainda o intelecto que, fora desse castelo, não encontrará segurança nem paz, devendo abandonar as casas alheias, já que a sua própria casa está repleta de bens que ela pode saborear. Ninguém acha tudo de que precisa senão em sua casa, em especial quando acolhe tal Hóspede, que a fará senhora de todos os bens. Se a alma quiser, não estará perdida, como o filho pródigo, comendo alimento de porcos.⁶

5. Estas são razões suficientes para vencer os demônios. Mas, ó Senhor e Deus meu, o costume de viver na vaidade e a visão de um mundo que só trata dela estragam tudo. Como a fé se encontra muito amortecida, queremos mais o que vemos do que aquilo que ela nos diz. Entretanto, os nossos próprios olhos nos mostram como são desventurados os que vivem atrás dessas coisas visíveis.

Todo esse mal foi provocado pelas coisas peçonhentas com que lidamos. Como alguém que é mordido por uma víbora se envenena e incha todo, o mesmo acontece conosco neste caso, se não nos acautelamos. É claro que, para sarar, devemos submeter-nos a vários tratamentos. Grande misericórdia tem Deus em não permitir que morramos desse mal. Não há dúvida de que a alma passa aqui por grandes sofrimentos, em particular quando, por seus costumes e condições, o demônio percebe que ela pode avançar muito no caminho de Deus. Todo o inferno se juntará para obrigá-la a sair dessa morada.

6. Ah! Senhor meu! Aqui é necessária a Vossa ajuda, pois sem ela não se pode fazer nada.⁷ Por Vossa misericórdia, não permitais que essa alma seja enganada e abandone o caminho começado. Dai-lhe luz para que ela veja que nisso está todo o seu bem e se afaste das más companhias. De extrema importância é lidar com aqueles que se empenham nas mesmas coisas, bem como aproximar-se deles, não só os que se encontram nos mesmos aposentos, como também os que já se aprofundaram mais. A alma receberá disso grande ajuda, pois a conversa persistente com essas pessoas pode acabar por levá-la para junto delas.

Que ela sempre esteja de sobreaviso para não se deixar vencer; o demônio se afastará depressa se a vir com grande determinação de não voltar às primeiras moradas, preferindo a isso perder a vida, o descanso e tudo o que ele lhe oferece. Que seja viril, e não imite os que se deitavam de braços para beber, quando iam para o combate, não me lembro com quem.⁸ Em vez disso, ela deve determinar-se com firmeza: vai pelejar com todos os demônios e não há melhores armas do que as da cruz.

7. Embora eu já tenha dito isto outras vezes,⁹ vou repeti-lo aqui porque é de grande importância: que a alma não se lembre de que há prazeres nisto que principia, pois essa seria uma maneira muito baixa de

começar a construção de um edifício tão precioso e magnífico. E, se começar sobre a areia, dará com tudo no chão e viverá sempre desgostosa e tentada. Porque não são estas as moradas em que chove o maná. Elas estão mais adiante, onde tudo se revela saboroso segundo os desejos da alma,¹⁰ já que ela só quer o que Deus quer.

É coisa que não deixa de ser engraçada: ainda estamos em meio a mil dificuldades e imperfeições, nossas virtudes ainda não sabem andar, pois só há pouco começaram a nascer (e queira Deus que algumas tenham começado a fazê-lo), e não temos vergonha de querer prazeres na oração e de nos queixar de aridez? Que isso nunca vos aconteça, irmãs! Apegai-vos à cruz que vosso Esposo tomou sobre Si e entendei que ela deve ser a vossa tarefa. Aquela que mais puder padecer, que padeça mais por Ele e será a que melhor se liberta. Considerai o resto acessório e, se o Senhor vo-lo quiser dar, rendei-Lhe muitas graças.

8. Talvez julgueis que estais bem determinadas para os trabalhos exteriores, desde que Deus vos console interiormente. Sua Majestade sabe melhor o que nos convém; não temos de dizer-Lhe o que nos deve dar, pois Ele pode com razão replicar-nos que *não sabemos o que pedimos*.¹¹

Todo o empenho de quem começa a ter oração — e não vos esqueçais disto, pois tem grande importância — deve ser trabalhar, determinar-se e dispor-se, com toda a diligência possível, a amoldar sua vontade à de Deus. Como direi depois,¹² estai bem certas que nisso consiste a maior perfeição a que se pode chegar no caminho espiritual. Quem mais se amoldar à vontade do Senhor mais receberá Dele e mais adiantado estará nesse caminho.

Não penseis que haja aqui muitas complicações nem coisas desconhecidas e ocultas. Todo o nosso bem está nisso. Pois, se erramos no princípio, querendo logo que o Senhor faça a nossa vontade e nos leve por onde imaginamos, que firmeza pode ter o edifício?

Procuremos fazer o que está em nossa mão e evitemos os parasitas peçonhentos. Muitas vezes o Senhor deseja que haja securas e que sejamos perseguidos por maus pensamentos, sem que os possamos afastar para longe de nós. Ele chega mesmo a permitir, em certas ocasiões, que sejamos mordidos, para que saibamos nos proteger melhor depois e para ver se nos pesa muito a ofensa a Ele.

9. Não desanimeis, portanto, se alguma vez cairdes. Não deixeis de querer avançar, pois dessa mesma queda Deus extrairá o bem, como faz aquele que vende o antídoto: para provar sua eficácia, bebe primeiro o veneno. Se não víssemos em outra coisa a nossa miséria e o grande prejuízo que nos advém da dissipação, só esta luta que se passa para voltar a nos recolher bastava.

Poderá haver maior mal do que não nos encontrar em nossa própria casa? Se em nosso próprio lar não temos tranqüilidade, que esperança podemos ter de encontrar sossego em outras coisas? Nossos grandes e verdadeiros amigos e parentes — ou seja, as nossas faculdades, com as quais, mesmo que não queiramos, sempre temos de viver — parecem mover-nos uma guerra, como que sentidos das que lhe fizeram os nossos vícios. Paz, paz, minhas irmãs, disse o Senhor, e admoestou os Seus apóstolos tantas vezes.¹³ Pois, crede-me que, se não a temos e não a procuramos em nossa casa, não a acharemos na dos estranhos.

Acabe-se já esta guerra. Pelo sangue que Ele derramou por nós, eu o peço aos que não começaram a entrar em si; e os que já começaram, que nada seja bastante para fazê-los voltar atrás. Olhai que é pior a recaída do que a queda. Quanto tempo perdido!

Confiai na misericórdia de Deus e nada em vós mesmas, e vereis como Sua Majestade leva a alma de umas moradas a outras, colocando-a na terra¹⁴ onde essas feras não a podem tocar nem cansar; pelo contrário, ela as sujeita a todas e zomba delas, usufruindo de muitos mais bens do que poderia desejar — já nesta vida, digo.

10. Porque, como disse no princípio,¹⁵ escrevi como deveis vos portar nessas perturbações que o demônio aqui suscita, bem como sobre a suavidade que deve caracterizar o começar a recolher-se — que não deve ser feito à força, a fim de ser mais duradouro e contínuo. Assim sendo, não o direi mais aqui, só acrescentando que tem grande importância consultar pessoas experimentadas. Porque o cumprimento de certas coisas obrigatórias vos poderá parecer, equivocadamente, prejudicial ao recolhimento.

Mesmo que não encontremos alguém que nos ensine, o Senhor tudo guiará em nosso proveito, contanto que não deixemos este começo de recolhimento. Para semelhante mal¹⁶ não há remédio senão recomeçar. Caso contrário, a alma pouco a pouco vai perdendo, cada dia mais. Queira Deus que ao menos ela o entenda!

11. Alguma de vós poderia pensar que, se retroceder constitui tão grande mal, melhor seria não se meter nessa tarefa e permanecer fora do castelo. Já vos disse no princípio — e o próprio Senhor o confirma — que

*quem anda no perigo nele perece*¹⁷ e que a porta para entrar nesse castelo é a oração. Ora, pensar que entraremos no céu sem entrar em nós, conhecendo-nos e considerando nossa miséria e o que devemos a Deus e pedindo-Lhe muitas vezes misericórdia, é desatino.

O próprio Senhor diz: *Ninguém subirá a meu Pai senão por mim*. Não sei se disse dessa maneira, creio que sim. E também: *Quem vê a mim vê a meu Pai*.¹⁸ Pois, se nunca olhamos para Ele, nem consideramos o que Lhe devemos e a morte que sofreu por nós, não sei como O poderemos conhecer nem fazer obras em Seu serviço.

Que valor pode ter a fé sem obras? E o que valerão estas se não se unirem aos merecimentos de Jesus Cristo, nosso Bem? E quem nos despertará a amar esse Senhor? Praza a Sua Majestade dar-nos a entender o muito que Lhe custamos e como o servo não é mais do que o Senhor. Que Ele nos mostre também que precisamos trabalhar para gozar de Sua glória; para isso, é necessário orar, a fim de não andar sempre em tentação.¹⁹

TERCEIRAS MORADAS

CONTÊM DOIS CAPÍTULOS

CAPÍTULO 1

TRATA DA POUCA SEGURANÇA QUE PODEMOS	TER ENQUANTO VIVEMOS NESTE	
DESTERRO, POR	MAIS ELEVADO QUE SEJA O ESTADO ATINGIDO	POR
NÓS, E DA CONVENIÊNCIA DE ANDAR	COM TEMOR. HÁ ALGUNS BONS PONTOS.	

1. Àqueles que, pela misericórdia de Deus, venceram esses combates, entrando pela perseverança nas terceiras moradas, que lhes diremos senão: *Bem-aventurado o homem que teme o Senhor*?¹ Não foi pequena graça Sua Majestade permitir que eu agora entenda — eu que costumo ser rude nesses casos — o que quer dizer em vernáculo esse versículo. Sem dúvida, é com razão que chamamos de bem-aventurado quem teme o Senhor, pois, se não retrocede, percorre — a nosso ver — o caminho seguro de sua salvação.²

Aqui vereis, irmãs, a grande importância de vencer as batalhas precedentes. É certo que o Senhor nunca deixa de pôr essa alma em segurança de consciência, o que não é pequeno bem. Digo em segurança e digo mal, pois ela não existe nesta vida; por essa razão, entendi sempre o que digo: a alma sente segurança se não retrocede no caminho começado.

2. Imensa miséria é viver sempre como quem tem inimigos à porta, em constante sobressalto, sem poder dormir nem comer desarmado, com receio de que por algum lado seja possível arrombar sua fortaleza. Ó Senhor e Bem meu! Como quereis que se deseje vida tão miserável? Não é possível deixar de querer e pedir que nos tireis dela, a não ser pela esperança de perdê-la por Vós ou empregá-la em Vosso serviço, e, sobretudo, pela confiança de estar fazendo a Vossa vontade. Se assim ocorre, Deus meu, morramos Convosco, como disse São Tomé,³ já que viver sem Vós não é senão morrer muitas vezes. Ainda mais considerando estes temores de perder-Vos para sempre, temores que não são vãos.

Por isso digo, filhas, que a felicidade que devemos pedir é a de estar já em segurança, como os bem-aventurados. Pois, com esses temores, que satisfação pode ter aquele que a concentra toda em contentar a Deus? E considerai que tal satisfação, e muito maior, tinham alguns santos que caíram em graves pecados. Não sabemos com segurança se Deus nos dará a mão para sair deles e para fazer a penitência que eles fizeram.⁴

3. Certo é, filhas minhas, que escrevo isto com tanto temor que nem sei como o faço nem como vivo quando disso me lembro, o que não ocorre poucas vezes. Rogai a Sua Majestade, filhas minhas, que viva sempre em mim; pois, se assim não for, que segurança pode ter uma vida tão mal empregada quanto a minha? Não vos perturbeis por saberdes que é assim — como algumas vezes tenho percebido em vós quando digo essas coisas. Desejaríeis que eu tivesse sido muito santa, e tendes razão; também eu o quisera. Mas que hei de fazer, se perdi tão grande bem e o fiz só por minha culpa? Não me queixarei do Senhor, que sempre me deu grande ajuda para que se cumprissem os vossos desejos. Não posso dizer isto sem lágrimas, invadida pela grande confusão de ver que escrevo a quem na verdade poderia me ensinar. Dura obediência tem sido esta!

Queira o Senhor que, tendo-o eu feito apenas por Ele, seja de utilidade para vós. Pedi-lhe que perdoe esta miserável atrevida. Mas bem sabe Sua Majestade que só posso confiar em Sua misericórdia; e, já que não

posso deixar de ser quem tenho sido, não tenho outro remédio senão apegar-me a ela e confiar nos méritos de Seu Filho e da Virgem, Sua Mãe, cujo hábito indignamente envergo. E vós, que o trazeis também, louvai-O, pois verdadeiramente sois filhas dessa Senhora. Assim, não tendes de vos perturbar por eu ser ruim, já que possuís tão boa Mãe. Imitai-A e considerai a imensa grandeza dessa Senhora, bem como a vantagem de tê-la por padroeira; pois nem meus grandes pecados e o fato de ser como sou podem empanar minimamente esta sagrada Ordem.

4. Mas de uma coisa vos aviso: que o fato de pertencerdes a esta Ordem e de terdes tal Mãe não vos deixe seguras. Muito santo foi David, e bem sabeis o que foi Salomão. Não deis importância à clausura e à penitência em que viveis, nem vos tenhais em segurança por tratardes sempre de Deus, exercitar--vos constantemente na oração e estardes tão afastadas das coisas do mundo, as quais, em vosso parecer, vos aborrecem. Tudo isso é bom, mas não basta — como eu disse —⁵ para deixar de temer. Desse modo, continuei a refletir sobre este versículo, lembrando-vos dele muitas vezes: *Beatus vir, qui timet Dominum*.⁶

5. Já não sei o que dizia; distraí-me muito e, pensando em mim, fiquei tolhida e incapaz de dizer alguma coisa boa. Quero então deixar disso, por enquanto, e voltar ao que comecei a dizer-vos.⁷ Trata-se das almas que entraram nas terceiras moradas.

Com isso, foi grande a graça que receberam do Senhor, que lhes permitiu superar as primeiras dificuldades. Creio que, pela bondade de Deus existem muitas almas dessas no mundo. Elas têm grande desejo de não ofender Sua Majestade e apreciam fazer penitência, evitando até mesmo os pecados veniais. Têm seus momentos de recolhimento e empregam bem o tempo, exercitando-se em obras de caridade para com o próximo. Essas almas são corretíssimas no falar e no vestir, bem como na administração da casa, quando a têm. Trata-se de estado desejável, sem dúvida, e parece que não há motivo para se negar a elas o acesso até as últimas moradas. O Senhor não lhes negará tal coisa, se elas a quiserem. E que bela disposição é esta para que lhes sejam concedidas todas as graças divinas!

6. Ó Jesus, quem não desejará um bem tão grande, em especial se já passou pelo mais trabalhoso? Todos o quererão. O mesmo acontece conosco, irmãs. Mas, como ainda é preciso mais para que o Senhor possua por completo a alma, não basta dizer que o desejamos, como não bastou ao jovem a quem o Senhor perguntou se queria ser perfeito.⁸ Desde que comecei a falar dessas moradas, tenho-o diante dos olhos. Porque somos como ele, sem tirar nem pôr, sendo essa a causa mais comum das agruras na oração, embora também haja outras.

Não menciono certos sofrimentos interiores intoleráveis por que passam muitas almas boas, sem nenhuma culpa de sua parte, sofrimentos dos quais o Senhor sempre as tira com muito proveito. Tampouco me refiro às que padecem de melancolia e de outras enfermidades. Enfim, em todas as coisas temos de respeitar os juízos de Deus. Mas tenho para mim que a causa mais habitual de agruras na oração é a que mencionei.⁹

Com efeito, essas almas percebem que nada neste mundo as levaria a cometer um pecado, nem mesmo um pecado venial deliberado. Elas empregam bem sua vida e suas posses. Mas se impacientam ao ver que permanece fechada para elas a porta de entrada ao aposento do nosso Rei, de quem se consideram súditas, e de fato o são. Todavia, que não se esqueça: aqui na terra, ainda que o rei tenha numerosos vassallos, nem todos têm acesso à câmara real.

Entrai, entrai, filhas minhas, no interior! Transcendei vossas pequenas obras, pois, por serdes cristãs, deveis tudo isso e muito mais. Que vos baste ser vassallos de Deus. Não vá tão longe a vossa ambição que fiquéis sem nada.

Olhai os santos que tiveram acesso à câmara do Rei e vereis a diferença que há entre eles e nós. Não peçais aquilo que não mereceis; tendo ofendido a Deus, nem nos devia vir à mente a idéia de merecer algum dia a entrada nesse aposento real, por maiores que sejam os nossos serviços.

7. Ó humildade! Não sei que tentação me atinge aqui, pois não posso deixar de crer que falte um pouco dessa virtude a quem dá tanta importância às agruras na oração.

Digo que deixo de lado os grandes trabalhos interiores que mencionei,¹⁰ pois estes são muito mais que falta de devoção. Provemo-nos a nós mesmas, irmãs minhas, ou, antes, que nos prove o Senhor, pois Ele bem o sabe fazer, embora muitas vezes não o queiramos entender, e voltemos às corretas almas de que falávamos. Observemos o que elas fazem por Deus e logo veremos como não temos razão de nos queixar de Sua Majestade. Porque, se Lhe voltamos as costas e, à semelhança do jovem do Evangelho,¹¹ nos entristecemos quando nos diz o que devemos fazer para ser perfeitos, o que pode, segundo vos parece, fazer o Senhor, se Ele há de dar o prêmio de acordo com o amor que Lhe temos? E esse amor, filhas, não será fabricado em nossa imaginação, mas sim provado com obras. E não pensem que o Senhor olhe para as nossas obras; Ele examina a determinação da nossa vontade.¹²

8. Talvez pareça a nós, que trazemos o hábito da Ordem — tendo-o feito por nossa vontade e deixado todas as coisas do mundo, e o que tínhamos, por amor ao Senhor (ainda que sejam as redes de São Pedro,¹³ pois sempre julga dar muito quem dá tudo o que tem) —, que tudo já está feito. Excelente disposição é para a alma perseverar e não voltar ao contato com os parasitas dos primeiros aposentos, nem mesmo pelo desejo.

Sem dúvida, se persistir nesse despojamento e desapego de tudo, a alma alcançará o que pretende. Mas isso deve se dar com a condição — e guardai bem este meu aviso — de se considerar servo inútil, como disse São Paulo ou Cristo.¹⁴ E não creia ela poder assim obrigar Nosso Senhor a conceder-lhe semelhantes graças; pelo contrário, quem mais recebeu mais endividado se encontra.¹⁵

Que podemos fazer por um Deus tão generoso, que morreu por nós, nos criou e nos dá a vida? Podemos dar-nos por venturosos de ir amortizando um pouco o que Lhe devemos, por nos ter Ele servido como fez (uso esta palavra de má vontade, mas de fato foi isso que se passou, pois Ele não fez outra coisa enquanto viveu no mundo). E ainda Lhe pediremos novas graças e consolações?

9. Atentai muito, filhas, para algumas coisas que aqui aponto, ainda que de modo confuso, porque não sei formulá-las melhor. O Senhor vos fará entendê-las, para que possais extrair das agruras humildade, e não inquietação (que é o que pretende o demônio).

E crede que onde há de fato humildade, ainda que Deus nunca dê consolações, dará paz e resignação. Estas vos trarão mais contentamento do que suscitam os regalos em outras almas. Muitas vezes, como tendes lido,¹⁶ Sua Majestade concede esses regalos aos mais fracos, embora eu creia que eles não os trocariam pelas fortalezas dos que se vêm às voltas com agruras. Somos mais amigos de contentamentos do que de cruces. Prova-nos Tu, Senhor, que sabes as verdades, para que nos conheçamos.

CAPÍTULO 2

PROSEGUE NO MESMO ASSUNTO E TRATA DAS SECURAS NA ORAÇÃO, BEM COMO DO QUE, EM SUA
OPINIÃO, PODE DAÍ ADVIR. FALA TAMBÉM QUE DEVEMOS PROVAR-NOS E QUE O SENHOR PROVA OS
QUE SE ENCONTRAM NESTAS MORADAS.

1. Conheci algumas almas, e creio que posso dizer bastantes, que chegaram a este estado. Elas têm vivido muitos anos, ao que parece, nessa retidão e harmonia de alma e corpo. E, depois disso, quando deviam estar com o mundo sob os pés — ou pelo menos plenamente desenganadas dele —, são provadas por Sua Majestade em coisas não muito grandes; ficam então de tal modo inquietas e com o coração tão angustiado que me deixam perplexa e até muito temerosa.

Dar-lhes conselho não é remédio, porque, como elas há muito tratam de virtudes, pensam poder ensinar aos outros e sobrar-lhes razão para se sentir como se sentem.

2. Enfim, não encontrei solução, nem encontro, para consolar tais pessoas, a não ser mostrar grande sentimento de sua pena (e, na verdade, é de dar pena vê-las sujeitas a tanta miséria) e não contradizer suas razões. Isto porque elas as ajeitam de tal modo no pensamento que julgam tudo sentir por amor de Deus, não percebendo que se trata de imperfeição, o que é outro grande engano em gente tão adiantada. Não é de espantar que o sintam, embora, a meu ver, devesse passar depressa o sentimento de coisas semelhantes.

Muitas vezes Deus quer que Seus escolhidos sintam essa miséria e, assim sendo, afasta um pouco o Seu favor. Isso é bastante para que nos conheçamos bem depressa. E logo se entende essa maneira de prová-los; o seu objetivo é fazê-los compreender sua falta de modo muito claro. Às vezes, dá-lhes mais pesar verem-se aflitos pelas coisas da terra, não muito graves, do que pelo sentimento da própria miséria. Neste caso, Deus mostra, ao meu ver, grande misericórdia por eles. Embora haja falta, a humildade sai lucrando muito com isso.

3. Tal coisa não acontece com as pessoas a que me refiro; como eu disse,¹ elas canonizam em seus pensamentos o próprio modo de proceder e desejam que os outros também o façam. Falo de algumas delas, a fim de que nos entendamos e nos provemos a nós mesmas, antes que o Senhor nos prove. É de extrema importância andar atentas e nos termos entendido primeiro.

4. Digamos que sobrevenha uma perda material a uma pessoa rica, sem filhos e sem herdeiros. Nada, porém, que afete o necessário para que ela se mantenha e sustente a casa, sobrando-lhe ainda alguma coisa. Se fica desassossegada e inquieta como se não lhe restasse um pão para comer, como essa pessoa receberá o pedido de Nosso Senhor de que deixe tudo por Ele?²

Aqui entra o pretexto: a pessoa diz que o sente porque quer ter para dar aos pobres. De minha parte, creio que Deus prefere que eu me conforme com a Sua vontade e conserve a paz da minha alma a essa caridade, embora seja desejável procurá-la. Se alguma alma não age assim, porque o Senhor não a elevou tanto, está

bem. Mas que ela entenda ao menos que lhe falta essa liberdade de espírito; com isso, dispor-se-á a que o Senhor a conceda, uma vez que a pedirá a Ele.

Outra pessoa tem o bastante para se manter e até lhe sobra. Apresenta--se a ela a oportunidade de aumentar suas posses. Se se trata de doação, não há mal nisso. Mas procurar essa oportunidade e, depois de a ter, procurar mais e mais não é coisa, por certo, que leve a alma a subir às moradas mais próximas do Rei, ainda que tenha boa intenção — e deve tê-la porque, como eu disse,³ se trata de pessoas de oração e virtude.

5. O mesmo ocorre com essas pessoas quando lhes sobrevém algum desdouro ou pequena mácula da honra. Embora muitas vezes Deus lhe conceda a graça de suportar bem a afronta (porque Ele gosta muito de favorecer a virtude em público, para que não padeça a própria virtude em que elas são tidas; e talvez também porque essas pessoas O têm servido, e Ele é muito bom), fica-lhes uma inquietação tal que elas não conseguem dominar nem esquecer tão depressa.

Valha-me Deus! Serão essas as pessoas que há tanto tempo meditam sobre a Paixão do Senhor, considerando muito bom padecer e até desejando-o? E ainda gostariam que os outros fossem tão corretos quanto elas no seu modo de agir! Queira Deus que essas pessoas não atribuam a dor que sentem à culpa alheia e não a tornem, em seu pensamento, meritória.

6. Talvez vos pareça, irmãs, que eu digo desatinos e que não me dirijo a vós, pois aqui não temos dessas coisas, já que não possuímos renda, nem a queremos ou procuramos, nem tampouco ninguém nos injuria.

Isso mostra que as comparações nem sempre correspondem à realidade. Mas delas se extraem muitas outras coisas que podem acontecer, coisas que não valeria a pena mencionar, nem há por quê. Através dessas comparações, entenderéis se estais suficientemente desapegadas do que deixastes. Aparecem situações sutis — embora não do tipo a que nos referimos — nas quais podereis muito bem colocar-vos à prova e verificar se dominais vossas paixões.

Crede-me: a importância disso não reside no fato de se envergar o hábito religioso, mas em procurar exercitar as virtudes, em submeter a vontade à de Deus em tudo e em dispor a vida de acordo com os desígnios de Sua Majestade. Não desejemos que se faça a nossa vontade, mas sim a Dele. Se não tivermos chegado a este ponto, tenhamos — como eu disse —⁴ humildade, que é o unguento para as nossas feridas. Se de fato a tivermos, virá, ainda que tarde algum tempo, o cirurgião, que é Deus, para nos restituir a saúde.

7. As penitências que essas almas fazem são tão bem calculadas quanto o seu modo de agir. Elas gostam muito da vida para servir a Nosso Senhor com ela, o que não pode ser levado a mal. São muito comedidas ao fazer penitências, a fim de não prejudicar a saúde. Não tendes medo de que se matem, porque a sua razão está muito em si. O amor nelas ainda é insuficiente para que esta seja negligenciada.

No que tange a nós, eu gostaria que a tivéssemos para não nos contentar com essa maneira de servir a Deus, sempre passo a passo,⁵ sem nunca chegar ao fim do caminho. E já será uma grande coisa que não nos percamos, uma vez que, a nosso ver, continuamos andando e nos cansando (porque, crede, esse é um caminho difícil).

O que vos parece, filhas: se uma viagem de um lugar a outro pode ser feita em oito dias, seria bom andar um ano em meio a ventos, neves, chuvas, e percorrendo estradas ruins? Não seria melhor trilhar o caminho de uma vez? Além de tudo, há também o perigo de serpentes. Oh! Que boas provas poderia eu dar disso! E queira Deus que eu tenha avançado, pois muitas vezes me parece que não.

8. Como vamos com tanta prudência, tudo nos assusta, porque a tudo tememos. Assim, não ousamos avançar, como se pudéssemos chegar a essas moradas sem percorrer o caminho, pedindo a outros que o façam por nós. Como isso não é possível, esforçemo-nos, irmãs minhas, pelo amor de Deus. Deixemos nossa razão e nossos temores em Suas mãos e esqueçamos a fraqueza natural que tanto pode nos prejudicar.

Que o cuidado destes nossos corpos fique a cargo dos diretores espirituais; eles lá decidam. Quanto a nós, procuremos apenas caminhar depressa, a fim de ver esse Senhor. Porque, embora o consolo que possais ter seja pouco ou nenhum, o cuidado da saúde pode enganar-nos, ainda mais que não se terá mais por isso, eu posso afirmá-lo.

Também sei que não se trata de castigar o corpo, isso é o de menos. Quando falo em caminhar, refiro-me a fazê-lo com grande humildade. Se bem o entendestes, sabeis que aqui está o problema das que não conseguem avançar. Persuadamo-nos dessa verdade e consideremos sempre ter dado poucos passos; em contrapartida, tenhamos como muito pressurosos e ligeiros os passos de nossas irmãs. Que cada uma não só deseje como procure ser julgada a pior de todas.

9. E, com isso, esse estado é de grande excelência. Caso não haja humildade, ficaremos a vida inteira no mesmo lugar, em meio a mil sofrimentos e misérias. Porque, quando não abandonamos a nós mesmas, o

caminho se torna difícil e trabalhoso, carregadas como estamos da terra da nossa miséria. Não a transportam as pessoas que sobem aos aposentos restantes.

Nestas terceiras moradas, o Senhor, justo e misericordioso (pois dá sempre muito mais do que merecemos), não deixa de pagar, dando-nos contentamentos muito maiores do que os que podemos ter nos consolos e distrações desta vida. Mas não creio que dê muitos gostos, a não ser às vezes para convidar-nos a ver o que se passa nas demais moradas. Isso para que nos disponhamos a entrar nelas.

10. Talvez vos pareça que *contentamentos* e *gostos* são a mesma coisa e estranheis a distinção que estabeleço entre eles. A meu ver, trata-se de coisas bem diferentes, embora eu possa estar enganada. Direi o que penso nas quartas moradas, que vêm depois destas.⁶ Será mais adequado tratar disso lá, porque terei de tratar dos gostos que o Senhor então dá.

Embora pareça sem proveito, isso pode ter alguma utilidade, para que, entendendo o que é cada coisa, possais empenhar-vos em seguir o melhor. É também motivo de muito consolo para as almas que Deus conduz até ali, assim como gera confusão nas que imaginam ter alcançado tudo. As que tiverem humildade se mobilizarão para dar graças; as que estiverem destituídas dessa virtude sentirão despeito, embora não tenham motivo para isso. A perfeição não se encontra nos gostos, nem na recompensa, mas em quem mais ama e em quem melhor age com justiça e verdade.

11. Direis: para que serve tratar dessas graças interiores e dar a entender como são se isso é verdade, como sem dúvida o é? Não o sei. Perguntai-o a quem me mandou escrever. Não sou obrigada a discutir com os superiores, nem ficaria bem; só devo obedecer.

O que vos posso dizer com verdade é que, em outra época, eu não tinha nem conhecia, por experiência, essas graças. Tampouco pensava um dia poder conhecê-las, e não sem razão (com efeito, grande contentamento já teria sido para mim saber ou conjecturar que de algum modo agradava a Deus). Todavia, eu sentia imensa felicidade ao ler nos livros a descrição das graças e consolos concedidos pelo Senhor aos que O servem com fidelidade. Minha alma via neles motivo para louvar com fervor a Deus.

Ora, se a minha alma, que é tão ruim, agia assim, as que são boas e humildes O louvarão muito mais. Se uma só alma O louvar uma única vez, isso já é razão suficiente para dar a conhecer os contentamentos e deleites que perdemos por nossa culpa. Sobretudo porque, se são de Deus, esses contentamentos vêm carregados de amor e apoio, a fim de podermos caminhar sem trabalho e ir crescendo em virtude e boas obras.

Não penseis que importa pouco não colocar barreiras de nossa parte. Quando não é nossa a falta, justo é o Senhor.⁷ Sua Majestade vos dará por outros caminhos o que vos tira por este. Só Ele conhece a razão, pois são muito secretos os Seus desígnios. Sem dúvida será o que mais nos convém.

12. Ao que me parece, as almas que, pela bondade do Senhor, chegaram a este estado (como eu disse,⁸ Deus não lhes faz pequena misericórdia, já que elas estão muito perto de subir mais) teriam grande proveito exercitando-se na prontidão da obediência. Mesmo que não sejam religiosas, ser-lhes-ia muito útil — como o fazem muitas pessoas — ter a quem recorrer para em nada fazerem a própria vontade, que é o que em geral nos causa prejuízos. E elas não devem procurar uma pessoa do seu temperamento, como se diz, que faça tudo com demasiado cuidado, devendo buscar quem esteja muito desenganado das coisas do mundo.

Tratar com quem já conhece o mundo é de grande proveito para nos entender, insuflando-nos grande ânimo ver praticados por outros, com tanta suavidade, sacrifícios que nos parecem impossíveis de fazer. Parece que, com o seu vôo, nos atrevemos a voar, como acontece com os filhotes das aves quando o aprendem. Ainda que não possam dar grandes vôos, eles pouco a pouco imitam seus pais. É de grande proveito, posso afirmá-lo.

Por mais determinadas que estejam em não ofender o Senhor, essas pessoas evitarão as ocasiões de pecar, agindo assim com acerto. Porque, como estão perto das primeiras moradas, poderão voltar a elas. A sua fortaleza não está fundada em terra firme, como os que estão já exercitados em padecer. Estes conhecem as tempestades do mundo e sabem quão pouco têm a temer ou a desejar seus contentamentos. O demônio bem sabe armar ciladas para lhes fazer mal, e poderia acontecer que, indo com bom zelo, querendo impedir pecados alheios, essas pessoas não pudessem resistir às tentações que sobreviessem.

13. Olhemos as nossas faltas e deixemos as dos outros, pois é muito característico de pessoas tão corretas espantarem-se com tudo. E talvez tivéssemos muito que aprender, no que importa, com aqueles diante dos quais nos espantamos. Na compostura exterior e no trato com o próximo levamos vantagem sobre eles. Entretanto, essas coisas, embora louváveis, não são as mais importantes. Não há por que desejar logo que

todos vão pelo nosso caminho, nem devemos pôr-nos a ensinar coisas do espírito, pois talvez nem saibamos o que isso significa.

Com efeito, irmãs, este desejo do bem das almas, que nos é dado por Deus, pode levar-nos a cometer muitos erros. O melhor é ater-nos ao que diz a nossa Regra: “Procurar viver sempre em silêncio e esperança”.⁹ Ao Senhor caberá o cuidado das almas alheias. Desde que não nos descuidemos de suplicá-lo a Sua Majestade, muito nos beneficiaremos com o Seu favor. Que Ele seja bendito para sempre.

QUARTAS MORADAS CONTÊM TRÊS CAPÍTULOS

CAPÍTULO 1

TRATA DA DIFERENÇA QUE HÁ ENTRE CONTENTAMENTOS OU TERNURAS NA ORAÇÃO E GOSTOS.
FALA DO CONTENTAMENTO QUE LHE SUSCITOU ENTENDER QUE A IMAGINAÇÃO E O
INTELECTO SÃO COISAS DIFERENTES. É DE UTILIDADE PARA QUEM SE DISTRAI MUITO NA
ORAÇÃO.¹

1. Para começar a falar das quartas moradas, bastante necessário é o que fiz: encomendar-me ao Espírito Santo e suplicar-Lhe que, daqui em diante, fale por mim, a fim de que eu possa dizer algo das moradas restantes de um modo que o entendais. Porque se começa aqui a abordar coisas sobrenaturais,² dificílimas de explicar, a não ser que Sua Majestade o faça, como fez quando, há cerca de catorze anos, escrevi acerca do que até então havia entendido.³

Tenho hoje, ao que me parece, um pouco mais de luz no que tange a essas graças que o Senhor concede a algumas almas. Saber dizê-las, no entanto, é algo muito diferente. Que o faça Sua Majestade, se disso resultar algum proveito. Caso contrário, não o faça.

2. Como estas moradas já se encontram mais perto de onde está o Rei, é grande a sua formosura, havendo coisas tão delicadas para ver e entender que o intelecto não consegue fazê-lo de modo adequado, resultando tudo bastante obscuro para os que não têm experiência. Quanto aos que já a possuem — particularmente os que a têm muita —, bem o entenderão.

Parece razoável pensar que, para chegarmos a estas moradas, deveremos ter vivido nas outras muito tempo. Embora se costume passar pela que acabamos de descrever, não se trata de regra absoluta, como já tereis ouvido muitas vezes. Porque o Senhor oferece Suas dádivas quando quer, como quer e a quem quer, não afrontando ninguém.⁴

3. Nestas moradas poucas vezes entram os répteis peçonhentos e, se o fazem, não causam prejuízo, antes gerando lucro. E creio que é muito melhor quando entram e perturbam neste estado de oração; porque, se não houvesse tentações, o demônio poderia enganar, misturando suas armadilhas com os gostos que Deus dá. Com isso, poderia causar muito mais prejuízo à alma do que com as suas tentações.

Por sua vez, a alma não lucraria tanto, mergulhando num embevecimento constante e privando-se de tudo o que pode ser ocasião de merecimento para ela. Quando o embevecimento é habitual num ser,⁵ não o tenho por seguro, nem considero possível que, neste desterro, o espírito do Senhor esteja sempre num mesmo ser.

4. Falemos agora do que prometi abordar aqui:⁶ a diferença que há entre contentamentos na oração e gostos. Parece-me que podemos chamar de contentamentos o que adquirimos com a nossa meditação e nossas súplicas a Nosso Senhor. Eles procedem da nossa natureza e, evidentemente, da ajuda de Deus. Pois, em tudo o que se disser, deveis entender que nada podemos fazer sem Ele.⁷

Mas esses contentamentos nascem das próprias obras de virtude que realizamos, constituindo de alguma forma o fruto do nosso trabalho. Não é sem razão que ficamos contentes ao praticar obras semelhantes. Por outro lado, se o considerarmos bem, experimentamos os mesmos contentamentos em muitas coisas que podem ocorrer na terra. Por exemplo, a herança inesperada de uma grande fortuna, o encontro súbito com uma pessoa muito querida, a realização de um negócio importante ou algum feito ilustre que todos reconhecem, ou ainda o ver regressar vivo um marido, irmão ou filho que se julgava morto.

Nessas ocasiões, derramam-se lágrimas de puro contentamento. Até a mim já tem acontecido algumas vezes. Parece-me que, assim como esses contentamentos são naturais, o mesmo se passa com os que nos dão as coisas de Deus; a diferença reside no fato de estes últimos serem de linhagem mais nobre, embora aqueles

tampouco sejam de todo maus. Em suma: os contentamentos começam no que é natural em nós e terminam em Deus.

Por sua vez, os gostos começam em Deus e são sentidos pela nossa natureza, que frui tanto deles como dos que falei, e ainda muito mais. Ó Jesus! Que desejo tenho de saber explicar isto! É que o entendo bem e me parece muito clara a diferença. Mas o meu saber não é suficiente para dá-la a entender; faça-o o Senhor!

5. Agora me lembro de um versículo do último salmo que rezamos em Prima. Ele termina assim: *Cum dilatasti cor meum*.⁸ Essas palavras serão suficientes para que quem tem muita experiência compreenda a diferença que há entre contentamentos e gostos. Quem não a tiver precisará de mais.

Os contentamentos a que me referi não dilatam o coração, costumando antes apertá-lo um pouco, sem empanar a alegria da alma em fazer alguma coisa por Deus. Mas sobrevêm algumas lágrimas de aflição que de algum modo parecem provir da paixão. Eu sei pouco dessas paixões da alma — caso contrário, talvez me fizessem entender. Sendo eu muito ignorante, não sei o que procede dos sentidos e o que procede da nossa natureza. Eu saberia explicá-lo se, além de ter passado por isso, como o fiz, o entendesse. Grande coisa para tudo é ter ciência e letras.

6. O que sei desse estado — isto é, dos regalos e contentamentos que se obtêm na meditação — é que, começando a chorar por causa da Paixão, não parava até ficar com a cabeça atordoada. E o mesmo acontecia se eu chorava por meus pecados. E nisso Nosso Senhor me concedia grande graça. Não quero examinar qual é o melhor — o contentamento ou o gosto. Eu gostaria apenas de saber expressar a diferença que existe entre eles. Às vezes, a disposição de espírito e a natureza contribuem para esses desejos e essas lágrimas. Mas, no final, como eu disse,⁹ desembocam em Deus.

Os contentamentos são muito estimáveis quando há humildade para perceber que não se é melhor por isso. Não sabemos com certeza se são todos efeitos do amor; e, quando forem, são dados por Deus. De forma geral, essas devoções se encontram nas almas que estão nas moradas anteriores, porque agem quase de contínuo com o intelecto, empenhando-se em usá-lo na meditação. E essas almas fazem bem, uma vez que não lhes foi dado mais; melhor fariam, contudo, em ocupar-se em atos de amor e de louvor a Deus, alegrando-se com a Sua bondade e com o fato de Ele ser quem é.

Elas deveriam também empenhar-se em desejar a Sua honra e glória. Enfim, façam-no como puderem, pois isso desperta muito a vontade. E estejam de sobreaviso quando o Senhor lhes der coisas mais elevadas, não as deixando de lado para acabar a meditação de costume.

7. Como me estendi muito acerca deste assunto em outras partes,¹⁰ não o direi aqui. Só quero que estejais cientes disto: para ter benefício neste caminho e subir às moradas que desejamos, o importante não é pensar muito, mas amar muito.¹¹ E, assim, deveis fazer o que mais vos despertar o amor.

É possível que nem saibamos o que é amar; isso não me espantaria muito, porque o amor não está no maior gosto, mas na maior determinação de desejar contentar a Deus, em procurar, na medida do possível, não ofendê-Lo e em pedir-Lhe o aumento contínuo da honra e glória de Seu Filho, bem como a prosperidade da Igreja Católica.

São esses os sinais do amor, e não penseis que a oração consista em fixar o pensamento num só ponto, nem que tudo estará perdido se vos distrairdes um pouco.

8. Eu tenho andado assim, nessa confusão do pensamento, bem aflita algumas vezes. Há pouco mais de quatro anos vim a entender, por experiência, que o pensamento (ou imaginação, para que melhor se compreenda)¹² não é a mesma coisa que o intelecto. Perguntei-o a um erudito, que me confirmou essa verdade, o que não foi para mim motivo de pouco contentamento.

Isso porque, sendo o intelecto uma das faculdades da alma, causava-me tristeza vê-lo às vezes tão volúvel. A imaginação, por sua vez, voa tão depressa que só Deus a pode deter, fixando-a a tal ponto que a alma parece, de certo modo, estar desligada do corpo. Eu via — segundo o meu parecer — as faculdades da alma fixadas em Deus e recolhidas Nele, e, por outro lado, a imaginação alvoroçada. Isso me deixava zozna.¹³

9. Ó Senhor, tende em conta o muito que sofremos neste caminho por falta de instrução! E o mal é que, como não pensamos ser preciso mais do que pensar em Vós, nem sabemos perguntar aos que têm instrução, nem consideramos que haja necessidade de perguntar. Experimentamos terríveis sofrimentos por não nos entendermos. E chegamos a pensar que é grande culpa o que, longe de ser mau, é bom. Daqui provêm as aflições de muitas pessoas voltadas para a oração, ao menos das que são pouco esclarecidas. Elas se queixam de sofrimentos interiores, tornam-se melancólicas, perdem a saúde e até abandonam a oração por completo, desconhecendo que há um mundo interior em nós.

E assim como não podemos deter o movimento do céu, que anda a toda velocidade, tampouco podemos deter a nossa imaginação. Se confundimos todas as faculdades da alma com ela, julgamo-nos perdidas e damos por mal empregado o tempo em que estamos diante de Deus. E muitas vezes, pelo contrário, a alma está muito unida a Ele nas moradas mais elevadas, ao passo que a imaginação se encontra nos arrabaldes do castelo, padecendo com mil animais ferozes e peçonhentos e merecendo com esse padecer. Assim, nem a imaginação deve nos perturbar nem devemos deixar a oração, que é o que deseja o demônio. E, na maioria das vezes, todas as inquietações e sofrimentos advêm do fato de não nos entendermos.

10. Enquanto escrevo, examino o que se passa em minha cabeça, considerando o grande ruído que há nela, como eu disse no princípio.¹⁴ Esse zumbido quase me tornou impossível escrever isto que me mandaram. Tenho a impressão de ter na cabeça rios caudalosos, cujas águas se precipitam. Ouço muitos passarinhos e silvos — não nos ouvidos, mas na parte superior da cabeça, onde dizem estar a parte superior da alma. Pensei assim durante muito tempo, pois julgava que o grande movimento do espírito subia para o alto com velocidade.

Queira Deus que, ao falar adiante das demais moradas, eu me lembre de dizer a causa disso. Aqui não é adequado. Não duvido muito de que o Senhor tenha querido dar-me este mal da cabeça para que eu o entendesse melhor. Com efeito, mesmo este grande zumbido que tenho na cabeça não me atrapalha a oração nem me impede de escrever; pelo contrário, a alma está inteiramente mergulhada em sua quietude, em seu amor e nos desejos de claro conhecimento.

11. Ora, se a parte superior da alma está na parte superior da cabeça, como pode ela não perturbar-se? Isso não o sei, mas sei que é verdade o que digo. É pena quando não se trata de oração com suspensão, pois, nesse caso, até que passe, não se sente nenhum mal. Mas grande mal seria se, por causa desse impedimento, eu deixasse tudo.

Assim sendo, que não nos perturbe a imaginação, nem façamos caso dos pensamentos, porque, se vierem do demônio, desaparecerão só com essa nossa atitude. E se procederem, como de fato o fazem, da miséria herdada, com muitas outras, em consequência do pecado de Adão, devemos ter paciência e sofrer por amor de Deus. Acaso também não estamos sujeitas a comer e dormir, sem poder evitá-lo (o que não é pequeno sofrimento)?

12. Reconheçamos a nossa miséria e desejemos ir ao lugar onde “ninguém nos despreza”. Às vezes me lembro de ter ouvido essas palavras proferidas pela Esposa dos Cânticos.¹⁵ De fato, não vejo coisa mais justa de repetir aqui neste desterro em que vivemos. Creio que todos os desprezos e sofrimentos que pode haver na vida não têm comparação com essas batalhas interiores.

Sejam quais forem o desassossego e a guerra, tudo suportamos se, como eu disse,¹⁶ temos paz em nosso mundo interior. O que é de fato penoso e quase insuportável é que queiramos vir a descansar dos mil sofrimentos que há no mundo, que o próprio Senhor deseje preparar-nos o descanso e que o impedimento esteja em nós mesmas. Por isso, Senhor, levai-nos ao lugar onde não sejamos desprezadas por essas misérias, que parecem às vezes escarnecer da alma!

Nesta vida, a alma pode ver-se liberta disso pelo Senhor ao chegar à última morada, como diremos,¹⁷ se Deus for servido.

13. E talvez essas misérias não causem em todos tanto sofrimento, nem os acometam, como o fizeram a mim durante muitos anos, por eu ser ruim. Parecia que eu queria vingar-me de mim mesma. E, como essa luta foi muito dolorosa para mim, creio que também o pode ser para vós. Por isso o repito sem cessar, na esperança de explicar que se trata de coisa inevitável, não devendo, portanto, inquietar-vos nem afligir-vos. Deixemos andar essa taramela do moinho e moamos a nossa farinha, continuando a trabalhar com a vontade e o intelecto.

14. Esse tormento pode ser maior ou menor, de acordo com a saúde e a época. Padeça-o a pobre alma, ainda que não tenha culpa; pois outras teremos pelas quais é justo sofrer com paciência. E, como não são suficientes nossas leituras e os conselhos que nos dão para que não demos importância a esses pensamentos e imaginações (nós, que pouco sabemos), não me parece tempo perdido aquele que emprego em afirmá-lo e em consolar-vos neste caso. Mas, até que o Senhor nos queira dar luz, pouco benefício temos. Apesar disso, é preciso — e Sua Majestade o deseja — que conheçamos e entendamos o que faz a fraca imaginação, não culpando a alma pelo que procede dela, da natureza e do demônio.

CAPÍTULO 2

PROSSEGUE NO MESMO ASSUNTO E MOSTRA, ATRAVÉS DE UMA COMPARAÇÃO, O QUE SÃO
GOSTOS E COMO DEVEM SER ALCANÇADOS SEM SER PROCURADOS.

1. Valha-me Deus! Em que me meti! Já tinha esquecido do que falava, porque os negócios e a saúde me obrigam a deixá-lo quando está na melhor parte. Como tenho memória ruim e não posso reler o que escrevo, tudo resulta desconcertado.¹ E talvez seja desconcerto tudo aquilo que digo; ao menos é a minha impressão.

Parece-me que falei² dos consolos espirituais: como algumas vezes se mesclam com as nossas paixões, gerando agitações e soluços. Certas pessoas, segundo ouvi dizer, sentem o peito apertado, sobrevindo-lhes mesmo movimentos exteriores que não podem conter. Chegam a pôr sangue pelo nariz e a experimentar outras coisas penosas. Sobre isso não sei dizer nada, porque nunca o senti, mas deve suscitar consolo; porque, como digo,³ tudo desembocará em desejos de contentar a Deus e de fruir de Sua Majestade.

2. O que chamo de “gostos de Deus” — que em outra parte denominei “oração de quietude” —⁴ são coisas muito diferentes, como o entenderão aquelas de vós que, pela misericórdia de Deus, já os tiverem experimentado.

Façamos de conta, para o entender melhor, que vemos duas fontes que vão enchendo de água dois reservatórios ou piscinas. Para explicar algumas coisas do espírito, nada vejo de mais apropriado do que a água. Como sou ignorante e não tenho talento, tenho considerado mais detidamente esse elemento por ser muito amiga dele. Sem dúvida, em todas as coisas criadas por Deus tão grande e sábio deve haver imensos segredos de que não podemos nos beneficiar. É o que fazem os eruditos. Mas creio que, em cada coisinha que Deus criou, há elementos que transcendem o entendimento, ainda que se trate de uma simples formiguinha.

3. Esses dois reservatórios ou piscinas enchem-se de diferentes maneiras. Para um, a água vem de mais longe, através de muitos aquedutos e artificios; o outro, tendo sido construído na própria nascente, vai se enchendo sem nenhum ruído e, quando o manancial é caudaloso — como este a que nos referimos —, transborda e forma um grande arroio, sem precisar recorrer a artificios. Ele sempre está vertendo água, sem depender de aquedutos.

A mesma diferença se estabelece entre os contentamentos e os gostos. Os “contentamentos” que, como tenho dito,⁵ resultam da meditação são, em minha opinião, a água trazida por encanamentos. Isso porque os trazemos mediante o pensamento, recorrendo na meditação às coisas criadas e cansando o intelecto. Em suma, como chegam a nós por meio das nossas diligências, fazem ruído ao encher a alma de proveitos, como fica dito.⁶

4. Na outra fonte, a água vem de sua própria nascente, que é Deus. Assim, quando Sua Majestade deseja e é servido de conceder alguma graça sobrenatural, produz esta água com grandíssima paz, quietude e suavidade no mais íntimo de nós mesmos. Não sei até que ponto nem como. Não sentimos esses contentamentos e deleites no coração, como os da terra — falo do princípio, porque depois todo o ser é preenchido. Essa água vai correndo por todas as moradas e faculdades até chegar ao corpo. Por isso, eu disse⁷ que ela começa em Deus e termina em nós. O certo é que, como o constatará quem o tiver provado, todo o ser exterior usufrui desse gosto e suavidade.

5. Lembrei-me agora, ao escrever isto, de que no versículo *Dilatasti cor meum*,⁸ o Profeta diz que se lhe dilatou o coração. Como digo, não creio que esse deleite se origine no coração, mas num lugar ainda mais interior, como uma coisa profunda. Penso que deve ser o centro da alma, tal como depois vim a entender e explicarei no fim.⁹ Pois a verdade é que vejo segredos em nós mesmos que muitas vezes me espantam. E quantos mais deve haver!

Ó Senhor e Deus meu, quão magníficas são Vossas grandezas! E andamos aqui como pastorzinhos bobos, julgando enxergar de Vós algo que não deve ser mais que nada, já que em nós mesmos há grandes segredos que não entendemos. Digo que não deve ser mais que nada para o muito, muitíssimo que há em Vós, e não porque não sejam magníficas as grandezas que vemos no que podemos compreender das Vossas obras.

6. Voltando ao versículo, a utilidade que pode ter aqui é, ao meu ver, falar dessa dilatação do coração. Parece que, assim que começa a ser produzida a água celestial da nascente a que me refiro — o mais profundo de nós mesmos —, todo o nosso interior vai se dilatando e ampliando e se produzem bens indizíveis. Nem a própria alma sabe entender o que se passa ali. Sente uma fragrância interior, digamos agora, como se nessa grande profundidade houvesse um braseiro onde se lançassem finíssimos perfumes. Não se vê o fogo, não se sabe onde arde, mas o calor e os perfumados vapores penetram a alma toda, não poucas vezes, como eu disse,¹⁰ atingindo também o corpo.

Olhai, entendei-me: não se sente calor nem se aspira o perfume, o que se passa é coisa mais delicada. Uso essas expressões para que compreendais o que digo. E que as pessoas que não o experimentaram acreditem: isso de fato acontece dessa maneira, entendendo-o a alma mais claramente do que eu o digo agora.

Não se trata de coisa que se possa imaginar, porque, por mais esforços que façamos, não a podemos adquirir. Nisso mesmo vemos não ser ela do nosso metal, mas daquele puríssimo ouro da sabedoria divina. Aqui, a meu ver, as faculdades não estão unidas; encontram-se antes embebecidas, olhando com espanto o que será aquilo.

7. É possível que, nestas coisas interiores, eu contradiga algo do que escrevi em outras partes. Não é de espantar, porque, nos quase quinze anos¹¹ decorridos desde que o escrevi, creio ter recebido do Senhor mais luzes para entender tais coisas. Posso estar totalmente errada, tanto agora como então. Mas não mintro. Pela misericórdia de Deus, antes preferiria mil mortes a fazê-lo. Digo o que entendo.

8. Bem me parece que a vontade deve estar unida, de alguma maneira, à de Deus.¹² Mas é nos efeitos e obras posteriores que se conhecem essas verdades da oração, pois eles são o melhor crisol para prová-las. Essa graça de Nosso Senhor é grandíssima para quem a reconhece ao recebê-la; e ainda muito maior será se a alma não voltar atrás depois de recebê-la.

Haveis logo de querer, filhas minhas, procurar ter essa oração, e tendes razão. Pois, como eu disse,¹³ a própria alma não chega a compreender as graças que então lhe concede o Senhor, bem como o amor com que Ele a vai aproximando de Si, sem logo desejar saber como conseguir esse favor. Eu vos direi o que tenho entendido a esse propósito.

9. Deixemos o Senhor concedê-la quando Lhe aprouver, por Sua Majestade assim desejá-lo e sem outra razão. Não devemos nos meter nisso. Ajamos como os que ocupam as moradas anteriores. E humildade, humildade! Por ela, o Senhor se deixa render a tudo quanto Dele queremos.

A primeira coisa em que vereis se sois humildes é não pensando que mereçais essas graças e gostos do Senhor nem que os haveis de ter em vossa vida. Talvez digais: se assim for, como alcançaremos essas graças se não as procuramos? Respondo-vos que não há melhor maneira do que a que vos disse: não procurá-las. E pelas razões que direi.

Em primeiro lugar, porque a principal coisa a fazer neste caso é amar a Deus sem interesse. Em segundo, porque não deixa de ser de pouca humildade pensar que, por nossos serviços miseráveis, haveremos de conseguir coisa tão grande. Em terceiro, porque a verdadeira preparação para essa graça é o desejo de padecer e de imitar o Senhor, e não o de ter consolos, já que, afinal, O temos ofendido. Em quarto, porque Sua Majestade não é obrigado a conceder-nos gostos, como o é de dar-nos a glória eterna se seguirmos os Seus mandamentos. Sem essas graças poderemos salvar-nos, sabendo Ele melhor do que nós o que nos convém e quem O ama de verdade.

Tenho certeza do que falo; conheço pessoas que, só para servir a seu Cristo crucificado, trilham o caminho do amor como se deve fazê-lo. Não só não pedem gostos ao Senhor nem os desejam, como também suplicam a Ele que não lhes dê tais graças nesta vida. É a pura verdade.

A quinta razão é que trabalharíamos em vão, pois, se esta água não é, ao contrário da precedente, trazida por encanamentos, se o manancial não quer produzi-la, pouco benefício extrairemos de nosso cansaço. Quero dizer que, por mais meditação que tenhamos e por mais que nos preocupemos e derramemos lágrimas, não é por aquedutos que essa água é conduzida. Ela só é concedida a quem Deus quer e, na maioria das vezes, isso ocorre quando a alma mais está despreocupada.

10. Ao Senhor pertencemos, irmãs. Que Ele faça o que quiser de nós, levando-nos por onde Lhe aprouver. Creio de fato que a quem genuinamente se humilhar e desaparecer — digo genuinamente, porque não devemos fazê-lo só em pensamento, que muitas vezes nos engana; é preciso desaparecer-se por completo — o Senhor não deixará de conceder essa graça, bem como muitas outras que nem se sabem desejar. Seja Ele bendito para sempre. Amém.

CAPÍTULO 3

EXPLICA O QUE É ORAÇÃO DE RECOLHIMENTO, QUE O SENHOR COSTUMA CONCEDER ANTES DA DOS GOSTOS. FALA DOS SEUS EFEITOS, BEM COMO DOS QUE FICAM DA ORAÇÃO ANTERIOR.

1. São muitos os efeitos desta oração; direi alguns. Mas falarei primeiro de outra maneira de oração, que quase sempre começa antes da que tratamos. Como já a abordei em outras partes,¹ não me estenderei sobre o assunto.

Trata-se de um recolhimento que também me parece sobrenatural, porque não consiste em ficar às escuras ou em fechar os olhos, nem em coisa alguma exterior, muito embora, involuntariamente se fechem os olhos e se deseje solidão. Sem artificios humanos, parece que se vai construindo o edifício para a oração a que me referi.² Os nossos sentidos e as coisas exteriores parecem ir perdendo seus direitos, ao passo que a alma vai recuperando os seus, que havia perdido.

2. Dizem que a alma entra em si; outras vezes, que “se eleva acima de si”.³ Com essa linguagem não saberei esclarecer nada, pois tenho este defeito: pensar que, dizendo as coisas como sei, me dou a entender, quando talvez elas só estejam claras para mim.

Façamos de conta que os sentidos e as faculdades — que são, como eu já disse,⁴ os habitantes deste castelo (a comparação que usei para conseguir explicar algo do assunto) — saíram e andam, há dias e anos, com gente estranha, inimiga do bem do castelo. Suponhamos também que, vendo a sua perdição, eles já vêm se acercando deste, embora não cheguem a entrar (porque terrível é o mau costume). Mas já não são traidores e andam ao seu redor.

Vendo-os já animados de boa vontade, o grande Rei que reside no castelo deseja, por Sua grande misericórdia, trazê-los de novo a Si e, como bom pastor, com um assovio tão suave que nem mesmo eles quase ouvem, faz que conheçam Sua voz e não andem tão perdidos, mas voltem à sua morada. E tem tanta força esse assovio do pastor que eles abandonam as coisas exteriores que os absorviam e entram no castelo.

3. Parece-me que nunca o dei a entender tão bem quanto agora. Pois, para buscar a Deus no interior da alma — onde, mais que nas criaturas, melhor O encontramos e com mais proveito, como disse Santo Agostinho, que aí O achou, depois de tê-Lo procurado em muitos lugares —,⁵ é de grande ajuda receber de Deus essa graça.

E não julgueis que ela possa ser alcançada por meio do intelecto, empenhando-vos em pensar que tendes Deus dentro de vós, ou pela imaginação, imaginando-O dentro de vós. Isto que acabei de dizer, além de bom, é uma excelente maneira de meditar, porque se funda sobre esta verdade: o fato de Deus estar dentro de nós mesmos. Contudo, não se trata disso, pois cada um o pode fazer, com o favor do Senhor, evidentemente.

Aquilo a que me refiro, no entanto, se passa de modo diferente. Às vezes, antes de se começar a pensar em Deus, os sentidos e faculdades já se encontram no castelo, não sabendo eu por onde nem como ouviram o assovio do pastor. Não foi pelos ouvidos, pois não se ouviu nada. Mas sente-se notavelmente um recolhimento suave para o interior, como verá quem passar por isto, já que eu não o sei elucidar melhor.

Creio ter lido que é semelhante ao que o ouriço ou a tartaruga fazem quando se escondem em si mesmos.⁶ E quem o escreveu devia entendê-lo bem. Mas esses animais entram em si quando queres; isto de que falo não está em nosso querer, ocorrendo quando o Senhor deseja nos conceder essa graça.

Tenho para mim que, quando a concede, Sua Majestade o faz a pessoas que já abriram mão das coisas do mundo. Não digo por obras — pois alguns, em virtude de seu estado, não o podem fazer —, mas pelo desejo, chamando--as particularmente a atentar para as coisas interiores. Assim, creio que, se queremos dar lugar a Sua Majestade, Ele não se limitará a dar isto àqueles a quem já começou a convidar para muito mais.

4. Louve-O muito quem reconhecer isto em si, pois é muitíssimo justo que se entenda o favor recebido; e a ação de graças que se dá por ele disporá a alma a conseguir outros maiores. Prepara também a alma para saber escutar a Deus, como se aconselha em alguns livros; eles dizem que não se procure discorrer com o intelecto, mas que se fique atento para o que o Senhor opera na alma.⁷

E, se Sua Majestade não começou a fazê-lo em nós, não consigo entender como seja possível deter o pensamento de maneira que não provoque mais prejuízo do que benefício. É verdade que isso foi objeto de uma controvérsia bem renhida entre algumas pessoas espirituais. Eu, por mim, confesso a minha pouca humildade: nunca me deram razão para que eu me renda ao que dizem. Uma dessas pessoas recorreu a certo livro do santo Frei Pedro de Alcântara, a quem tenho de fato na conta de santo. A ele eu me renderia, porque sei que dominava o assunto.⁸ Lemos esse livro, e ele diz o mesmo que eu, embora com outras palavras. Mas entende-se no que diz que o amor já deverá estar desperto. Pode ser que eu me engane, mas guiam-me as seguintes razões:

5. A primeira é que, nesta obra de espírito, quem menos pensa e quer fazer é quem mais faz. O que devemos fazer é pedir como pobres necessitados diante de um rico imperador e logo baixar os olhos, esperando com humildade. Quando percebemos que Deus, por Seus secretos caminhos, nos ouve, devemos calar-nos, pois Ele nos permitiu estar junto de Si, sendo aconselhável procurar não trabalhar com o intelecto — se nos for possível, quero dizer. Mas, se ainda não percebemos que esse Rei nos ouviu e nos vê, não devemos ficar espantados.

Não pouco o fica a alma quando isso procurou. E fica muito mais seca, e até talvez mais inquieta a imaginação, com a força despendida para não pensar em nada. Não façamos assim; o Senhor quer que Lhe peçamos e consideremos estar em Sua presença, pois sabe o que nos convém. Não posso concordar com o recurso a artificios humanos em coisas a que Sua Majestade parece ter imposto limites, porque as reserva para Si. Ele não impôs esses limites a muitas outras, que podemos fazer com a Sua ajuda, até onde permite a nossa miséria, como penitências, boas obras e orações.

6. A segunda razão é que essas obras interiores são todas suaves e pacíficas, e fazer algo penoso antes prejudica do que beneficia. Chamo de algo penoso todo esforço que se queira fazer, como, por exemplo, reter a respiração. Não é isso o que convém, mas abandonar-se a alma nas mãos de Deus. Que Ele faça dela o que quiser, ficando a alma, tanto quanto puder, num total desapego do proveito próprio e resignando-se à vontade do Senhor.

A terceira é que a própria preocupação em não pensar nada talvez desperte o pensamento a pensar muito.

A quarta é que o mais substancial e agradável a Deus é que nos lembremos de Sua honra e glória, e nos esqueçamos de nós mesmos e do nosso proveito, do nosso consolo e gosto. Pois, como estará esquecido de si aquele que se preocupa tanto que nem ousa se mexer nem sequer deixa que o seu intelecto e os seus desejos se movam a desejar a maior glória de Deus nem se alegrem por aquela que o Senhor possui?

Quando quer que o intelecto se detenha, Sua Majestade ocupa-o de outra maneira e dá ao conhecimento uma luz tão superior à que podemos alcançar que o faz ficar absorto. E, então, sem saber como, ele aprende muito mais do que o faria com todos os nossos esforços, que antes poriam tudo a perder. Pois, se Deus nos deu as faculdades para que com elas trabalhássemos e se tudo tem o seu valor, não há por que sujeitá-las a encantamentos. Deixemo--las fazer o seu ofício, até que o Senhor lhes reserve outro maior.

7. Segundo entendo, o que mais convém à alma a quem o Senhor quis colocar nesta morada é fazer o que fica dito.⁹ Que sem nenhum esforço ou ruído ela procure interromper o discorrer do intelecto, mas não suspendê-lo, nem à imaginação. É bom que se lembre de que está diante de Deus e Quem é esse Deus. Se, com o que sente em si, a alma ficar embebida, tanto melhor. Mas que não procure entender o que é, porque se trata de dom destinado à vontade. Usufrua dele sem nenhum artifício, apenas com algumas palavras amorosas. Embora não procuremos estar aí sem pensar em nada, estamos assim muitas vezes, ainda que por um breve espaço de tempo.

8. Mas, como eu disse em outro lugar,¹⁰ o motivo pelo qual, nesta maneira de oração (falo daquela pela qual comecei esta morada, pois acabei falando também da de recolhimento, de que devia ter falado primeiro, porque esta última é inferior à dos gostos de Deus de que falei — embora seja princípio para chegar a ela —, na oração de recolhimento, não se devem deixar a meditação nem o trabalho do intelecto),¹¹ nesta fonte manancial que não vem por aquedutos, o intelecto se contém ou é contido pelo fato de ver que não entende o que quer. Assim anda de um lado para o outro, como tonto que em nada toma assento.

Quanto à vontade, está tão mergulhada em seu Deus que Lhe causa grande perturbação a agitação do intelecto. Assim, não deve dar importância a ele — pois a fará perder muito do que usufrui —, mas deixá-lo e deixar-se a si mesma nos braços do amor. Sua Majestade Lhe ensinará o que fazer nessa situação. Quase tudo consiste em achar-se indigna de tanto bem e dedicar-se à ação de graças.

9. Por ter tratado da oração de recolhimento, deixei para depois os efeitos ou sinais que se observam nas almas a quem Deus Nosso Senhor dá esta oração.¹² Percebe-se claramente uma dilatação ou alargamento da alma, tal como se a água que escorre de uma fonte não tivesse para onde dirigir-se, mas a própria fonte fosse de forma tal que, quanto mais água corresse, maior ela se tornasse. Assim parece acontecer nesta oração. Verificam-se também muitas outras maravilhas que Deus opera na alma, com a finalidade de ir capacitando-a e dispondo-a a nela depositar tudo o que puder.

Assim, essa suavidade e dilatação interior são vistas na liberdade que a alma adquire de não ficar presa como antes às coisas do serviço de Deus, passando a encará-las com muito mais amplitude de espírito. Por exemplo, não fica tolhida pelo temor do inferno, porque, embora tenha um grande medo de ofender a Deus, perde aqui o temor servil e adquire grande confiança de que há de gozar de Sua presença. Tampouco tem o costumeiro temor de fazer penitência e perder a saúde, parecendo-Lhe que tudo poderá em Deus.¹³ Sente mais desejos de penitência do que até então.

Modera-se o temor que a alma sentia dos sofrimentos, porque tem mais viva a fé e entende que, se padecê-los por Deus, Sua Majestade Lhe dará graça para suportá-los com paciência. Ela chega mesmo algumas vezes a desejá-los, porque tem também grande vontade de fazer alguma coisa por Deus. Como vai conhecendo melhor Suas grandezas, considera-se já mais miserável; como já experimentou os

gostos de Deus, vê que os do mundo são lixo, vai se afastando deles pouco a pouco e tem mais domínio para fazê-lo.

Em suma, a alma aperfeiçoa-se em todas as virtudes e não deixa de continuar a crescer se não retrocede e volta a ofender a Deus. Neste caso, tudo se perde, por mais que uma alma tenha atingido o ápice. Não quero dizer que, concedendo Deus estas graças por uma ou duas vezes, resultem todos esses frutos. A alma deve perseverar em recebê-las, pois nessa perseverança consiste todo o nosso bem.

10. Insisto num aviso a quem se encontrar neste estado: evite muitíssimo as ocasiões de ofender a Deus. É que, neste ponto, a alma ainda não está formada. Que se pode esperar senão a morte se se afasta do peito da mãe uma criança que começa a mamar? Tenho grande temor de que isso aconteça a quem, tendo recebido de Deus essa graça, se afastar da oração, a não ser por motivo muito grave e que se volte a ela de imediato. Caso contrário, a alma irá de mal a pior.

Muito há que temer neste caso. Conheço algumas pessoas que me causam grande lástima. Elas exemplificam o que digo: afastaram-se Daquele que, com tanto amor, queria dar-lhes a Sua amizade, mostrando-o por obras. Insisto tanto no aviso de evitar as ocasiões de pecado porque o demônio tenta muito mais uma alma destas do que várias outras a quem o Senhor não tenha concedido essas graças. Isso porque as almas que as receberam podem causar-lhe grande prejuízo levando outras consigo e, provavelmente, beneficiando muito a Igreja de Deus. Basta, aliás, ao demônio ver que Sua Majestade mostra por uma alma amor particular para que tudo faça a fim de perdê-la. Assim, essas almas são muito combatidas e, se vierem a perder-se, serão muito mais desgraçadas do que as outras.

Vós, irmãs, estais, ao que parece, livres desses perigos. Deus vos livre da soberba e da vanglória, bem como das ilusões do demônio! Embora ele possa querer contrafazer essas graças, logo é percebido, porque não se produzem os efeitos acima descritos, mas tudo ao contrário.

11. Para um perigo vos quero alertar, ainda que já o tenha feito em outra parte:¹⁴ aquele em que vi cair pessoas de oração, em especial mulheres, porque, como somos mais fracas, damos mais ocasião ao que vou dizer. Algumas há que, sendo fracas de compleição — por causa de muita penitência, oração e freqüentes vigílias, ou mesmo sem isso —, são submetidas pela natureza a terem algum consolo. Como sentem algum contentamento interior e uma fraqueza exterior,¹⁵ confundem o sono espiritual — que é uma graça superior às mencionadas —¹⁶ com o comum e deixam-se embevecer. E, quanto mais se entregam a isso, tanto mais se embevecem, porque a natureza vai se enfraquecendo mais e, em sua opinião, isso constitui um arroubo. Eu, de minha parte, o chamo de pasmaceira, pois não se trata senão de perda de tempo e de saúde.

12. A certa pessoa lhe acontecia de ficar nesse estado oito horas. Ela nem perdia os sentidos nem tinha noção de Deus. Mantinha em engano o confessor e muitos outros, bem como a si mesma, embora involuntariamente. Mas houve quem a entendesse. Mandaram-na comer, dormir e não fazer tanta penitência; com isso, desapareceu tudo. Creio de fato que o demônio se esforçava aí para tirar algum lucro, tendo chegado a consegui-lo em alguma medida.

13. Entenda-se bem: quando é coisa verdadeiramente de Deus, embora haja desfalecimento interior e exterior, a alma não desfalece. Pelo contrário, tem grandes sentimentos ao ver-se tão perto de Deus. Mas esse estado não dura tanto, sendo bastante breve, embora a alma volte às vezes a ficar absorvida. Esta oração, a não ser por fraqueza, como eu já disse,¹⁷ não chega a abater o corpo nem produz efeitos exteriores.

Ficai, portanto, de sobreaviso: quando sentirdes isso em vós, dizei-o à prelada e distraí-vos como puderdes. Que ela faça que não tenhais tantas horas de oração, mas muito pouco tempo, e que durmais bem e comais até que vos torne a vir a força natural, se ela foi perdida por demasiada austeridade.

Se alguma for de tão fraca compleição que não lhe bastem esses cuidados, crede-me que Deus não a deseja senão para a vida ativa, já que deve haver de tudo nos mosteiros. Que seja ocupada em ofícios, sempre sendo usadas precauções para que não tenha muita solidão; caso contrário, poderá perder por completo a saúde. Grande mortificação será para ela; o Senhor quer aqui provar o amor que essa alma Lhe tem, pela forma como suporta a Sua ausência, e talvez seja servido de voltar a lhe dar forças depois de algum tempo. Se isso não acontecer, com oração vocal e obediência, essa alma ganhará e merecerá o que deveria merecer por este outro caminho, ou porventura mais.

14. Também pode haver algumas tão fracas de cabeça e imaginação — como tenho conhecido — que lhes pareça ver tudo quanto imaginam. Isso é muito perigoso. Como talvez se venha a tratar desse assunto adiante,¹⁸ não direi aqui mais nada. Estendi-me muito nesta morada por ser nela que, segundo creio, entra o maior número de almas. E, como também entra o natural juntamente com o sobrenatural,¹⁹ o demônio pode

causar mais prejuízo. Isso porque, nas moradas restantes, o Senhor não lhe dá tanto lugar. Que Ele seja para sempre louvado! Amém.

QUINTAS MORADAS

CONTÊM QUATRO CAPÍTULOS

CAPÍTULO 1

COMEÇA A FALAR COMO A ALMA SE UNE A DEUS

NA ORAÇÃO. DIZ COMO SE SABERÁ

NÃO SER ENGANO.

1. Ó irmãs! Como vos poderei descrever a riqueza, os tesouros e os deleites que há nas quintas moradas? Creio que seria melhor não dizer nada das que faltam, pois não se saberia descrevê-las; o intelecto não é capaz de captá-las nem as comparações servem para explicá-las. Para esse fim, são muito baixas as coisas da terra.

Senhor meu, enviai do céu luz para que eu possa esclarecer de algum modo estas Vossas servas — pois sois servido que algumas delas fruam tão amiúde esses consolos —, a fim de que não sejam elas enganadas pelo demônio, transfigurado em anjo de luz. Pois empregam todos os seus desejos em querer contentar-Vos.

2. Eu disse que “algumas delas” fruem esses deleites. No entanto, bem poucas não entram nesta morada de que falarei agora. Há mais e menos,¹ e assim digo que são em maior número as que entram nelas. Não obstante, poucas recebem certas graças particulares que há nesse aposento, disso tenho certeza. Embora elas não façam mais que chegar à porta, é grande a misericórdia de Deus, porque, ainda que sejam muitos os chamados, poucos são os escolhidos.²

Assim, digo agora que, embora todas as que trazemos este sagrado hábito do Carmo sejamos chamadas à oração e contemplação (porque foi essa a nossa origem; descendemos dos santos padres do Monte Carmelo que, em tão grande solidão e com tanto desprezo do mundo, buscavam esse tesouro, essa pérola preciosa de que falamos), poucas de nós nos dispomos a que o Senhor nos revele esse tesouro. No que tange ao exterior, caminhamos bem para chegar ao necessário nas virtudes; mas, para chegarmos aqui, precisamos de muito, muito, não devendo nos descuidar nem pouco nem muito.

Por isso, irmãs minhas, devemos pedir agora ao Senhor — já que de algum modo podemos gozar do céu na terra — que nos dê o Seu favor, a fim de não o desmerecermos por nossa culpa. Que Ele nos mostre o caminho e dê forças à nossa alma para cavar até encontrar esse tesouro escondido.³ A verdade é que Ele está em nós mesmas; é isso o que eu gostaria de explicar--vos, se o Senhor for servido que eu o saiba fazer.

3. Eu disse “forças à alma” para que entendais que as do corpo não fazem falta a quem Deus Nosso Senhor não as dá. A sua ausência não impossibilita ninguém de adquirir as Suas riquezas. Desde que cada um dê o que tiver, Ele já se contenta. Bendito seja tão grande Deus!

Mas olhai, filhas, para isso de que tratamos, o Senhor não quer que fiquéis com nada. Pouco ou muito, tudo o que quer para Si. De acordo com o que considerardes que tendes dado, ser-vos-ão concedidas maiores ou menores graças. Não há melhor prova para entender se a nossa oração chegou ou não à união total.

Não penseis que se trata de algo parecido a um sonho, como a passada.⁴ Digo semelhante a um sonho porque a alma parece estar como que adormecida: nem lhe parece que dorme nem se sente acordada. Aqui, estamos todas adormecidas, e bem adormecidas, às coisas do mundo e a nós mesmas. Na verdade, ficamos como sem sentidos durante o pouco tempo em que dura a união e não podemos pensar, ainda que o queiramos. Aqui, não é preciso artifício para deter a imaginação.

4. Até no amor é assim: a alma não entende como ama, o que ama nem o que deseja. Em suma, está como quem morreu para o mundo, a fim de viver mais em Deus. Assim, é uma morte saborosa, apartando-se a alma — que permanece no corpo — de todas as operações que pode ter. Morte igualmente deleitosa, porque, embora pareça de fato que se afasta do corpo, a alma o faz para melhor estar em Deus, e de tal maneira que sequer sei se lhe resta vida para respirar. Pensando agora nisso, parece-me que não. Pelo menos, se respira, é sem saber que o faz.⁵

A alma desejaria empregar todo o seu intelecto em entender algo do que sente; como suas forças não bastam, ele se admira. Se não se perde de todo, não mexe pé nem mão, como se costuma dizer de uma pessoa tão desmaiada que parece morta. Ó segredos de Deus! Eu não me cansaria tentando explicá--lo a vós se acreditasse poder acertar de alguma maneira. Assim, direi mil disparates e, se alguma vez acertar, louvemos muito ao Senhor.

5. Eu disse que não era semelhante ao sonho⁶ porque, na morada anterior, até ser grande a experiência, a alma fica em dúvida sobre o que foi aquilo: ilusão, sonho, coisa dada por Deus ou transfiguração do demônio em anjo de luz. Ela fica com mil suspeitas, sendo bom que as tenha, porque — como eu disse —⁷ até a própria natureza pode ser aí fonte de engano para nós.

Embora nessa morada não entrem os répteis venenosos, algumas pequenas lagartixas podem fazê-lo, porque são delgadas e passam por qualquer lugar. Elas não causam prejuízo (em especial se não se dá importância a elas, porque são pequenos pensamentos que procedem da imaginação e do que foi dito⁸), mas muitas vezes importunam.

Na morada de que falamos aqui, por esguias que sejam, as lagartixas não podem entrar, já que não há imaginação, memória ou intelecto que possam impedir este bem. E ousarei afirmar que, se se tratar de genuína união de Deus, o demônio não pode entrar nem tampouco causar prejuízo, porque o Senhor se encontra tão unido à essência da alma que o inimigo não arriscará aproximar-se. Creio que nem mesmo entende esses segredos. E é claro; se, como dizem, ele não entende o nosso pensamento, menos entenderia coisa tão secreta que Deus não a confia nem ao nosso intelecto.⁹

Ó grande bem, estado onde esse maldito não nos faz mal! Assim fica a alma com inestimáveis lucros, já que Deus trabalha nela sem que ninguém O atrapalhe, nem nós mesmos! O que não vos dará Quem é tão amigo de dar e pode dar tudo o que deseja?

6. Parece que vos deixo confusas dizendo “se é união de Deus” e sugerindo outras uniões. E como as há! Ainda que seja em coisas vãs, havendo grande paixão por elas, o demônio causa transportes.¹⁰ Mas não da maneira que Deus o faz nem com o deleite e satisfação da alma, bem como paz e gozo. Estes ultrapassam todos os prazeres da terra, todos os deleites, todos os contentamentos, e ainda muito mais. Pois, considerando-se onde são engendrados, em nada se relacionam esses contentamentos com os da terra. É muito diferente o modo de os sentir, como mostra a experiência. Disse eu uma vez¹¹ que é como se uns atingissem a superfície grosseira do corpo e os outros tocassem a medula dos ossos. E parece que discerni bem, não sabendo agora como explicar melhor.

7. Parece-me que ainda não vos vejo satisfeitas, com receio de cair em algum engano, considerando esse interior coisa difícil de examinar. Ainda que, para quem já passou pela experiência, baste o que fica dito, como é grande a diferença dos sentimentos entre uns e outros, quero dar-vos um sinal claro para que não haja dúvida possível a respeito das verdadeiras graças de Deus. Sua Majestade o trouxe hoje à minha memória, e me parece ser ele o sinal certo.

Em coisas difíceis, mesmo quando eu julgo entendê-las e dizer a verdade sobre elas, uso sempre a expressão “parece-me”. Se acontecer de eu me enganar, estou bem pronta a aceitar o que disserem os eruditos. Porque, ainda que não tenham passado por essas coisas, eles têm um não-sei-quê próprio dos grandes letrados. Como Deus os destina a iluminar a Sua Igreja, quando se trata de uma verdade, dá-lhes luz para que a admitam; e se não são dissipados, mas servos de Deus, nunca se espantam com as Suas grandezas, pois bem sabem que Ele pode muitíssimo mais. Enfim, quando se trata de coisas não perfeitamente esclarecidas, eles encontram meios de explicá-las por meio de outras já descritas. Através destas, vêem que as primeiras são também possíveis.

8. Tenho imensa experiência disso, bem como de uns semiletrados cheios de espanto, porque estes me custam muito caro.¹² Pelo menos julgo que tem bem fechada a porta ao recebimento dessas graças aquele que não crê que Deus pode muito mais, bem como que teve e tem por bem comunicá-lo algumas vezes às Suas criaturas. Por isso, irmãs, que isso nunca vos aconteça.

Pelo contrário, crede que Deus pode fazer muito mais, e mais ainda, e não vos detenhais considerando se são ruins ou bons aqueles a quem Deus concede essas graças, pois Sua Majestade sabe o que faz, como vos disse.¹³ Não temos de nos intrometer nisso; o que devemos fazer é, com simplicidade de coração e humildade, servir a Sua Majestade e louvá-Lo por Suas obras e maravilhas.

9. Voltemos, pois, ao sinal que digo ser o certo.¹⁴ Considerai essa alma a quem Deus atordoou por completo para melhor imprimir nela a verdadeira sabedoria; e isso a tal ponto que ela nem vê, nem ouve, nem percebe o tempo em que está assim (tempo que sempre é breve, parecendo-lhe a ela muito mais breve do que realmente é). Deus se fixa a Si mesmo no interior da alma de modo que, quando esta volta a si, de nenhuma maneira pode duvidar que esteve em Deus e Deus nela.

Essa verdade se imprime nela com tanta firmeza que, ainda que passem anos sem Deus voltar e conceder-lhe essa graça, nem a alma se esquece nem pode duvidar de que esteve na presença divina. Deixando de lado os efeitos que nela ficam — sinais dos quais falarei depois —,¹⁵ essa certeza é o sinal que mais importância tem.

10. Vós me direis: como a alma viu e como entendeu que era o Senhor, se nada viu nem entendeu? Não digo que o tenha visto então, mas que o vê depois claramente. Não porque se trate de visão, mas de uma certeza que fica na alma e que só Deus pode infundir.

Conheço uma pessoa que não tinha conhecimento de que Deus está em todas as coisas, fazendo-o por presença, potência e essência. Ora, por uma graça que o Senhor lhe concedeu, ela o veio a crer de tal maneira que não deu ouvidos a um dos semiletrados¹⁶ a que me referi. Ela foi consultá-lo sobre o assunto, e ele lhe responde que Deus está em nós apenas pela graça (assim falando por ser tão pouco instruído quanto ela, antes de Deus iluminá-la). Contudo, estava ela tão convicta da verdade que não acreditou e perguntou a outros; tendo estes lhe dito a verdade, ficou ela muito consolada.¹⁷

11. Não vos enganeis pensando que essa certeza assuma forma corporal, tal como o Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo está no Santíssimo Sacramento, ainda que não O vejamos. Aqui não é assim: trata-se apenas da Divindade. Ora, se nada vemos, como nos resta essa certeza? Isso eu não sei, são obras de Deus. Sei, no entanto, que digo a verdade. E se alguém não tiver essa convicção, é sinal, em minha opinião, de que não houve união de toda a alma com Deus, mas apenas de uma das faculdades, ou outras das muitas e variadas graças que Deus concede à alma.

Devemos deixar de buscar razões para todas essas coisas. Se o nosso intelecto não é capaz de entendê-lo, para que desejar indagar inutilmente? Basta sabermos que é todo-poderoso Quem o faz. Por mais esforços que façamos, não temos parte nisso nem o podemos alcançar. Pelo contrário, é Deus que o faz; por isso, não desejemos entendê-lo.

12. Sobre o fato de nada contribuirmos de nossa parte, agora me lembro de um trecho dos Cânticos que conheceis. Diz a Esposa: *Levou-me o Rei à adega dos vinhos*, ou *introduziu-me*, creio eu. E não diz que ela entrou por si mesma. Fala também que *andava procurando seu Amado por todos os lados*.¹⁸ Segundo entendo, essa é a adega onde nos quer introduzir o Senhor, quando deseja e como deseja. Mas, por mais esforços que envidemos, por nós mesmos não conseguimos entrar. Sua Majestade é Quem vai nos introduzir, entrando também Ele no centro de nossa alma.

E, para melhor mostrar Suas maravilhas, Ele não quer que participemos disso mais do que rendendo inteiramente a nossa vontade à Sua. Tampouco deseja que se Lhe abra a porta das faculdades e dos sentidos, pois todos estão adormecidos; é Ele quem entra no centro da alma sem porta alguma, como entrou onde estavam seus discípulos quando disse *Pax vobis* ou quando saiu do sepulcro sem levantar a pedra. Adiante vereis como, na última morada¹⁹ — ainda mais do que aqui —, Sua Majestade quer que a alma usufrua Dele no seu próprio centro.

13. Ó filhas! Muito veremos se não quisermos ver mais do que a nossa baixaza e miséria. Devemos entender que não somos dignas de ser servas de um Senhor que é tão grandioso que sequer podemos alcançar Suas maravilhas! Seja Ele para sempre louvado. Amém.

CAPÍTULO 2

PROSSEGUE NO MESMO ASSUNTO. EXPLICA A ORAÇÃO DE UNIÃO POR MEIO DE UMA COMPARAÇÃO DELICADA. FALA DOS EFEITOS DISSO NA ALMA. É DE MUITO NOTAR.

1. Talvez vos pareça que já foi dito tudo sobre as maravilhas desta morada, mas ainda falta bastante, porque, como eu disse,¹ há mais e menos. Quanto ao que é união, não creio que eu saiba dizer mais. Mas, quando a alma a quem Deus concede essas mercês se dispõe, há muitas coisas a dizer sobre o que Senhor opera nela.

Direi algumas coisas acerca disso, bem como do modo como fica essa alma. Para melhor explicá-lo, quero fazer uso de uma comparação útil para esse fim. Ela também é proveitosa para vermos como, embora nesta obra do Senhor não possamos fazer nada, muito ajudamos dispendo-nos a que Sua Majestade nos conceda essa graça.

2. Já tereis ouvido das maravilhas de Deus no modo como se cria a seda, invenção que só Ele poderia conceber. É como se fosse uma semente, grãos pequeninos como o da pimenta. Devo dizer que nunca o vi, mas ouvi-o dizer; assim, se algo não corresponder, não é minha a culpa.² Pois bem, com o calor, quando começa a haver folhas nas amoreiras, essa semente — que até então estivera como morta — começa a viver. E esses grãos pequeninos se criam com folhas de amoreira; quando crescem, cada verme, com a boquinha, vai fiando a seda, que tira de si mesmo. Tece um pequeno casulo muito apertado, onde se encerra; então desaparece o verme, que é muito feio, e sai do mesmo casulo uma borboletinha branca, muito graciosa.

Mas se isso não fosse visto, e só contado como ocorrido em outros tempos, quem o poderia crer? Que razões teríamos para concluir que uma criatura irracional como a lagarta ou a abelha seja tão diligente e engenhosa para trabalhar em nosso proveito, chegando a pobre lagartinha a perder a vida na tarefa de o fazer?

Para um pouco de meditação basta isso, irmãs, mesmo que eu nada mais acrescentasse, porque aí podemos considerar as maravilhas e a sabedoria do nosso Deus. E o que seria se conhecêssemos as propriedades de todas as coisas? É de grande proveito que nos ocupemos em meditar nessas grandezas e nos alegremos de ser esposas de Rei tão sábio e poderoso.

3. Voltemos ao que dizia. A alma — representada por essa lagarta — começa a ter vida quando, com o calor do Espírito Santo, começa a beneficiar-se do auxílio geral³ que Deus dá a todos, fazendo uso dos meios confiados pelo Senhor à Sua Igreja: confissões freqüentes, boas leituras e sermões. São esses os remédios para uma alma que está morta em seu descuido, pecados e ocasiões de cometê-los. Então ela começa a viver e encontra sustento nisso, bem como em boas meditações, até estar crescida. É aqui que se concentra o meu propósito, pois o resto pouco importa.

4. Tendo, pois, se desenvolvido — que é o que disse no princípio disto que escrevi —,⁴ a lagarta começa a fabricar a seda e a edificar a casa onde há de morrer. Eu gostaria de explicar que essa casa é, para nós, Cristo. Creio ter lido ou ouvido em algum lugar que *a nossa vida está escondida em Cristo ou em Deus* — o que é a mesma coisa — ou que *nossa vida é Cristo*. Para o meu propósito, qualquer uma dessas expressões serve.⁵

5. Portanto, vedes aqui, filhas, o que podemos fazer com o favor de Deus: que o próprio Senhor seja a nossa morada, como o é na oração de união, edificando-a nós mesmas! Ao dizer que Ele é a morada e que a podemos fabricar para entrarmos nela, pareço afirmar que podemos tirar e pôr alguma coisa em Deus. Oh! Se o podemos! Não tirar ou acrescentar em Deus, mas fazê-lo em nós, como fazem as lagartinhas de que falei.

Ainda bem não terminamos de fazer tudo o que nos cabe, Deus une a esse trabalhinho — que não é nada — a Sua grandeza, conferindo-lhe tanto valor que o próprio Senhor se torna a nossa recompensa. E assim como foi Ele quem fez quase tudo à Sua custa, assim também quer juntar nossos trabalhinhos com os grandes sofrimentos que padeceu Sua Majestade, e que tudo seja uma só coisa.

6. Eia, pois, filhas minhas! Apressemos-nos a fazer esse trabalho e a tecer tal casulo, despojando-nos do nosso amor-próprio e da nossa vontade, do apego a coisinhas da terra, fazendo obras de penitência, oração, mortificação, obediência e tudo o mais que sabeis. Quisera Deus fizéssemos como sabemos e somos ensinadas tudo aquilo que devemos fazer!

Morra, morra esse verme, tal como o da seda quando acaba de realizar a obra para a qual foi criado! E comprovareis como vemos a Deus⁶ e nos vemos tão introduzidas em Sua grandeza como a lagartinha em seu casulo. Atentai, contudo: quando digo que vemos a Deus, refiro-me ao modo como Ele se faz sentir nesse tipo de união.

7. Vejamos agora o que acontece a essa lagarta; é para isso que tenho dito tudo o mais. Quando está nesta oração — e bem morta está para o mundo —, dela sai uma borboleta branca.⁷ Ó grandeza de Deus! Quão transformada sai a alma daqui, depois de ter estado imersa na grandeza de Deus e tão unida a Ele, embora esse estado seja tão breve que, em minha opinião, nunca chega a meia hora!

Eu vos digo, na verdade, que a própria alma não se conhece a si mesma. Porque há aqui a mesma diferença que existe entre uma lagarta feia e uma borboletinha branca. A alma não sabe como pode merecer tanto bem — de onde ele pode advir, quero dizer, pois ela bem sabe que não o merece. Vê-se com tal desejo de louvar ao Senhor que gostaria de desfazer-se e morrer por Ele mil mortes. Logo começa a sentir o anseio de padecer grandes sofrimentos, sem poder fazer outra coisa. Tem grandíssimos desejos de penitência, de solidão e de que todos conheçam a Deus. Daqui provém um grande pesar de O ver ofendido.

Na morada seguinte, falaremos com mais detalhes de todos esses efeitos.⁸ Embora o que há nesta quinta morada e o que vem depois seja o mesmo, há muita diferença na intensidade dos efeitos. Isso porque, como eu disse,⁹ se, depois que Deus faz chegar uma alma até aqui, ela se esforça por avançar, verá grandes coisas.

8. Oh! Ver o desassossego dessa borboletinha, apesar de nunca ter estado mais quieta e tranqüila em sua vida, é coisa para louvar a Deus! Ela não sabe onde pousar e descansar. Depois de ter experimentado tal estado, tudo da terra a descontenta, em especial quando são muitas as vezes que Deus lhe dá desse vinho.

Quase sempre lhe ficam novos lucros. Já não dá valor ao que fazia quando lagarta, que era tecer pouco a pouco o casulo. Nasceram-lhe asas. Se pode voar, como pode ela contentar-se em andar passo a passo? Tudo quanto pode fazer por Deus lhe parece pouco, comparado com os seus desejos. Não acha muito o que os

santos fizeram, uma vez que já entende por experiência como o Senhor ajuda e transforma uma alma a ponto de transfigurá-la.

Com efeito, a fraqueza que antes sentia para fazer penitência transformou-se em força; o apego aos parentes, amigos e posses (que era tal que nem seus atos interiores, suas determinações e seu desejo de apartar-se conseguiam rompê-lo, fortalecendo-se ele, pelo contrário, cada vez mais) converte-se em peso. A alma tem pena de se ver obrigada àquilo que, para não ir contra Deus, é preciso fazer. Tudo a cansa, porque ela provou que o verdadeiro descanso não pode ser oferecido pelas criaturas.

9. Pareço estender-me demais; no entanto, muito mais poderia dizer. Quem tiver recebido de Deus essa graça verá que fico aquém. Não é de espantar que a nossa borboleta, percebendo-se renovada e estranha às coisas da terra, busque repouso em outro lugar. Mas aonde irá a pobrezinha? Não pode voltar ao lugar de onde saiu, pois, como eu disse,¹⁰ não está em nossa mão fazê-lo. Temos de esperar até que Deus seja servido de voltar a conceder-nos essa graça.

Ó Senhor! Que novos sofrimentos começam para essa alma! Quem diria que tal viesse a acontecer depois de graça tão elevada? Enfim, de uma maneira ou de outra, há de existir cruz enquanto vivermos. E eu diria que nunca chegou até aqui aquele que afirma estar sempre em descanso e deleite depois que o fez. Creio que não se tratou senão de algum gosto, se é que tal alma entrou na morada anterior, e gosto favorecido pela fraqueza natural, e até talvez pelo demônio, que lhe dá paz para depois lhe mover uma guerra ainda mais renhida.

10. Não quero dizer que os que chegam até aqui não tenham paz; têm-na, e muito grande, porque os próprios sofrimentos são de tanto valor e tão bem fundados que, embora muito grandes, geram eles mesmos paz e contentamento. Do próprio descontentamento com as coisas do mundo nasce um desejo tão penoso de sair dele que, se algum alívio tem a alma, é pensar que Deus quer que viva neste desterro. E isso não basta, porque ela, apesar de todos os proveitos que tem, não está, como se verá adiante,¹¹ tão rendida à vontade de Deus. Embora não deixe de se resignar, fã-lo com um grande sentimento e com muitas lágrimas. Ela não pode fazer mais que isso, pois mais não lhe foi dado.

Cada vez que tem oração, esse é o seu pesar, talvez decorrente, de certo modo, da dor que lhe causa ver o quanto Deus é ofendido e pouco estimado no mundo, bem como quantas almas se perdem, tanto de hereges como de mouros. O que mais a tortura, no entanto, é a perda de muitos cristãos. Teme que muitos sejam condenados, embora saiba que a misericórdia de Deus é infinita e que esses, mesmo os que levam pior vida, podem se emendar e salvar.

11. Ó grandeza de Deus! Poucos anos antes — e talvez ainda há poucos dias — estava essa alma de tal forma que não se lembrava senão de si! Quem lhe incutiu tão penosas preocupações? Embora possamos querer ter muitos anos de meditação sobre isso, não o conseguiremos sentir tão penosamente quanto o sente agora essa alma.

Mas valha-me Deus! Não bastará que eu durante muitos dias e até anos procure refletir sobre o grande mal que é ofender a Deus, pensar que esses que se condenam são filhos de Deus e irmãos meus, considerar enfim os perigos em que vivemos e o bem que adviria de sair desta vida miserável?

Não, filhas, não basta. Pois a pena que se sente neste estado não é como as daqui da terra. Depois de muito meditar, bem poderíamos experimentar grande dor, se Deus nisto nos ajudasse. Mas ela não chegaria ao íntimo das entranhas, como aqui, em que a alma parece ficar despedaçada e moída, sem nada fazer para isso e às vezes até sem o querer. Mas então o que é isso? Onde se origina? Eu vo-lo direi.

12. Não ouvistes a Esposa dizer que *o Senhor a introduziu na adega do vinho e ordenou nela a caridade?* Eu já o mencionei aqui em outra passagem, embora não a esse propósito.¹² Pois assim se passa nesse caso. Como a alma já se entrega em Suas mãos e está tão rendida pelo grande amor, não sabe nem deseja senão que Deus faça dela o que quiser (na verdade, creio que Deus só concede essa graça à alma a quem já toma por inteiramente Sua). Ela deseja também que, sem que entenda como, saia dali marcada com o Seu selo.

Com efeito, a alma não faz neste estado mais do que a cera quando alguém lhe imprime o selo, já que ela própria não o imprime em si mesma; apenas se dispõe a isso, pela sua brandura. Ainda assim, não é ela que se dispõe; só faz permanecer quieta e consentir em receber a marca. Ó bondade de Deus, tudo se deve passar à Vossa custa! Só quereis a nossa vontade e que não haja resistência na cera.

13. Vedes aqui, irmãs, o que o nosso Deus faz para que essa alma já se tenha por Sua: dá-lhe do que tem, que foi o que o Seu Filho teve nesta vida. E não nos poderia conceder maior graça. Quem mais do que Ele querer sair desta vida? E assim o disse Sua Majestade na Ceia: *Com ardente desejo desejei.*¹³

Mas como, Senhor meu? Não vedes a torturante morte que vos espera, tão cruel e dolorosa? Não — dizeis Vós —, porque o grande amor que tenho e o desejo de que as almas se salvem sobrepujam em muito essas dores. E os grandíssimos sofrimentos que padeci e padeço desde que estou no mundo são suficientes para julgar insignificantes os outros, se comparados aos meus.

14. Asseguro-vos que é assim. Tenho considerado muitas vezes isso e penso no tenebroso tormento que padeceu e padece certa pessoa que conheço¹⁴ ao ver as ofensas feitas a Nosso Senhor. Trata-se de dor tão profunda que preferiria a morte a ela. E pensa: se uma alma com tão pouca caridade, comparada com a de Cristo (pode-se dizer que é quase nenhuma), sente tão atroz sofrimento, qual não terá sido o sentimento de Nosso Senhor Jesus Cristo? E que vida terá sido a Sua, Ele que via todas as coisas e a Quem não escapava nenhuma das grandes ofensas que se faziam a Seu Pai?

Não tenho dúvida de que esses sofrimentos de Cristo foram muito maiores do que os da Sua sacratíssima Paixão, porque então Ele já via o fim desses pesares e, assim, unindo isso ao contentamento de ver-nos salvos com a Sua morte e demonstrar o amor que tinha pelo Pai, se mitigariam as Suas dores. É o que acontece aqui na terra com aqueles que, movidos pela força do amor, fazem grandes penitências, mas quase não as sentem; antes gostariam de fazer mais e mais, e tudo lhes parece pouco. Se assim é, como seria esse sentimento em Sua Majestade, que estava em tão boa ocasião de mostrar ao Pai que cumpria perfeitamente a obediência a Ele devida e o preceito do amor ao próximo?

Oh! Que grande deleite sofrer fazendo a vontade de Deus! Mas ver tantas e tão contínuas ofensas feitas a Sua Majestade, bem como a perda de tantas almas, é para mim coisa tão difícil que, se Nosso Senhor não fosse mais que um simples homem, um dia daquela pena seria o suficiente para tirar-Lhe não uma, mas muitas vidas!

CAPÍTULO 3

PROSSEGUE NO MESMO TEMA. FALA DE OUTRA MANEIRA DE UNIÃO QUE A ALMA PODE
ALCANÇAR COM O FAVOR DE DEUS E DE COMO É IMPORTANTE PARA ISSO O
AMOR AO PRÓXIMO. É DE GRANDE PROVEITO.

1. Voltemos à nossa pombinha¹ e vejamos algo do que o Senhor concede neste estado, sempre entendendo que devemos procurar avançar no serviço de Deus e no conhecimento próprio. Se a alma não fizer mais do que receber essa graça e, tendo-a como coisa já certa, descuidar-se em sua vida e desviar--se do caminho do céu — que são os mandamentos —, acontecer-lhe-á como à borboleta que sai do bicho da seda. Deita semente para nascerem outras, enquanto ela morre e fica morta para sempre.

Digo que deita semente porque creio que Deus quer que uma graça tão grande não seja concedida inutilmente. Se a alma não se beneficia a si com ela, que sirva de proveito para outros. Porque, como fica com esses desejos e virtudes durante todo o tempo em que perdura no bem, ela beneficia outras almas, comunicando-lhes calor a partir do seu próprio calor. E, mesmo depois de perdido esse calor, ainda lhe fica a ânsia de fazer bem aos outros e o gosto de lhes comunicar os favores concedidos por Deus a quem O ama e serve.

2. Conheci uma pessoa a quem acontecia o seguinte:² estando muito perdida, gostava que outras pessoas se beneficiassem com as graças que Deus lhe tinha concedido e de mostrar o caminho de oração às que não o entendiam. Assim procedendo, fez muitíssimo bem a elas. Depois, voltou o Senhor a chamá-la. Verdade é que até então não experimentara os efeitos que descrevi.

Mas quantos deve haver que, chamados pelo Senhor ao apostolado e à comunicação divina, como Judas, ou escolhidos para se tornarem reis, como Saul, depois vêm a perder-se por sua própria culpa! Aprendamos daí, irmãs, que, para merecermos mais e mais e não nos perdermos como estes, deveremos ter como segurança a obediência e o seguimento sem desvios da lei de Deus. Digo isso aplicando-o àqueles a quem o Senhor conceder semelhantes graças, mas serve para todos.

3. A despeito de tudo o que disse, parece-me que ainda fica obscura esta morada. Havendo tanto proveito em entrar nela, é bom que não fiquem sem essa esperança as almas a quem o Senhor não concede coisas tão sobrenaturais. Pois a verdadeira união pode muito bem ser alcançada — com o favor de Nosso Senhor — se nos esforçarmos em procurá-la mantendo a nossa vontade atada apenas ao que for a vontade de Deus.

Quantos de nós haverá que dizemos isso, não desejando outra coisa, e que morreríamos por essa verdade, como creio já ter dito!³ Pois eu vo-lo digo e direi muitas vezes: quando assim for, tereis alcançado essa graça do Senhor, não devendo preocupar-vos com a outra união acompanhada de consolações.

Quanto a esta última, seu maior merecimento está em proceder desta união a que me refiro agora. Tampouco tendes pena por não poder atingir a que fica dita — à qual só se pode chegar com a união estável e segura da submissão à vontade de Deus.⁴ Oh! Que união esta para desejar! Venturosa a alma que a tiver alcançado, pois viverá com descanso nesta vida e na outra também. Nenhum evento da terra a afligirá, a não ser que ela se veja em algum perigo de perder a Deus ou de ver que Ele é ofendido. Fora disso, nem enfermidade, nem pobreza nem mortes a atingirão — exceto de alguma pessoa que há de fazer falta à Igreja de Deus. Bem vê essa alma que o Senhor sabe fazer melhor do que ela pode desejar.

4. Deveis observar que há sofrimentos e sofrimentos. Há alguns produzidos de súbito pela natureza. O mesmo acontece com relação a alegrias, afetos de caridade e de compaixão para com o próximo. Esse foi o sentimento de Nosso Senhor quando ressuscitou a Lázaro.⁵

Os sofrimentos desse tipo não impedem a união com a vontade de Deus, nem tampouco perturbam a alma com uma paixão inquieta, desassossegada, que dura muito. Essas penas passam depressa. Como eu disse⁶ a propósito dos gozos na oração, parece que não chegam ao fundo da alma, parando no nível dos sentidos e das faculdades. Perambulam pelas moradas precedentes, mas não entram na última, de que falarei depois (pois para isso é preciso o que fica dito⁷ da suspensão das faculdades). Poderoso é o Senhor para enriquecer as almas por muitos caminhos e trazê-las a estas moradas, sem passar pelo atalho que foi mencionado.

5. Mas prestai grande atenção a isto, filhas: é necessário que morra a lagarta — e o faça à vossa custa. Ali⁸ ajuda muito a fazê-la morrer o ver-se em vida tão nova; aqui é preciso que a matemos nós mesmas. Eu vos confesso que será com muito mais sofrimento, mas tem o seu valor, sendo muito maior a recompensa se sairdes vitoriosas. Quanto a ser possível, não há que duvidar, desde que haja união verdadeira com a vontade de Deus.⁹

Esta é a união que tenho desejado por toda a minha vida. É ela a que peço sempre a Nosso Senhor, a união mais clara e segura.

6. Mas, aí de nós, quão poucos devemos chegar a ela! Aqueles que evitam ofender ao Senhor e abraçam o estado religioso imaginam que tudo está feito. Que engano! Restam umas lagartas que não se dão a conhecer, até que, como a que roeu a hera de Jonas,¹⁰ acabam por nos roer as virtudes: com o amor- -próprio, a estima de si mesmo, o hábito de julgar os outros, ainda que em coisas pequenas, a falta de caridade para com o próximo, a quem não amamos como a nós mesmos. Com isso, vamos nos arrastando e cumprimos a obrigação apenas para evitar o pecado; no entanto, não chegamos nem de longe ao que é necessário para estar inteiramente unidas à vontade de Deus.

7. Que julgais, filhas, ser a Sua vontade? Que sejamos completamente perfeitas, a fim de nos tornar uma só coisa com o Filho e com o Pai, como Sua Majestade pediu.¹¹ Olhai quanto nos falta para chegar a isso! Digo-vos que escrevo isto com grande pena de me ver tão longe, e tudo por minha culpa. E, para chegarmos, o Senhor não precisa conceder-nos grandes consolos; basta o dom que nos fez, enviando Seu Filho para ensinar-nos o caminho.

Não penseis que a união consista em resignar-me eu à vontade de Deus a ponto de não sentir a morte de meu pai ou de meu irmão. Ou então, ao passar eu por sofrimentos e enfermidades, padecê-los com alegria. É bom fazê-lo, constituindo às vezes discricção; sabedores de que nada podemos fazer, transformamos a necessidade em virtude. Quantas coisas assim faziam os filósofos, ou outras de diferente espécie, por terem muita sabedoria!

Aqui, só duas coisas nos pede o Senhor: amor a Sua Majestade e ao próximo. É nisso que devemos trabalhar. Seguindo-as com perfeição, fazemos a Sua vontade, unindo-nos assim a Ele. Mas, como tenho dito, quão longe estamos de fazer como devemos essas duas coisas a tão grande Deus! Queira Sua Majestade dar-nos graça a fim de que mereçamos chegar a este estado. Está em nossas mãos fazê-lo; basta que o desejemos.

8. A meu ver, o sinal mais certo para verificar se guardamos essas duas coisas é a observância fiel do amor ao próximo. Com efeito, não é possível saber se amamos a Deus (embora haja grandes indícios para entender que O amamos); já o amor ao próximo pode ser comprovado.¹² E convencei-vos: quanto mais praticardes este último, tanto mais estareis praticando o amor a Deus. Isso porque é tão grande o amor que o Senhor nos tem que, para recompensar aquele que demonstramos pelo próximo, faz crescer por mil maneiras o amor que temos a Ele. Disso não posso duvidar.

9. É de grande importância estarmos muito atentas a isso. Se guardamos com perfeição o amor ao próximo, temos tudo feito. Pois creio que, sendo má a nossa natureza, só chegaremos a praticar com perfeição esse preceito se o amor ao próximo tiver como raiz o amor a Deus.

Já que esse ponto tem tal importância para nós, procuremos, irmãs, verificar como caminhamos nesse aspecto, mesmo em coisas miúdas. Não façamos caso de coisas grandiosas, que se apresentam a nós em conjunto na oração e nos persuadem de que faremos e aconteceremos¹³ por amor ao próximo e por uma única alma que se salve. Porque, se as obras posteriores não estão em concordância com isso, não é de crer que o faremos. O mesmo digo da humildade e de todas as virtudes.

São grandes os ardis do demônio; para fazer-nos crer que temos alguma virtude, sem que a tenhamos, é capaz de dar mil voltas ao inferno. E tem razão, porque com isso causará muito prejuízo, já que essas virtudes fingidas nunca vêm desacompanhadas de alguma vanglória, dada a sua má raiz. Quanto às virtudes advindas do Senhor, estão isentas de toda vaidade e soberba.

10. Acho às vezes graça quando vejo certas almas nas horas de oração desejosas de ser abatidas e publicamente afrontadas pelo amor de Deus, e, depois, se cometem uma pequena falta, quererem encobri-la se o puderem. Ai! E se não a fizeram e dela são acusadas! Deus nos livre! Pois que note bem quem não sabe padecer essas ninharias: não faça caso do que no seu íntimo se determinou a sofrer, pois não se tratou de genuína determinação da vontade. Quando esta é real, é muito diferente.

É mais provável que tenha sido algum produto da imaginação, pois nesta o demônio arma suas ciladas e enganos. A mulheres, ou a pessoas sem instrução, o inimigo poderá enganar muitíssimo, porque não sabemos entender as diferenças entre as faculdades e a imaginação, bem como mil outras coisas interiores.

Ó irmãs, como se pode ver claramente que em algumas de vós existe de fato o amor ao próximo, enquanto em outras não chegou ele à mesma perfeição! Se entendêsseis a real importância dessa virtude, não teríeis outro anseio na vida!

11. Quando vejo algumas pessoas muito diligentes em compreender a oração que têm e muito empertigadas quando estão nela (a tal ponto que não ousam mexer-se nem agir com o pensamento, a fim de não perderem um pouquinho do gosto e da devoção que tiveram), percebo quão pouco entendem do caminho por onde se alcança a união. E pensam que nisso reside o essencial.

Não, irmãs, não; o Senhor quer obras. Se vedes uma enferma a quem podeis dar algum alívio, não vos importeis em perder essa devoção e tende compaixão dela. Se ela sente alguma dor, doa-vos como se a sentísseis vós. E, se for necessário, jejuai para que ela coma; não tanto por ela, mas porque sabeis que o vosso Senhor deseja isso.

Essa é a verdadeira união com a vontade de Deus. E se virdes uma pessoa ser grandemente louvada, alegrai-vos mais do que se louvassem a vós. Na verdade, isso não é difícil; se tem humildade, uma alma sente antes pesar por se ver louvada. É grande coisa a alegria sentida por se conhecerem as virtudes das irmãs; e, quando virmos alguma falta, deveremos senti-la como se nós a tivéssemos cometido e encobri-la.

12. Falei muito em outros lugares sobre este assunto¹⁴ porque vejo, irmãs, que se houver descuido, estaremos perdidas. Queira o Senhor que nunca o haja. Se assim for, digo-vos que não deixareis de alcançar de Sua Majestade a união aqui descrita. Quando vos virdes falhas nessa virtude, ainda que tenhais devoção e consolos, e talvez alguma pequena suspensão na oração de quietude (a algumas pessoas logo lhes parecerá que tudo está feito), crede-me que ainda não chegastes a essa união. Pedi então a Nosso Senhor que vos conceda com perfeição o amor ao próximo e deixai-O agir em vós.

Sua Majestade vos dará mais do que sabeis desejar, desde que vos esforceis e façais tudo o que puderdes para alcançar essa virtude. Forçai vossa vontade para que se faça em tudo a das irmãs, ainda que com prejuízo dos vossos direitos; esqueci o vosso bem pelo bem delas, por mais que nisso contrarieis a vossa natureza; e, havendo ocasião, procurai encarregar-vos do trabalho que pertencia a elas fazer. Não penseis que isso vos será fácil nem que o haveis de achar já feito. Olhai o que custou a nosso Esposo o amor que nos teve. Para nos livrar da morte, sofreu-a, e penosíssima, na cruz.

CAPÍTULO 4

PROSSEGUE NO MESMO ASSUNTO, EXPLICANDO COM MAIS DETALHES ESTE TIPO DE ORAÇÃO.¹ FALA DA IMPORTÂNCIA DE ANDAR COM ATENÇÃO, POIS O DEMÔNIO FAZ DE TUDO PARA LEVAR A ALMA A RETROCEDER NO CAMINHO COMEÇADO.

1. Parece-me que desejais saber o que faz a pombinha mencionada e onde pousa, pois fica claro que não é em gostos espirituais nem em contentamentos da terra. Mais alto é o seu vôo. Não posso satisfazer o vosso desejo senão na última morada, e queira Deus que eu me lembre ou tenha ocasião de escrevê-lo; porque já se passaram quase cinco meses desde que comecei este escrito até agora.² E, como não tenho cabeça para voltar a lê-lo, tudo deve estar saindo desconcertado, e talvez eu diga algumas coisas duas vezes. Como é para minhas irmãs, pouca importância tem.

2. Quero ainda dizer-vos o que me parece ser esta oração de união. Farei uso de uma comparação, tudo de acordo com a minha inteligência. Depois falaremos mais dessa borboletinha, que não pára — embora não deixe de fazer bem a si e a outras almas — porque não acha o seu verdadeiro repouso.

3. Já tereis ouvido dizer muitas vezes que Deus se une espiritualmente às almas. Bendita seja Sua misericórdia, que tanto se quer humilhar! E, ainda que seja comparação grosseira, não encontro outra melhor do que o sacramento do matrimônio para explicar o que pretendo. Não há dúvida de que é de maneira diferente. Nisto que tratamos nunca há nada que não seja espiritual. O que é corpóreo fica muito aquém; os contentamentos espirituais que o Senhor concede, se comparados com os gostos que devem ter os que se desposam, estão a mil léguas de distância. Aqui, tudo é amor com amor, sendo suas operações tão límpidas — e tão delicadas e suaves — que não há palavras que as possam descrever. Mas o Senhor sabe muito bem dá-las a sentir.

4. Parece-me que a união não chega ao noivado espiritual. É como se passa no mundo quando duas pessoas vão se casar: procuram ver se há harmonia de temperamentos e se um e outro desejam o matrimônio. Por fim, marcam um encontro, para maior satisfação de ambos.

Assim é aqui.³ Pressupõe-se que o contrato já está feito, a alma, bem informada das vantagens da aliança e determinada a fazer em tudo a vontade do Esposo, de todas as maneiras que a Este aprouver. Sua Majestade — como quem bem entende se de fato as coisas se passam assim — está contente com ela e concede-lhe a graça de querer conhecê-Lo melhor. Como dizem, concede-lhe que se vejam⁴ e se encontrem. Aproxima-a de Si.

Podemos dizer que é assim, porque assim se passa, ainda que num curtíssimo espaço de tempo. Aí já não há dar e tomar, mas a visão secreta que a alma tem Daquele a Quem há de tomar por Esposo. Pelos sentidos e faculdades, não entenderia em mil anos, de nenhuma maneira, o que aqui entende num átimo. Sendo tal o Esposo, basta a Sua visão para que a alma se torne mais digna do enlace, de dar-Lhe a sua mão, como dizem.

Com efeito, a alma fica tão enamorada que tudo faz para que não se rompa esse divino noivado. Mas, se se descuidar e colocar sua afeição em coisa que não seja Ele, a alma perderá tudo. E é imensa a perda, como imensas são as graças que Ele vai concedendo; é muito maior do que se pode avaliar.

5. Por isso, almas cristãs, peço, pelo amor de Deus, àquelas a quem Ele fez chegar a estes termos que não vos descuideis. Afastai-vos das ocasiões de pecado, porque mesmo neste estado a alma não está tão forte que se possa envolver nelas. Só o estará depois de celebrado o noivado, o que ocorre na próxima morada.

A comunicação com Deus não foi mais do que um breve encontro, e o demônio se esforçará por perturbar a alma e desviá-la desse noivado. Depois, como já a vê inteiramente rendida ao Esposo, não se atreve a tanto, porque tem medo dela e sabe que, se alguma vez o fizer, ficará com grande prejuízo, enquanto à alma restará maior lucro.

6. Eu vos digo, filhas, que tenho conhecido pessoas muito adiantadas que, tendo chegado a este estado, foram tiradas dele pela grande sutileza e astúcia do demônio, que voltou a apoderar-se delas. Deve juntar-se todo o inferno para isso, pois, como digo muitas vezes,⁵ não é uma só alma que se perde, mas uma multidão delas. O demônio tem boa experiência disso.

Se olharmos a grande quantidade de almas que Deus atrai a Si por meio de uma, somos levadas a louvá-Lo muito pelos milhares de conversões conseguidas pelos mártires — por exemplo, uma donzela como Santa Úrsula! E quantas almas terão sido arrancadas do demônio por São Domingos, São Francisco e outros fundadores de Ordens, como é o caso hoje do padre Inácio, que fundou a Companhia! Está claro que todos, como o lemos, recebiam graças semelhantes de Deus.⁶ A que se atribui isso senão ao fato de que eles se esforçaram por não romper por sua culpa tão divino noivado?

Ó, filhas minhas! Quão disposto está esse Senhor a conceder-nos as mesmas graças que deu a eles! E, de certo modo, tem agora mais necessidade de quem as queira receber, porque há poucos que zelam pela Sua honra, muito menos do que antes. Temos extremo amor a nós mesmos, demasiado apego aos nossos direitos! Oh! Que engano tão grande! Que o Senhor, por Sua misericórdia, nos ilumine para não cairmos em semelhantes trevas!

7. Podereis estar em dúvida sobre duas coisas. A primeira: se a alma está tão unida com a vontade de Deus, como foi dito,⁷ como pode se enganar, já que em nada quer fazer a própria vontade? A segunda: por que meios pode entrar o demônio tão perigosamente que vos faça perder a alma, vós que estais tão afastadas do mundo e tão próximas dos sacramentos, bem como na companhia — podemos dizer — de anjos? Pois, pela bondade do Senhor, todas as irmãs têm apenas o desejo de servi-Lo e de agradá-Lo em tudo. Se se tratasse de pessoas envolvidas nas ocasiões do mundo, já não seria tanto de admirar que se perdessem.

Digo que nisso tendes razão, pois grande misericórdia teve Deus para conosco. Mas, quando considero — como já disse — o caso de Judas (que vivia em companhia dos Apóstolos, tratando sempre com o próprio Deus e ouvindo as Suas palavras), vejo que não há segurança no que diz respeito a esse assunto.⁸

8. Respondo assim à primeira dúvida: se a alma estivesse sempre unida à vontade de Deus, está claro que não se perderia. Mas vem o demônio com suas sutis armadilhas e, sob a aparência de bem, vai afastando-a da vontade divina em coisinhas insignificantes e introduzindo-a em outras que faz parecer não-ruins. Assim, vai pouco a pouco obscurecendo o seu intelecto, enfraquecendo-lhe a vontade e fazendo crescer nela o amor-próprio, até que, de queda em queda, afasta a alma da vontade de Deus e a aproxima da sua.

Isso já serve de resposta à segunda dúvida. Não há recinto tão fechado onde o demônio não possa penetrar nem deserto tão isolado onde deixe de ir. E ainda vos digo outra coisa: talvez o Senhor o permita para ver como se comporta a alma a quem escolheu para ser luz de outras. Se ela há de ser ruim, é melhor que o seja no princípio do que depois, quando pode causar prejuízo a muitas.

9. O esforço que considero mais acertado — depois de pedirmos sempre a Deus na oração que nos proteja e pensarmos sempre que, se Ele nos deixa, caímos logo no abismo; por isso, nunca confiemos em nós mesmas, pois seria desatino — é o de agir com particular cuidado e atenção, verificando como caminhamos nas virtudes.

Devemos observar se estamos progredindo ou piorando em alguma delas, em especial no amor de umas pelas outras, no desejo de sermos tidas como as menores e na perfeição das coisas comuns. Se examinamos bem isso e pedimos ao Senhor que nos ilumine, logo veremos o lucro ou a perda.

E não pensem que, depois de fazer uma alma ascender a tão elevado estado, a mão de Deus a deixe tão depressa que o demônio não tenha muito trabalho para desviá-la. Sua Majestade sente tanto que essa alma se perca que lhe dá mil avisos interiores de mil maneiras. Assim, ela não poderá esconder de si própria o prejuízo.

10. Enfim, concluo dizendo que procuremos sempre avançar. Se não houver progresso, tenhamos grande temor, pois sem dúvida o demônio nos prepara alguma armadilha, já que não é possível que, tendo a alma chegado a tanto, deixe de ir crescendo. O amor jamais está ocioso, sendo assim muito mau sinal o não avançar. A alma que pretendeu ser esposa do próprio Deus, tendo tratado já com Sua Majestade e chegado ao ponto que fica dito, não pode deitar-se e pôr-se a dormir.

E para que vejais, filhas, o que Ele faz com as almas que já tem por esposas, comecemos a abordar as sextas moradas. Vereis quão pouco é tudo o que podemos fazer e padecer em Seu serviço para nos prepararmos para tão grandes graças.

É possível que Sua Majestade tenha ordenado que me mandassem escrever isto para que, tendo os olhos no prêmio e vendo como é infinita a Sua misericórdia — pois deseja comunicar-Se e manifestar-Se a uns vermes como nós —, esqueçamos os nossos pequenos contentamentos da terra e, voltadas para a Sua grandeza, corramos inflamadas pelo Seu amor.

11. Queira Deus que eu acerte em explicar algo de coisas tão difíceis; porque, se Sua Majestade e o Espírito Santo não guiarem a minha pena, bem sei que será impossível. E se não há de ser para o vosso proveito, suplico--Lhe que não acerte eu em dizer nada. Bem sabe o Senhor que não é outro o meu desejo — ao menos pelo que posso entender de mim mesma — senão que seja louvado o Seu nome e que nos esforcemos por servir a um Deus que nos recompensa com tanta generosidade já aqui na terra.

Por essas graças, podemos entender algo do que Ele nos há de dar no céu, sem as interrupções, os sofrimentos e os perigos deste mar de tempestades. Pois, se não existisse o risco de O perdermos e ofendermos, seria um descanso que a vida não se acabasse até o fim do mundo, a fim de trabalharmos por tão grande Deus, Senhor e Esposo.

Praza a Sua Majestade mereçamos prestar-Lhe algum serviço sem as nossas faltas costumeiras, que aparecem mesmo nas obras boas. Amém.

SEXTAS MORADAS
HÁ NELAS ONZE CAPÍTULOS

CAPÍTULO 1

DIZ QUE, AO COMEÇAR O SENHOR A CONCEDER MAIORES GRAÇAS, HÁ MAIORES SOFRIMENTOS.
MENCIONA ALGUNS, MOSTRANDO COMO SE COMPORTAM NELES OS QUE ESTÃO NESTA MORADA. É
ÚTIL PARA QUEM PADECE SOFRIMENTOS INTERIORES.

1. Com o favor do Espírito Santo, falemos, pois, das sextas moradas, onde a alma, já ferida pelo amor do Esposo, procura mais ocasiões de estar a sós e deixar — de acordo com o seu estado — tudo quanto possa atrapalhar essa solidão.

Está tão esculpida na alma aquela visão¹ que todo o seu desejo é voltar a fruí-la. Como eu disse, nesta oração não se vê nada (no sentido que se pode dar a ver), nem com a imaginação; digo visão por causa da comparação que fiz.²

A alma já está bem determinada a não aceitar outro esposo; mas o Esposo não atende aos seus grandes desejos de que se realize logo o noivado, pois ainda quer que ela o deseje mais e que lhe custe alguma coisa um bem que é o maior dos bens. E, embora tudo seja pouco para tão grande lucro, digo-vos desde já, filhas, que não deixam de ser necessários os penhores e sinais com que a alma é favorecida. Isso para que ela possa suportar os sofrimentos que a esperam. Oh! Valha-me Deus! Que sofrimentos interiores e exteriores padece ela até entrar nas sétimas moradas!

2. Algumas vezes considero o assunto e temo que, se a fraqueza natural o percebesse antecipadamente, seria difícilimo para ela determinar-se a sofrê-lo, por maiores que fossem os bens vislumbrados, a não ser que tivesse chegado à sétima morada. Nesta, não há temor que a impeça de lançar-se deveras a padeecer tudo por Deus.³ E a causa é que ela está quase sempre tão unida a Sua Majestade que daí extrai a sua força.

Creio ser bom contar-vos alguns dos sofrimentos que sei ocorrerem com certeza. É possível que nem todas as almas sejam levadas por esse caminho, mas duvido que vivam livres dos sofrimentos terrenos, de uma maneira ou de outra, as almas que por vezes fruem tão intensamente as coisas do céu.

3. Embora eu não pretendesse tratar desse assunto, pensei que, para algumas almas envolvidas nesses tormentos, seria de grande consolo saber o quanto sofrem aqueles a quem Deus concede semelhantes graças. Nessas circunstâncias, tudo parece verdadeiramente perdido. Não enumerarei pela ordem esses sofrimentos, mas à medida que me ocorrerem à memória.

Quero começar pelos menores. Trata-se de uma algazarra das pessoas com quem tratamos, e até daquelas com quem não o fazemos, as quais não se diria que pudessem se lembrar de nós. Dizem elas: “Faz-se de santa”; “usa de extremos para enganar o mundo e desmerecer os outros, que são melhores cristãos sem essas cerimônias”. E deve-se notar que não há aqui cerimônia nenhuma; a alma procura apenas guardar bem o seu estado.

As pessoas tidas por amigas afastam-se dela, sendo as que mais lhe causam sofrimento, e dos mais dolorosos. Dizem: “Aquela alma está perdida e notavelmente enganada”; “são coisas do demônio”; “vai acontecer-lhe como a fulano ou sicrano, que se perderam e descreditaram a virtude”; “engana os confessores”. E essas pessoas procuram os confessores e tentam convencê-los, citando-lhes exemplos do que ocorre a alguns que se perderam de modo semelhante. São inúmeros os ditos e zombarias dessa espécie.

4. Conheço uma pessoa⁴ que receou muito não ter a quem confessar-se, a tal ponto haviam chegado as coisas — são tantas que não me deterei nelas. E o pior é que não passam depressa, durando toda a vida. As pessoas vivem avisando umas às outras que evitem tratar com semelhante gente.

Vós me direis que também há quem diga bem. Ó filhas, como são poucos os que acreditam nesse bem, em comparação com os muitos que o abominam! Tanto mais que esse é outro sofrimento, maior do que os mencionados, porque, como a alma vê claramente que, se tem algum bem, é dado por Deus — e não seu, de maneira nenhuma, pois pouco antes estava pobre e envolvida em grandes pecados —, experimenta um tormento intolerável ao ser louvada, ao menos no princípio. Depois, nem tanto, e por algumas razões.

A primeira, porque a experiência lhe faz ver claramente que as pessoas tão depressa dizem bem como mal e, assim, não dá mais importância a uma coisa do que à outra. A segunda, porque o Senhor lhe tem dado maior entendimento para ver que nenhuma coisa boa é sua, mas dada por Sua Majestade; desse modo, põe-se a louvar a Deus, sem se lembrar do que lhe diz respeito, como se fosse uma graça dispensada a outra pessoa.

A terceira: vendo algumas almas beneficiadas em função das graças que Deus lhe concede, pensa que Sua Majestade usou esse meio — de a considerarem boa, quando não o é — para fazer bem a outras pessoas. A quarta: valorizando antes a honra e a glória de Deus do que as suas próprias, supera uma tentação comum no início: a de que esses louvores hão de causar a sua ruína, como tem visto acontecer com algumas pessoas. Ela pouco se importa de ser desacreditada, contanto que, pelo menos uma vez, o Senhor seja louvado por seu intermédio. Venha depois o que vier!

5. Essas e outras razões aplacam o grande pesar provocado por esses louvores. Apesar disso, quase sempre se sente algum, a não ser quando não se atenta nem pouco nem muito para o assunto. Mas, sem comparação, o maior sofrimento é ver-se considerada publicamente boa sem que haja razão para isso.⁵ Quando uma alma chega a não dar importância aos louvores, muito menos a dá aos vitupérios. Antes se alegra, soando-lhe a crítica como música suavíssima.

Essa é uma grande verdade, antes fortalecendo que acovardando a alma. A experiência já lhe ensinou o grande proveito que lhe advém deste caminho, e ela julga que não ofendem a Deus os que a perseguem. Na verdade, Sua Majestade o permite para seu maior benefício. Como sente isso claramente, a alma adquire por essas pessoas um amor terno e particular, pois considera que são mais suas amigas e lhe dão a ganhar mais que as outras, com os seus elogios.

6. O Senhor também costuma dar enfermidades gravíssimas. Este é um sofrimento muito maior, em especial quando são dores agudas. De certa maneira, parece-me ser este o maior sofrimento exterior que há na terra, se as dores são violentas, pois decompõem o interior e o exterior.⁶ Elas alteram a alma de tal modo que esta não sabe o que fazer de si e de muito bom grado preferiria qualquer martírio rápido, embora essas dores não durem tanto com essa violência extrema. Deus não dá mais do que se pode sofrer, concedendo primeiro a paciência. Mas ter outras grandes dores é o costume, bem como enfermidades de muitos tipos.

7. Conheço uma pessoa que, desde que começou a receber do Senhor a graça mencionada⁷ — há uns quarenta anos —, não pode dizer sem mentir que tenha estado um dia sem dores e sem outras maneiras de padecer. Refiro--me à falta de saúde corporal, sem falar de outros grandes padecimentos. É verdade que, tendo sido muito ruim e considerando-se o inferno que merecia, tudo lhe parece pouco.

Outras almas, que não tenham ofendido tanto a Nosso Senhor, talvez sejam levadas por Ele por outro caminho. Mas eu sempre escolheria o do sofrimento, ao menos para imitar Nosso Senhor Jesus Cristo, ainda que não houvesse outro benefício. Quanto mais havendo tantos!

Oh! E se tratamos dos sofrimentos interiores! Se eu conseguisse falar deles, as outras penas pareceriam pequenas! É impossível descrever de que maneira se passam.

8. Começemos pelo tormento que é deparar com um confessor tão temeroso e pouco experiente que não há coisa que julgue segura; de tudo tem medo, em tudo põe dúvida, pois vê coisas extraordinárias. De modo particular, se vê imperfeições na alma favorecida por Deus (parecendo-lhe que devem ser anjos aqueles a quem Deus conceder essas graças, o que é impossível enquanto se vive neste corpo), logo condena tudo e o atribui ao demônio ou à melancolia. E desta o mundo está tão cheio que não me espanto que o faça. São tantos os casos e o demônio espalha tantos males por esse caminho que os confessores estão certíssimos em temê-la e examinar tudo muito bem.

Mas a pobre alma que tem os mesmos temores e procura o confessor como a um juiz, sendo condenada por este, não pode deixar de sentir grande tormento e perturbação. E só entenderá como é grande esse sofrimento quem tiver passado por ele.

Esta é outra das maiores provações que tais almas padecem, em especial se foram ruins: pensar que, por seus pecados, Deus há de permitir que sejam enganadas. Ainda que, quando Sua Majestade lhes concede a graça, estejam seguras e não possam crer advir aquilo de outro espírito senão de Deus, como isso passa depressa e a lembrança dos pecados está sempre viva, voltam logo a sentir esse tormento. Porque vêem em si faltas, já que estas sempre existem.

Se o confessor lhes dá segurança, aplaca-se o tormento, embora volte depois. Mas, quando ele ajuda com mais temor, é coisa quase intolerável, em especial quando a isso se segue tal aridez que a alma considera nunca ter pensado em Deus nem nunca vir a pensar. Quando ouve falar de Sua Majestade, age como quem ouvisse falar de uma pessoa que está longe.

9. Tudo isso não seria nada se, além do mais, a alma não julgasse que não sabe informar bem os confessores e que os engana. Por mais que pense e veja que não lhes oculta sequer um movimento, não consegue tranquilizar--se. Porque o intelecto está tão obscurecido que não é capaz de ver a verdade, acreditando apenas no que a imaginação lhe sugere — a ela cabe então o domínio — e nos desatinos que o demônio quer lhe apresentar; Nosso Senhor deve ter dado licença a este para que prove a alma, e até para

persuadi-la de que está reprovada por Deus. De fato, são muitas as coisas que a assaltam com uma angústia interior, de maneira tão sensível e intolerável que não sei com que compará-las senão aos tormentos que se padecem no inferno. Durante a tempestade, nenhum consolo dá alívio.

Se a alma procura alento no confessor, parece que os demônios se valem dele para mais atormentá-las. Assim, lidando um confessor com uma alma que padecia esse sofrimento (trata-se de angústia perigosa, já que agrega tantas coisas ao mesmo tempo), e tendo este passado, dizia-lhe que o avisasse quando estivesse nessas tribulações. Mas sempre era muito pior, até que ele veio a entender que o remédio já não estava em sua mão.⁸ De tal modo estava aquela alma que, se quisesse ler um livro escrito em sua própria língua, não conseguia fazê-lo, porque o intelecto se mostrava incapaz.

10. Enfim, não há outro remédio nessa tempestade senão aguardar a misericórdia de Deus, que de repente, só com uma palavra Sua, ou por meio de uma ocasião que se apresente, tira tudo tão depressa que nem parece ter havido uma sombra naquela alma, de tal maneira fica ela cheia de sol e de muito maior consolação.

E, como quem escapou de uma batalha perigosa e conseguiu a vitória, ela fica louvando a Nosso Senhor, já que foi Ele quem pelejou pelo triunfo. Com efeito, a alma reconhece com clareza que não lutou, pois todas as armas com que podia defender-se parecem a ela estar nas mãos de seu adversário. Assim, conhece verdadeiramente a sua miséria e sabe o pouquíssimo que podemos por nós mesmos, se o Senhor nos desamparar.

11. A alma parece já não ter necessidade de consideração para entendê-lo, porque a experiência de passar por isso — tendo-se visto de todo incapacitada — a levou a perceber a nossa insignificância e miserabilidade. A graça — que continua presente, pois em toda essa tormenta a alma não ofende a Deus nem O ofenderia por coisa nenhuma da terra — está tão escondida que a pessoa julga não ver em si sequer uma pequena centelha de amor a Deus. Parece-lhe até que nunca o teve, porque, se fez algum bem, ou se Sua Majestade lhe concedeu alguma graça, tem-nos por coisa sonhada ou fantasia. Só tem certeza de ter cometido muitos pecados.

12. Ó Jesus, o que é ver uma alma assim desamparada! E, como eu disse,⁹ quão pouco benefício lhe traz qualquer consolo da terra! Por isso, irmãs, se algum dia vos virdes assim, não pensem que os ricos e os que gozam de sua liberdade encontrem para esses momentos melhor remédio. Não, não! A meu ver, é como se diante de condenados fossem postos todos os deleites do mundo; nada disso bastaria para lhes dar alívio, antes aumentando-lhes o tormento.

Aqui, todo tormento vem do alto, de nada valendo para mitigá-lo as coisas da terra. Esse grande Deus quer que O conheçamos como Rei e que percebamos a nossa miséria. Isto tem grande importância para o que adiante se dirá.

13. Que fará a pobre alma se o tormento se mantiver assim por muitos dias? Se reza, é como se não o fizesse — para o seu consolo, quero dizer —, porque não penetra no interior nem entende o que reza, embora se trate de oração vocal. Oração mental é absolutamente impossível nesse estado, já que as faculdades não se dispõem a isso. A solidão a prejudica, ainda que estar ou falar com alguém constituam outro tormento. Assim, por mais esforços que faça, mostra um modo desabrido e mal-humorado claramente perceptível.

E saberá ela na verdade dizer o que tem? É indizível, tratando-se de aflições e pesares espirituais que não se sabem denominar. O melhor remédio (não para acabar com o sofrimento, pois este não o conheço, mas para melhor suportá-lo) é ocupar-se em obras de caridade e outras coisas exteriores, esperando na misericórdia de Deus, que nunca falta aos que Nele confiam. Que seja para sempre bendito. Amém.

14. Há outros sofrimentos exteriores provocados pelos demônios; mas, como não são tão habituais nem tão penosos, não há para que falar neles. A meu ver, por mais que os demônios façam, não chegam a incapacitar assim as faculdades nem a perturbar a alma dessa maneira, porque, em suma, não podem fazer mais do que o Senhor lhes der licença. Enquanto se pode raciocinar, tudo é pouco em comparação com o que ficou dito.

Falaremos de outros sofrimentos interiores nestas moradas, à medida que tratarmos das diferenças que há na oração e nas graças do Senhor. Ainda que haja alguns mais dolorosos que os mencionados — como se verá pelo estado em que deixam o corpo —, não merecem o nome de sofrimentos, nem devemos chamá-los assim, porque são imensas graças do Senhor e porque, em meio a eles, a alma entende com clareza serem graças, e muito acima dos seus merecimentos.

Esse imenso sofrimento vem quando já se está para entrar nas sétimas moradas, fazendo-se acompanhar de outros grandes tormentos. Enumerarei apenas alguns deles,¹⁰ porque seria impossível falar de todos, ou mesmo declarar a sua natureza. Eles descendem de linhagem muito mais alta do que a dos demais. Se não pude explicar melhor os primeiros, que são de casta mais baixa, muito menos saberei falar destes. O Senhor nos dê para tudo o Seu favor, pelos méritos de Seu Filho. Amém.

CAPÍTULO 2

FALA DE ALGUMAS MANEIRAS PELAS	QUAIS NOSSO SENHOR DESPERTA A	
ALMA.	AO QUE PARECE, NELAS NÃO HÁ O QUE	TEMER,
EMBORA SE TRATE DE COISA MUITO	ELEVADA, BEM COMO DE GRANDES GRAÇAS.	

1. Parece que abandonamos a nossa pombinha, mas não o fizemos. Porque estes sofrimentos são os que a fazem voar ainda mais alto.

Portanto, comecemos agora a ver como o Esposo se comporta com ela, fazendo-a desejar intensamente o noivado. O Senhor usa para isso de meios tão delicados que a própria alma não os entende, nem creio que acertarei em explicá-los de modo compreensível, a não ser àquelas que passaram por isso. Trata-se de impulsos tão delicados e sutis, procedentes do mais íntimo da alma, que não sei com que compará-los de maneira adequada.

2. É bem diferente de tudo o que podemos procurar aqui na terra, e até mesmo dos gostos que mencionei,¹ pois muitas vezes, estando a própria pessoa descuidada e sem se lembrar de Deus, Sua Majestade a desperta, à maneira de um cometa que passa depressa, ou de um trovão, ainda que não haja ruído. A alma entende muito bem que Deus a chamou. Fá-lo de forma tão evidente que, às vezes — em especial no princípio —, estremece e até se queixa, embora não seja algo que provoque dor.

A alma sente-se saborosissimamente ferida, mas não percebe como nem quem a feriu. Sabe tratar-se de coisa preciosa e deseja não sarar jamais daquela ferida. Queixa-se a seu Esposo com palavras de amor, mesmo exteriores, sem poder fazer outra coisa. Ela entende que Ele está presente, mas não quer Se manifestar de modo a deixar-Se fruir.

E isso provoca grande dor — ainda que dor saborosa e doce. Embora não a queira ter, a alma não pode deixar de senti-la. Está longe de querer desfazer-se dela! Essa dor a satisfaz muito mais do que o embevecimento saboroso, desprovido de padecer, da oração de quietude.²

3. Desdobro-me, irmãs, para vos explicar essa obra de amor, mas não sei como fazê-lo. Parece haver uma contradição. Por um lado, o Amado dá claramente a entender que está com a alma; por outro, parece chamá-la com um sinal tão certo que não se pode duvidar. É um silvo tão penetrante que a alma não pode deixar de ouvir. Parece que o Esposo — que está nas sétimas moradas — se expressa assim numa fala não-articulada e, ao fazê-lo, toda a gente que está nas outras moradas — os sentidos, a imaginação e as faculdades — não ousa mexer-se.

Ó meu poderoso Deus, como são grandes os Vossos segredos! E que diferentes são as coisas do espírito de tudo o que por aqui se pode ver e entender! Não há força humana capaz de explicar um fenômeno como este. E, no entanto, ele é pequeno diante das grandes coisas que operais nas almas!

4. Ele age nela de modo tão poderoso que ela se desfaz em desejos e não sabe o que pedir, porque claramente lhe parece que com ela está o seu Deus.

Vós me direis: se percebe isso, o que deseja ela, ou o que a aflige? Que maior bem quer? Não o sei. Sei que lhe parece chegar às entranhas essa aflição e, quando delas lhe arranca a seta Aquele que a fere, verdadeiramente é como se levasse consigo as entranhas, tal é o sentimento de amor experimentado.³

Estava eu pensando agora: será que desse braseiro aceso que é o meu Deus salta alguma fagulha e cai na alma, de modo a deixá-la sentir aquele abrasamento? Como a fagulha em si, tão deleitosa, é insuficiente para queimá-la, causa-lhe aquela dor. O seu toque produz aquele efeito. Parece-me que essa é a melhor comparação a que pude chegar.

Porque essa dor saborosa — que não é dor — não permanece sempre no mesmo grau. Às vezes, dura muito tempo, outras se acaba depressa. É como o Senhor o quer comunicar, pois não é coisa que se possa procurar por nenhum meio humano. Mas, embora às vezes permaneça por um bom tempo, ela desaparece e torna a voltar. Em suma, essa dor nunca é contínua e, por isso, jamais deixa de abraçar a alma. Mal vai se acender, morre a centelha e a alma fica com o desejo de tornar a padecer aquela dor amorosa que ela lhe causa.

5. Aqui não há dúvidas. Não se trata de coisa provocada pela natureza, pela melancolia, nem tampouco engano do demônio ou fruto da imaginação. Porque se percebe com clareza que esse movimento provém de onde está o Senhor, lugar imutável. Seus efeitos diferem dos de outras devoções em que o grande embevecimento do gosto pode nos causar dúvidas. Aqui, todos os sentidos e faculdades estão destituídos de embevecimento, considerando o que poderá ser aquilo. A meu ver, eles em nada estorvam essa pena deleitosa, não lhe acrescentando nada nem nada tirando dela.

Quem receber de Nosso Senhor essa graça — e, tendo-a recebido, ao ler isto, a reconhecerá — dê-Lhe muitas e muitas graças, pois não tem que temer ser ou não engano. Pelo contrário, deve temer vir a ser ingrato a tão grande favor, procurando esforçar-se em servir e em melhorar em tudo a sua vida. Verá assim que essa graça não se interrompe, multiplicando-se em muitas outras. Conheço uma pessoa que foi favorecida durante vários anos com essa graça.⁴ Só com ela já estava bem satisfeita, pois, se tivesse de servir ao Senhor por inúmeros anos com grandes sofrimentos, esse favor já a recompensaria. Bendito seja Ele para sempre. Amém.

6. Pode ser que observeis que neste aspecto há mais segurança do que em outras coisas. A meu ver, por estas razões: a primeira, porque o demônio nunca pode proporcionar uma dor saborosa como esta. Ele pode dar sabor e deleite que pareçam espirituais; mas unir dor, e tanta, com quietude e gosto da alma não é da sua alçada. Todos os seus poderes dizem respeito ao exterior; quanto às suas dores, quando ele as dá, não são nunca, ao que me parece, saborosas e pacíficas, mas inquietas e perturbadoras.

A segunda razão: essa tempestade saborosa vem de uma região que o demônio não pode controlar. A terceira: a alma é grandemente beneficiada. Entre os proveitos que lhe ficam estão, mais comumente, determinar-se a padecer por Deus, desejar ter muitos sofrimentos e dispor-se a evitar os contentamentos e conversas da terra, bem como outras coisas semelhantes.

7. O fato de não ser ilusão⁵ está muito claro; mesmo que outras vezes procure reproduzi-lo, não conseguirá, por mais que faça. E é coisa tão notória que a ilusão é inteiramente impossível — impossível parecer que é, não sendo, ou duvidar de sua verdadeira realidade. Se alguém tiver alguma dúvida — isto é, se não souber se o experimentou de fato ou não —, saiba que não se trata de ímpetos verdadeiros, porque estes se fazem sentir como aos ouvidos uma grande voz.

Quanto a ser melancolia, é sem cabimento pensá-lo, pois a melancolia não faz nem fabrica suas ilusões senão na imaginação; isto, pelo contrário, procede do interior da alma. Bem pode ser que eu me engane, mas até ouvir outras razões de pessoas competentes, mantereí esta opinião. Conheço uma pessoa cheia de receios de ser enganada que nunca temeu nada a respeito desta oração.⁶

8. Nosso Senhor também costuma ter outras maneiras de despertar a alma. Encontrando-se esta a qualquer momento em oração vocal, sem atentar para o que se passa em seu interior, parece que lhe sobrevém um deleitoso abrasamento. É como se de repente fosse penetrada por um perfume tão intenso (não digo ser um perfume; apenas faço uma comparação) que se espalhasse por todos os sentidos. Perfume ou algo do gênero; digo-o para explicar como se percebe estar ali o Esposo. Isso desperta na alma um saboroso desejo de fruir Dele, dispondo--a a fazer grandes coisas e louvar muito a Nosso Senhor.

Essa graça nasce de onde já ficou dito.⁷ Mas aqui não há nada que cause dor, não sendo penosos os próprios desejos de fruir da presença de Deus. Essa graça é percebida mais amiúde pela alma. Tampouco me parece haver aqui o que temer, por algumas das razões já ditas;⁸ deve-se apenas procurar admitir esse favor com ação de graças.

CAPÍTULO 3

TRATA DO MESMO ASSUNTO E DA MANEIRA COMO DEUS FALA À ALMA, QUANDO ASSIM É
SERVIDO. AVISA COMO SE COMPORTAR NISSO, NÃO DEVENDO A ALMA SEGUIR O
PRÓPRIO PARECER. DÁ ALGUNS SINAIS PARA SE RECONHECER QUANDO É OU NÃO ENGANO. É DE
GRANDE PROVEITO.¹

1. Deus tem outro modo de despertar a alma. Embora possa parecer uma graça maior do que as já mencionadas,² oferece mais riscos e, por isso, me deterei um tanto nela.

Trata-se de falas que Deus mantém com a alma de muitas maneiras. Algumas parecem vir do exterior; outras, do mais íntimo da alma; e outras ainda, tão do exterior que se escutam com os ouvidos, assemelhando-se a uma voz articulada. Algumas vezes — muitas —, podem ser ilusão, especialmente em pessoas de imaginação fraca ou melancólicas — isto é, de melancolia notável.

2. Creio que, quando se trata destes dois últimos casos, não se deve dar importância, mesmo que as pessoas digam que vêem, ouvem e entendem. Não devemos tampouco inquietá-las dizendo-lhes ser obra do

demônio, mas ouvi-las como pessoas enfermas — quer a priora, quer o confessor, conforme o caso — e acalmá-las quanto a isso. Não reside aí o essencial do serviço a Deus. Muitos têm sido enganados por esse meio, embora talvez esse não seja o caso dessa pessoa; mas deve-se dizer isso a ela para que não padeça ainda mais do que já o faz com o seu humor doentio. Porque, se lhe dissermos tratar-se de melancolia, será um nunca mais acabar; ela jurará que vê e ouve, porque assim lhe parece.

3. É verdade que devemos cuidar de dispensar essas enfermas da oração e persuadi-las de que não dêem importância a essas falas. Porque o demônio costuma aproveitar-se dessas almas — embora não para o seu dano, mas para o de outros — e, tanto em enfermas como em sãs, sempre se devem temer essas coisas, até reconhecer o espírito do qual procedem.

E digo que o melhor é opor-se no princípio. Se os favores advêm de Deus, as dificuldades ajudam a alma a avançar e a desenvolver-se. Esta é a verdade. Contudo, não convém angustiar e inquietar muito a alma, porque verdadeiramente ela não pode agir de outra maneira.

4. Voltando, pois, às falas com a alma, de todos os modos que disse,³ podem ser de Deus ou advir do demônio e da própria imaginação. Explicarei, se puder, com o favor de Deus, os sinais pelos quais se reconhece sua fonte, bem como quando essas falas são perigosas. Há muitas almas que as ouvem, entre gente de oração, e eu não gostaria, irmãs, que pensásseis fazer mal não lhes dando crédito ou, pelo contrário, dando-lhes atenção. Refiro-me ao caso de se dirigirem somente a vós — quer sejam palavras de consolação ou de advertência. Diga-as lá quem as disser, seja ilusão ou não, pouco importa.

Aviso-vos, contudo, de uma coisa: não penseis, mesmo que essas palavras sejam de Deus, que elas vos fazem melhores, pois muito falou Ele aos fariseus. Todo o bem está no uso que se faz delas. E, se ouvirdes alguma que não se harmonize com a Sagrada Escritura, não façais mais caso dela do que se a ouvísseis do próprio demônio. Mesmo que essas palavras não sejam mais que fruto da vossa fraca imaginação, considerai-as uma tentação contra a fé. Resisti-lhes sempre, a fim de que elas se dissipem. De fato, essas falas desaparecerão, porque têm pouca força.⁴

5. Retomando o que primeiro dizia,⁵ quer venham do interior, da parte superior ou do exterior, pouco importa para se avaliar se essas falas procedem ou não de Deus. Ao meu ver, são estes os sinais mais certos que se podem ter:⁶ o primeiro e mais garantido é a soberania e o poder que trazem consigo, de modo que à fala corresponde a ação.

Explico-me melhor. Uma alma está em meio a toda tribulação e alvoroço interior mencionados,⁷ debatendo-se na obscuridade do intelecto e na aridez. Ouve uma palavra destas — basta que seja: *Não te aflijas* — e fica sossegada, tranqüila e com grande luz. Desaparece toda aquela angústia que há pouco ainda a fazia crer que, se o mundo inteiro e todos os eruditos lhe dessem razões para acalmá-la, nada conseguiriam, por mais que se empenhassem.

A alma se aflige porque o seu confessor e outras pessoas lhe disseram ser o espírito do demônio o que ela tem, e isso a enche de temor. Uma única palavra destas — como *Sou Eu, não tenhas medo* — dissipa-lhe todo o medo e lhe traz muito consolo, não podendo ninguém convencê-la do contrário.

Ou a alma se aflige por causa de alguns negócios graves, pois não sabe que resultado poderão ter. Mas, entendendo que lhe dizem que sossegue, que tudo acabará bem, fica com uma grande certeza e sem angústia. E o mesmo acontece em muitas outras circunstâncias.⁸

6. O segundo sinal é a grande quietude em que mergulha a alma, bem como um recolhimento devoto e pacífico que a dispõe aos louvores de Deus. Ó Senhor, se uma mensagem transmitida por um vosso pajem (diz-se comumente que, ao menos nesta morada, não é Deus quem diz as palavras, mas algum dos seus anjos) tem tanta força, o que não fareis quando a alma estiver inteiramente unida pelo amor a Vós, assim como Vós a ela?

7. O terceiro sinal é o fato de, ao contrário das coisas ouvidas na terra, essas palavras não se apagarem da memória por muito tempo — e algumas nunca. Já as palavras que ouvimos dos homens, mesmo sendo estes muito graves e eruditos, não nos ficam tão esculpidas na lembrança, nem lhes damos crédito se se referem a acontecimentos futuros.

As palavras de Deus deixam uma grandíssima certeza, embora algumas vezes, em coisas que parecem sobremodo impossíveis, não deixe a alma de vacilar e de entregar o intelecto a certa hesitação. No entanto, na própria alma há uma segurança que não se rende, ainda que lhe pareça ocorrer tudo ao contrário do que entendeu. Os anos passam, mas não se apaga nela a convicção de que Deus empregará outros meios, desconhecidos dos homens. Por fim, sua palavra se realizará, o que de fato acontece.

Todavia, a alma não deixa de padecer quando vê muitos obstáculos. Distanciando-se no tempo aquelas palavras e não sentindo ela de forma tão intensa os efeitos e a certeza de serem de Deus, surgem hesitações e o pensamento de que aquilo foi obra do demônio ou fruto da imaginação. Mas nenhuma dessas dúvidas a assalta na ocasião em que lhe falam. A alma até morreria por aquela verdade.

Mas, como digo, o demônio suscita todas essas ilusões para perturbar e acovardar a alma, particularmente se se trata de assunto que, se bem cumprido, beneficiará sobremaneira as almas, ou de empreendimentos sumamente árduos que visam a maior glória e serviço de Deus. O que não fará ele então? Ao menos enfraquece a fé, pois é grande prejuízo não crer que Deus é poderoso para realizar obras que ultrapassam a nossa compreensão.

8. Há muitos combates e obstáculos que parecem se antepor ao cumprimento de tais palavras, não faltando quem diga à própria pessoa que são disparates — isto é, os confessores com quem se abordam essas coisas.⁹ A despeito disso, resta sempre na alma, não sei onde, uma vivíssima centelha de que tudo se há de realizar. Ainda que a alma desejasse e que todas as demais esperanças estivessem mortas, não poderia deixar de sentir essa vívida centelha de segurança.

E, por fim, como eu já disse,¹⁰ cumpre-se a palavra do Senhor, e a alma fica tão alegre e contente que não desejaria senão louvar continuamente a Sua Majestade; e isso antes por ver comprovada a veracidade das palavras do que pelo fato em si, ainda que tenha se empenhado grandemente nele.

9. Não sei de onde vem esse esforço da alma em constatar como verdadeiras tais falas. Pois, se ela própria fosse apanhada em algumas mentiras, creio que não o sentiria tanto. É como se nisso ela pudesse dizer mais do que lhe dizem. A esse respeito, certa pessoa se lembrava inúmeras vezes do profeta Jonas, quando temia que não se realizasse a destruição de Nínive.¹¹

Em suma, tratando-se do espírito de Deus, é justo ter-Lhe fidelidade, desejando que não O considerem falso, pois é a suma Verdade. E assim é grande a alegria da alma quando, depois de mil rodeios e em coisas difícilísimas, vê as falas cumpridas. Ainda que daí venham a sobrevir grandes sofrimentos à própria pessoa, esta antes os quer padecer do que ver não cumpridas o que sabe com certeza serem palavras do Senhor. Talvez nem todas as pessoas tenham essa fraqueza — se se trata de fraqueza. Eu não posso condená-la.

10. Se essas falas procedem da imaginação, não há nenhum desses sinais: nem certeza, nem paz, nem gosto interior. O que poderia acontecer — e conheço algumas pessoas que passaram por isso — é que, estando elas muito embebidas em oração de quietude e sono espiritual, tenham a impressão de que lhes falam, como num sonho. Algumas, por serem fracas de compleição ou imaginação, ou por algum outro motivo, ficam tão verdadeiramente fora de si nesse grande recolhimento que nada percebem do exterior. Todos os sentidos ficam adormecidos. Assim, como pessoas que dormem (e talvez seja isso mesmo que aconteça), elas chegam a ver coisas, pensando que tudo vem de Deus. Afinal, os efeitos que nelas ficam são como os de um sonho.

Poderá também acontecer que, pedindo uma coisa afetosamente a Nosso Senhor, essas pessoas julguem ouvir a resposta que desejam. Isso acontece algumas vezes. Mas, ao que me parece, quem tiver muita experiência das falas de Deus não cometerá enganos no que diz respeito à imaginação.¹²

11. Do demônio há mais que temer. Mas, se se verificam os sinais mencionados,¹³ há grande segurança para a alma de que sejam falas de Deus. Tratando-se de assuntos graves, alguma obra a empreender ou negócios de outras pessoas, ela nada deve fazer. Nem lhe passe pela idéia agir sem a opinião de um confessor erudito, prudente e servo de Deus. Isso mesmo que o entenda muito bem e lhe pareça claramente ser coisa de Deus.

Esse é o desejo de Sua Majestade. Não devemos deixar de fazer o que Ele manda, pois nos diz que consideremos o confessor como Seu representante, palavras que são indubitavelmente Suas. Elas nos ajudam a ter ânimo, se se trata de assunto difícil; e Nosso Senhor o dará ao confessor e fará que ele creia que é espírito Seu, quando Ele o quiser. Quando assim não suceder, a alma não está obrigada a fazer coisa alguma. Já agir de outro modo neste aspecto, guiando-se pelo próprio parecer, considero-o coisa muito perigosa. Assim vos admoesto, irmãs, em nome de Nosso Senhor, que nunca isso vos aconteça!¹⁴

12. O Senhor tem ainda outra maneira de falar à alma, maneira de cuja origem divina não duvido: por meio de alguma visão intelectual, de que falarei adiante.¹⁵ Passa-se no mais íntimo da alma; e esta parece ouvir tão claramente do próprio Senhor essas palavras, e tão em segredo, que o próprio modo de as entender e os efeitos produzidos pela visão asseguram e dão certeza de que o demônio não pode penetrar ali. Ela deixa grandes efeitos, que confirmam essa convicção. Pelo menos há segurança de que não é fruto da imaginação.

Com efeito, quem andar com advertência poderá sempre tê-la¹⁶ pelas seguintes razões. Em primeiro lugar, porque deve haver diferença na clareza da fala. As palavras de Deus são tão claras que, se falta uma sílaba daquilo que ouviu, a alma logo se lembra. Ela também memoriza o estilo em que foram ditas. Em contrapartida, quando a fala é fruto da imaginação, não há a mesma clareza nem palavras tão distintas, assemelhando-se estas a coisa meio sonhada.

13. Em segundo lugar, muitas vezes a pessoa sequer pensava no que ouviu. Essa fala dá-se a qualquer hora, de repente, até mesmo quando se está em conversa com outras pessoas. Pode acontecer amiúde, por outro lado, que as palavras correspondam a algum pensamento que passa pela mente na ocasião, ou ao que antes a pessoa tenha pensado. Mas com frequência se referem a fatos que nunca lhe ocorreram como passíveis de acontecer. Portanto, a imaginação não as poderia ter fabricado com base no que a alma nunca desejou, quis ou conheceu.

14. Em terceiro lugar, porque a alma está, nessa fala, como quem ouve. Nos devaneios da imaginação, ela se sente como quem vai compondo, pouco a pouco, o que deseja que lhe seja dito.

15. Em quarto lugar, porque as palavras são muito diferentes; com uma só, compreende-se muito, coisa que o nosso intelecto não poderia fazer com a mesma rapidez.

16. Em quinto lugar, porque muitas vezes, ao lado do que se ouve, compreendem-se muitas outras coisas que nos são expressas sem palavras. Como isso acontece, não o sei explicar.

Falarei adiante¹⁷ com mais vagar desse modo de entender, que é muito delicado e se destina aos louvores de Nosso Senhor.

Esses diversos tipos de fala têm suscitado dúvidas em muitas pessoas — sei de uma, em especial, que passou por isso,¹⁸ assim como deve haver outras. Esta de que falo tem considerado o assunto com muito cuidado (pois o Senhor lhe tem concedido amiúde essa graça), e a maior dúvida que tinha no princípio era se aquilo constituía ilusão.

É mais fácil reconhecer quando se trata de coisa do demônio, embora saiba ele, com suas inúmeras sutilezas, imitar o anjo de luz. Mas, a meu ver, ele o faz só nas palavras, procurando torná-las claras, para que não tenhamos dúvida de tê-las ouvido, como sucede quando fala o espírito de verdade. Já os efeitos mencionados,¹⁹ o demônio não consegue reproduzi-los, tampouco deixar a mesma paz e clareza na alma. Na verdade, os efeitos que provoca são inquietação e alvoroço. Todavia, pouco ou nenhum prejuízo causará se a alma tiver humildade e, como antes recomendei,²⁰ não agir levianamente em coisa alguma, por mais palavras que ouça.

17. Se se trata de favores e graças do Senhor, a alma deve examinar com atenção se, por causa disso, está se julgando melhor. Se não se sentir tanto mais confundida quanto mais elogiosas para si forem as graças, creia que não é espírito de Deus. Porque uma coisa é certa: quando se trata desse espírito, quanto maior a graça concedida, tanto menos se considera a própria alma. Esse favor a lembra com mais clareza de seus pecados, fazendo-a esquecer-se do seu próprio benefício e empregar com mais ardor sua vontade e memória em desejar a honra de Deus. Olvidando-se de si, ela experimenta maior temor de afastar-se da vontade divina, bem como a convicção de não merecer essas graças — e sim o inferno. Se o resultado de todos os favores e graças recebidos na oração forem esses efeitos, a alma não precisa assustar-se, podendo confiar na misericórdia do Senhor, que é fiel e não permitirá — embora seja sempre bom conservar o temor — enganar por parte do demônio.²¹

18. É possível que aqueles a quem o Senhor não leva por esse caminho considerem que essas almas não deveriam dar ouvidos às palavras que lhes são ditas. Se se trata de falas interiores, deveriam distrair-se e negligenciá-las; com isso, viveriam sem tantos perigos.

Respondo-lhes que isso não é possível. Não me refiro às falas suscitadas pela imaginação; o remédio para estas é não desejar coisa alguma nem dar importância a essas fantasias. Quanto às falas verdadeiras, não há como evitá-las, porque o próprio Espírito que fala detém todos os outros pensamentos e exige atenção às Suas palavras. Creio que de fato seria mais fácil uma pessoa que escuta muito bem não ouvir o que outra falasse em altos brados. A alma poderia não se preocupar e concentrar a atenção e o intelecto em outra coisa. Aqui, no entanto, não pode ser assim: não há ouvidos que se tapem nem capacidade para colocar o pensamento senão naquilo que se diz.

Aquele que fez parar o sol — a pedido de Josué, segundo creio —²² pode deter as faculdades e todo o interior da alma. De tal maneira que esta percebe com clareza que um Senhor maior do que ela governa aquele castelo, enchendo-a de extrema devoção e humildade. Portanto, a alma de forma alguma pode evitar as falas divinas.

Que a divina Majestade nos dê o remédio para só desejar contentá-Lo e esquecer-nos de nós mesmos, como tenho dito. Amém.

Praza a Deus que eu tenha acertado em explicar-vos o que pretendia a respeito deste tema, servindo isto de aviso para quem tiver sido favorecido por essas graças.

CAPÍTULO 4

FALA COMO O SENHOR SUSPENDE A ALMA NA ORAÇÃO COM ARROUBO, ÊXTASE OU RAPTO, PALAVRAS QUE, A MEU VER,¹ SIGNIFICAM A MESMA COISA. DIZ QUE É NECESSÁRIO GRANDE ÂNIMO PARA RECEBER ELEVADAS GRAÇAS DE SUA MAJESTADE.

1. Com os grandes sofrimentos mencionados, bem como as demais coisas, que sossego pode ter a pobre borboletinha? Tudo serve para aumentar--lhe os desejos de fruir do Esposo. E Sua Majestade, conhecedor da nossa fraqueza, vai capacitando-a com essas e muitas outras coisas, a fim de que ela tenha ânimo para unir-se a tão grande Senhor e tomá-Lo por Esposo.²

2. É possível que riais do que digo, julgando-o um desatino. Porque talvez vos pareça que não é preciso tê-lo, não havendo nenhuma mulher, por mais baixa que seja a sua condição, que não apresente esse ânimo para desposar um rei.

No que se refere aos reis da terra, concordo convosco. Mas, para desposar o rei do céu, digo-vos ser necessário mais ânimo do que pensais, já que a nossa natureza é muito mesquinha e baixa para tão grande coisa. Tenho por certo que, se Deus não o infundisse na alma, apesar de tudo quanto vedes e dos numerosos proveitos decorrentes, ela não o poderia ter.

Vereis então o que Sua Majestade faz para concluir esse noivado — o que, segundo me parece, ocorre quando dá arroubos, que a tiram de seus sentidos. Se, estando de posse destes, a alma se visse tão perto dessa grande majestade, com certeza não poderia conservar a vida.

Falo de arroubos genuínos, e não de fraquezas de mulheres, como por vezes sentimos. Tudo logo nos parece arroubo e êxtase. E, como creio já ter dito,³ há compleições tão fracas que, com uma única oração de quietude, quase morrem.

Como tenho lidado com muitas pessoas espirituais, quero enumerar aqui algumas maneiras de arroubo de que tenho conhecimento. Não sei se conseguirei explicá-lo como fiz em outro lugar em que escrevi sobre o assunto, bem como sobre outros aqui mencionados.⁴ Por algumas razões, parece-me bom repeti-los aqui, para reunir tudo o que diz respeito a essas moradas.

3. Uma das maneiras é que, estando a alma (mesmo fora da oração) tocada por alguma palavra de Deus que ouve ou recorda, parece que Sua Majestade, a partir do interior da alma, faz crescer a centelha que já mencionamos,⁵ movido pela piedade de vê-la padecer tanto tempo com desejo Dele. Abrasando-se toda, tal outra fênix, ela se renova por completo. E, segundo piedosamente se pode crer, tem perdoadas as suas culpas⁶ — evidentemente, estando ela com as disposições exigidas, através dos meios postulados pela Igreja.

E, assim purificada, o Senhor a une Consigo, sem que ninguém o possa entender, a não ser os dois. Nem a própria alma o entende, de modo a poder explicá-lo depois, embora não esteja destituída de sentidos interiores. Pois isto não se assemelha a um desmaio ou a um paroxismo, nos quais não se entende nenhuma coisa interior ou exterior.

4. Pelo que entendo desse caso, a alma nunca esteve tão desperta para as coisas de Deus, nem com tão grande luz e conhecimento de Sua Majestade. Isso pode parecer impossível, porque, se as faculdades estão tão absortas que podemos dizer estarem mortas (o mesmo acontecendo com os sentidos), como pode a alma entender esse segredo? Eu não o sei, nem talvez nenhuma criatura; só o próprio Criador. O mesmo acontece com muitas coisas que se passam neste estado, isto é, nessas duas moradas. Com efeito, bem se poderiam unir esta e a última, pois de uma à outra não há porta fechada. Mas, como na última há coisas que ainda não se manifestaram aos que não chegaram a ela, julguei melhor separá-las.

5. Nessa suspensão, quando o Senhor tem por bem mostrar à alma alguns segredos — como coisas do céu e visões imaginárias —, esta sabe repeti-los depois. Ficam tão impressos em sua memória que ela jamais se esquece. Mas, quando se trata de visões intelectuais, a alma tampouco sabe dizê-las. Pois deve haver aí

algumas visões tão elevadas que não convém que os que vivem nesta terra as entendam para poderem repeti-las. Contudo, há outras visões intelectuais que a alma consegue exprimir quando recupera o uso dos sentidos.

Talvez algumas de vós não entendam o que é visão, em especial intelectual. Eu o direi a seu tempo,⁷ porque assim me ordenou quem pode. E, ainda que pareça coisa impertinente, talvez beneficie algumas almas.

6. Talvez digais: se depois não há lembrança dessas elevadas graças que o Senhor aí concede à alma, que proveito podem elas lhe trazer? Ó filhas, é tão grande que sequer se pode avaliar. Porque, embora não se saibam repetir essas faltas, ficam bem impressas no mais íntimo da alma e jamais se esquecem.

Mas, se essas visões não têm imagem nem são entendidas pelas faculdades, como podem ser lembradas? Eu tampouco entendo isso; mas sei que ficam na alma certas verdades tão vívidas da grandeza de Deus que, mesmo se não existisse nela a fé — ensinando-lhe quem é Deus e a obrigação que tem de crer Nele —, ela O adoraria como tal desde esse momento, como fez Jacó quando viu a escada.⁸ Este deve ter entendido outros segredos que não soube repetir, pois só a visão de uma escada por onde subiam e desciam anjos não lhe permitiria, se ele não tivesse sido favorecido com mais luz interior, o entendimento de tão grandes mistérios.

7. Não sei de acerto no que digo, porque, embora o tenha ouvido, não tenho certeza de recordá-lo bem. Tampouco soube Moisés dizer tudo o que viu na sarça, mas apenas o que Deus quis que dissesse.⁹ Mas, se Deus não mostrasse à alma alguns segredos, certamente para que visse e cresse que era Deus, não se envolveria em tantos e tão grandes sofrimentos. Moisés deve ter percebido tão grandes coisas dentro dos espinhos daquela sarça que, a partir daí, pôde fazer o que fez pelo povo de Israel.

Portanto, irmãs, quando se trata das coisas ocultas de Deus, não devemos buscar razões para entendê-las. Assim como cremos que o Senhor é poderoso, assim também devemos crer que vermezinhas tão limitadas como nós não podem entender Suas grandezas. Louvemo-Lo muito, porque é servido que entendamos algumas.

8. Estou desejando deparar com uma comparação que possa me ajudar a explicar-vos algo deste tema. Creio não haver nenhuma muito adequada, mas vejamos esta: suponde que entras no aposento de um rei ou de um grande senhor — creio que lhe dão o nome de câmara. Nele há infinitos tipos de vidros e louças, bem como muitas outras coisas, dispostos em tal ordem que quase todos se vêem logo que se entra.

Uma vez me levaram a um desses aposentos na casa da duquesa de Alba — onde, de volta de uma viagem, tive de permanecer, por obediência aos meus superiores, a quem essa senhora tinha dirigido insistentes pedidos.¹⁰ Fiquei espantada logo ao entrar, pensando para que podia servir aquela barafunda de coisas, e vi que se podia louvar ao Senhor ao ver tamanha diversidade. Agora acho graça ao ver como essa câmara me está sendo útil aqui.

E, embora eu tenha permanecido no aposento durante algum tempo, era tanto o que havia para ver que logo me esqueci de tudo, a tal ponto que nenhuma daquelas peças me ficou na memória, nem sou capaz de dizer qual era o seu feitio. Mas, em conjunto, lembro-me de o ter visto.

Assim acontece aqui, quando a alma, unida intimamente a Deus, está nesse aposento do céu empíreo que devemos ter no interior de nossa alma. Pois, se Deus habita em nós, está claro encontrar-se em alguma destas moradas. Nem sempre, quando a alma está assim em êxtase, Deus lhe permite ver esses segredos, porque ela está tão embebida em fruí-Lo que lhe basta tão grande bem.

Algumas vezes, no entanto, Ele gosta que a alma saia do embevecimento e veja de repente o que há nesse aposento. Desse modo, depois de voltar a si, ela fica com a representação das grandezas que viu. Mas não é capaz de descrever nenhuma, nem a sua natureza chega senão a ver o que sobrenaturalmente Deus lhe quis mostrar.

9. Digo logo tratar-se de ver, de visão imaginária. Não quero falar disso, pois estou abordando apenas a visão intelectual; mas, como não tenho erudição, a minha ignorância nada sabe explicar. E o que tenho dito aqui, a propósito desta oração, entendo claramente que, se acertei em dizê-lo, não fui eu quem o fez.

Creio que não se trata de arroubos se a alma a quem Deus dá essa graça não entende vez por outra esses segredos. Nesse caso, parece-me ser alguma fraqueza natural, própria de pessoas de compleição fraca — como nós, mulheres —, aliada a alguma força de espírito que sobrepuje a natureza. Isso lhes produz embevecimento, como creio ter dito na oração de quietude.¹¹ Esse fenômeno em nada se relaciona com arroubos, porque, quando se trata destes, crede que Deus rouba toda a alma para Si e, tomando-a já como coisa Sua e Sua esposa, vai lhe mostrando alguns aspectos do reino que mereceu em função dessa sua condição.

Por mínima que seja, essa pequena parcela do reino é imensa, como tudo o que há neste grande Deus. E não admite estorvo de ninguém, nem das faculdades nem dos sentidos. Pelo contrário, manda fechar de súbito

as portas de todas essas moradas, ficando aberta apenas a daquela em que Ele se encontra, a fim de que possamos entrar. Bendita seja tanta misericórdia! E com razão serão malditos os que não quiserem beneficiar-se dela e perderem esse Senhor.

10. Ó irmãs minhas! Nada é o que deixamos, o que fazemos e o que procuramos realizar por um Deus que assim se comunica com vermes como nós!

E, se ainda nesta vida temos esperança de gozar desse bem, o que fazemos e em que nos detemos? O que será suficiente para que deixemos de buscar um só momento a esse Senhor, como o fazia a Esposa, por bairros e praças?¹² Oh! E que farsa é tudo o que há no mundo se não nos leva e ajuda nisso, ainda que durassem para sempre os seus deleites, riquezas e alegrias, por maiores que se possam imaginar! Tudo é asco e lixo, comparado aos tesouros que haveremos de gozar para sempre! Nem mesmo estes representam alguma coisa se comparados com o fato de possuímos o Senhor de todos os tesouros do céu e da terra.

11. Ó cegueira humana! Até quando, até quando permaneceremos com os olhos cheios de terra? Pois, embora entre nós ela não pareça ser tanta que nos cegue de todo, vejo uns argueirinhos, umas manchazinhas que, se os deixarmos crescer, bastarão para nos causar prejuízo. Pelo amor de Deus, irmãs, que isso não aconteça! Aproveitemos essas faltas para conhecer a nossa miséria; elas nos darão uma melhor visão, como a deu o lodo ao cego a quem curou o nosso Esposo.¹³ Dessa forma, vendo-nos tão imperfeitas, supliquemos-Lhe continuamente que extraia bem de nossas misérias, a fim de em tudo contentarmos Sua Majestade.

12. Desviei-me muito do assunto sem percebê-lo. Perdoai-me, irmãs, e crede que, chegando a essas grandezas de Deus — isto é, chegando a falar delas —, não posso deixar de afligir-me em ver o que perdemos por nossa culpa. Porque, embora seja verdade que são coisas que o Senhor concede a quem deseje, se quiséssemos a Sua Majestade como Ele nos quer, seriam distribuídas a todos. Ele não deseja outra coisa senão ter a quem dar Suas riquezas, que, por mais que sejam repartidas, não diminuam.

13. Voltando, pois, ao que dizia, o Esposo manda fechar as portas das moradas, e até as do castelo e da cerca.¹⁴ De fato, no momento do arrebatamento, a alma fica sem fôlego, de tal maneira que, embora às vezes possa manter por um pouco de tempo a posse dos outros sentidos, de nenhum modo pode falar. De outras vezes, perde os sentidos de repente, esfriando-se-lhe as mãos e o corpo a tal ponto que não parece ter alma. Nem se sabe se ainda respira. Isso dura pouco tempo — quero dizer, sem mudança. Ao atenuar-se um pouco essa grande suspensão, parece que o corpo volta um pouco a si e toma alento. Mas logo volta a morrer, a fim de dar mais vida à alma. No entanto, isso não dura muito nesse êxtase tão grande.

14. Mas, mesmo passada a suspensão, acontece de a vontade ficar tão absorvida e o intelecto tão fora de si que a pessoa assim permanece por um dia inteiro, ou até por dias. Ela só parece dedicar-se àquilo que lhe desperta a vontade para amar. Para isso, a alma está muito desperta, embora esteja adormecida para lançar-se ao apego a alguma criatura.

15. Oh! Quando a alma volta inteiramente a si! Em que confusão se encontra e quão grandes são os seus desejos de servir a Deus de todas as maneiras que a Ele aprouver! Se das orações passadas já ficam os grandes efeitos a que me referi, o que não suscitará uma graça imensa como esta?

A alma gostaria de ter mil vidas para empregá-las todas em Deus. Quisera que todas as coisas da terra fossem línguas para louvar ao Senhor em seu nome. Sente grandíssimos desejos de fazer penitência. E não lhe custa suportá-la porque, com a força do amor, considera pouco o que faz, vendo claramente que os mártires não faziam muito nos tormentos que padeciam — já que, com esse auxílio da parte de Nosso Senhor, é fácil padecê-los. Quando não se lhes oferecem sofrimentos, essas almas se queixam a Sua Majestade.

16. Quando essa graça lhe é concedida secretamente, a alma a julga maior. Sendo em público, são tão grandes a vergonha e a confusão que lhe ficam que de algum modo se reduz o seu embevecimento, devido à angústia e à preocupação que lhe causa considerar o que pensarão os circunstantes.¹⁵ A alma conhece a malícia do mundo e sabe que estes podem distorcer a fonte daquele efeito, fazendo dele ocasião mais de maus juízos que de louvores ao Senhor.

Essa angústia e preocupação me parecem de certo modo falta de humildade. Mas a alma não tem em suas mãos o superá-lo. Com efeito, se há desejo de ser acusada, o que isso lhe importa? A propósito disso, ouviu certa pessoa de Nosso Senhor: *Não te aflijas, porque ou Me louvarão a Mim ou murmurarão contra ti. Seja qual for o caso, sairás com lucro.*¹⁶ Tive depois oportunidade de saber que essa pessoa se animou e se consolou muito com essas palavras. Deixo-as aqui para beneficiar aquelas que se virem na mesma aflição.

Nosso Senhor parece desejar que todos entendam que aquela alma já é Sua e que ninguém deve tocar nela. Não há mal no fato de se atingirem o corpo, a honra e as posses (pois de tudo se tirará honra para Sua

Majestade); mas a alma não o deve ser nunca. O Senhor lhe servirá de amparo contra todo o mundo e até contra todo o inferno, a não ser que ela, com inconcebível atrevimento, se afaste de Seu Esposo.

17. Não sei se consegui explicar algo do que é o arroubo. Porque, como eu disse,¹⁷ é impossível fazê-lo de todo. Creio que nada se perdeu com a minha explanação, a fim de se entender do que se trata, porque há efeitos muito diferentes nos arroubos fingidos. Digo fingidos não porque quem os tenha queira enganar, mas por estar enganado ele próprio. E, como os sinais e efeitos não estão em consonância com tão grande graça, fica esta desacreditada, o mesmo acontecendo — neste caso, com razão — com as pessoas a quem o Senhor concede esse favor. Seja Ele para sempre bendito e louvado. Amém, amém.

CAPÍTULO 5

DÁ PROSSEGUIMENTO AO MESMO ASSUNTO E MOSTRA COMO DEUS ELEVA A ALMA POR UM VÔO DE ESPÍRITO DIFERENTE DO QUE FICOU DITO. ENUMERA ALGUMAS DAS RAZÕES PELAS QUAIS É PRECISO ÂNIMO. AFIRMA LOGO DESSA GRAÇA QUE O SENHOR CONCEDE DE MODO SABOROSO. É MUITO PROVEITOSO.

1. Há outra maneira de arroubo, ou, como eu o chamo, vôo do espírito. Ainda que se trate da mesma coisa na substância, no interior sente-se de forma muito diferente.¹ Às vezes percebe-se de repente um movimento tão acelerado da alma que parece que o espírito é arrebatado com uma velocidade que causa grande temor, em especial no princípio. Por isso, eu vos dizia² que é necessário um grande ânimo a quem Deus concede essas graças, assim como ardorosa fé, confiança e resignação para que Nosso Senhor faça da alma o que quiser.

Pensais que é pequena perturbação estar uma pessoa de plena posse de seus sentidos e de súbito ver a alma arrebatada? E até lemos em alguns autores que o corpo a segue, sem saber para onde, ou quem os leva, e como. Porque, no princípio desse repentino movimento, não há tanta certeza de que venha de Deus.³

2. Haverá, pois, algum remédio para se poder resistir? De modo algum; é até pior procurá-lo. Disse-me uma pessoa⁴ que Deus parece querer mostrar à alma — já que esta tantas vezes e de modo tão verdadeiro se tem entregado a Suas mãos, bem como se oferecido a Ele de espontânea vontade — que não é mais dona de si. O Senhor então a arrebatava com um movimento notavelmente mais impetuoso.

A própria pessoa de que falei já decidira não fazer mais do que faz uma palha quando levantada pelo âmbar, coisa que sem dúvida conheceis. Ela se deixava ir nas mãos Daquele que é todo-poderoso, pois via que o mais acertado é transformar a necessidade em virtude. E, tendo eu falado da palha, digo que se passa exatamente assim: com a facilidade com que um homem forte pode arrebatar uma palha, este nosso grande e poderoso Gigante arrebata o espírito.⁵

3. Recordai-vos daquele reservatório de água de que falamos (parece-me que nas quartas moradas, não me lembro bem⁶)? Dissemos que com muita suavidade e mansidão — isto é, sem nenhum movimento — ele se enchia. Neste caso, o poderoso Deus — que detém os mananciais das águas e não deixa o mar sair de seus limites —⁷ parece abrir as represas de onde a água vem a esse reservatório. Com um grande ímpeto, levanta-se uma onda tão forte que faz subir muito alto o barquinho da nossa alma. Nem o piloto nem os que manejam um navio conseguem manter-lhe o equilíbrio quando o mar está bravio. O mesmo acontece aqui. O interior da alma não pode deter-se onde quer, tampouco conseguindo dominar seus sentidos e faculdades e retirá-los da esfera do impulso que os move. Quanto ao corpo, aqui não se faz caso dele.

4. É certo, irmãs, que só de escrevê-lo, já me encho de espanto ao ver como se mostra aqui o grande poder desse grande Rei e Imperador. O que não sentirá então quem o experimenta! Creio que, se Sua Majestade se revelasse assim aos que andam muito perdidos pelo mundo, estes — ainda que não fosse por amor, mas por medo — não O ousariam ofender.

Oh! Quão obrigadas devem sentir-se as almas que aprendem, por caminho tão elevado, a empregar todas as suas forças em não desgostar esse Senhor! Por Ele vos suplico, irmãs, àquelas a quem Sua Majestade tiver concedido essas graças ou outras semelhantes, que não vos descuideis, limitando-vos a receber. Olhai que muito deve dar quem muito recebeu.⁸

5. Também aqui é necessário grande ânimo, pois se trata de algo que acovarda muito. E, se Nosso Senhor não o desse à alma, esta andaria sempre com grande aflição, porque, ao olhar o que Sua Majestade faz com ela, e voltando o olhar para si, vê quão pouco serve para o que está obrigada. E o pouquinho que faz costuma estar cheio de faltas, interrupções e frouxidão.

Assim, a alma considera melhor procurar esquecer as obras que faz — se é que as faz — para não se lembrar da imperfeição com que as realiza. Tenta também ter diante dos olhos os seus pecados e esconder-se na misericórdia de Deus, a fim de que, não tendo com que pagar, supram essa falha a piedade e a misericórdia que Ele sempre demonstra pelos pecadores.

6. Talvez o Senhor lhe responda como o fez a uma pessoa que, diante de um crucifixo, se afligia muito pensando que nunca tinha tido nada para oferecer a Deus, nem o que deixar por Ele. Disse-lhe o próprio Crucificado, consolando-a, *que lhe dava todas as dores e sofrimentos que padecera em Sua Paixão; que ela os tivesse como seus para oferecê-los a Seu Pai.*⁹ Ficou aquela alma tão consolada e tão enriquecida que, segundo o ouvi dela própria, nunca esqueceu essas palavras; pelo contrário, sempre que se vê tão miserável, lembra-se delas e fica animada e consolada.

Eu poderia contar aqui muitas dessas coisas, porque, como tenho convivido com tantas pessoas santas e de oração, sei de várias. Para que não penseis que falo de mim, não o farei. Esta que contei me parece ser de grande proveito para que entendais como Nosso Senhor se contenta com que nos conheçamos e procuremos examinar e reexaminar a nossa miséria, vendo que nada possuímos que não tenhamos recebido Dele.

Assim, pois, minhas irmãs, para isso e para muitas outras coisas que se oferecem a uma alma a quem o Senhor já trouxe a este ponto, é preciso ânimo. E, a meu ver, ele é ainda mais necessário para esta última graça, caso haja humildade. O Senhor no-la dê por quem é.

7. Voltando a este repentino arrebatamento do espírito,¹⁰ passam-se as coisas de tal maneira que este parece de fato sair do corpo; por outro lado, é claro que essa pessoa não morre. Mas, pelo menos por alguns instantes, ela não pode dizer se está no corpo ou não. Parece-lhe ter estado por inteiro numa região muito diferente desta em que vivemos, região na qual vê uma luz muito distinta da luz da terra, bem como muitas outras coisas que jamais imaginaria, ainda que ocupasse toda a sua vida nessa tarefa.

E ocorre que, num instante, lhe ensinam tantas coisas juntas que, mesmo que trabalhasse em ordená-las com a imaginação e o pensamento durante muitos anos, não poderia conceber nem a milésima parte. Isso não é visão intelectual, mas imaginária; nela se vê com os olhos da alma muito melhor do que vemos aqui com os do corpo e dão-se a entender algumas coisas à alma sem o uso de palavras. Digo, por exemplo, que, vendo alguns santos, a alma os reconhece como se tivesse convivido muito com eles.

8. Outras vezes, juntamente com essas coisas que capta com os olhos da alma, a pessoa apreende outras por visão intelectual, em especial multidões de anjos que acompanham o seu Senhor. E isso sem nada ver com os olhos do corpo ou da alma. Por um conhecimento admirável que eu não saberia explicar, representam-se-lhe o que digo e muitas outras coisas indizíveis.

Quem receber essas graças e tiver mais habilidade do que eu talvez possa explicá-las, embora me pareça bastante difícil. Se tudo isso se passa estando a alma no corpo ou não, desconheço-o; pelo menos não posso jurar que ela esteja no corpo, nem tampouco estar o corpo sem alma.¹¹

9. Muitas vezes tenho pensado: não se parecerá isso com o sol, que, estando no céu, desfere raios tão fortes que, não mudando ele de posição, de imediato chegam até nós? Ora, a alma e o espírito são uma mesma coisa, tal como o sol e os seus raios. Assim, não seria possível — pela força do calor que lhe vem do verdadeiro Sol de Justiça — elevar-se a alma acima de si mesma, permanecendo contudo em seu posto? Não poderia ela elevar-se por meio de alguma parte superior do espírito, saindo por cima de si mesma?¹²

Enfim, não sei o que digo. A verdade é que, com a mesma rapidez com que a bala sai dum arcabuz, quando lhe põem fogo, levanta-se no interior um vôo — não sei que outro nome lhe dar; ainda que não faça ruído algum, há um movimento tão claro que não pode ser em absoluto imaginação. E, estando a alma já muito fora de si mesma, para tudo quanto possa entender, são--lhe mostradas grandes coisas.

Quando volta a si, ela se vê com tão grandes lucros e tão desapegada de todas as coisas da terra que as considera lixo perto das que viu. Daí em diante, vive muito pesarosa neste desterro, menosprezando as coisas que antes lhe causavam satisfação. Parece que o Senhor quis mostrar-lhe algo do lugar para onde deve ir, tal como os mensageiros do povo de Israel levaram amostras da terra de promessa.¹³ É para que possa suportar os sofrimentos deste caminho tão penoso, sabendo onde há de encontrar repouso.

Ainda que coisa tão passageira não vos pareça de muito proveito, são tão grandes os benefícios que deixa na alma que, com exceção dos que passaram por isso, ninguém saberá entender o seu valor.

10. Por aí se vê não ser de fato coisa do demônio ou da imaginação. A primeira não poderia fazê-lo; quanto ao segundo, não seria capaz de representar algo que deixe na alma tanta paz, tranquilidade, bem como tantos benefícios. São particularmente três os frutos que ficam na alma num grau muito elevado. Em primeiro lugar, o conhecimento da grandeza de Deus, pois quanto mais coisas Suas vimos, tanto mais se mostrará ela a nós.¹⁴ Depois, conhecimento próprio e humildade. Ao ver que criaturas tão mesquinhas como nós — em

comparação com o Criador de tantas grandezas — têm ousado ofendê-Lo, a alma nem sabe como ainda ousa olhar para Ele. E, em terceiro lugar, o desprezo por todas as coisas da terra, caso não possam ser aplicadas ao serviço de tão grande Deus.

11. São essas as jóias¹⁵ que o Esposo começa a dar à Sua esposa, e têm tanto valor que a alma as guarda cuidadosamente. Porque ficam tão esculpidas na memória essas visões que creio ser impossível esquecer-las até que possam ser gozadas para sempre. A menos que, para seu grandíssimo mal, a alma venha a ser infiel. Mas o Esposo que lhe dá tais jóias é poderoso para conceder-lhe a graça de não perdê-las.

12. Voltando agora à necessidade de ter ânimo,¹⁶ julgais ser essa uma coisa fácil? A alma parece verdadeiramente afastar-se do corpo, vê-se perdendo os sentidos e não sabe por quê. Por conseguinte, é preciso que Aquele que tudo lhe dá dê-lhe também esse ânimo. Direis que a alma recebe grande recompensa por esse temor; o mesmo digo eu. Seja para sempre louvado Aquele que tanto pode dar. Queira Sua Majestade dar-nos graça para que possamos servi-Lo. Amém.

CAPÍTULO 6

DIZ UM EFEITO DA ORAÇÃO EXPLICADA NO CAPÍTULO ANTERIOR PELO QUAL SE ENTENDERÁ
SER ELA VERDADEIRA, E NÃO ENGANO. TRATA DE OUTRA GRAÇA QUE O SENHOR
CONCEDE À ALMA PARA IMPELI-LA A LOUVÁ-LO.

1. Tendo recebido essas imensas graças, a alma fica tão desejosa de fruir por inteiro Aquele que as concede que vive em grande tormento, embora saboroso. Sente grandíssimas ânsias de morrer e, com lágrimas, pede amiúde que Deus a tire deste desterro. Todas as coisas do mundo a cansam. Vendo--se a sós, ela tem algum alívio, mas logo lhe sobrevém esse pesar; sem ele, a alma já não se reconhece a si mesma.

Em suma, essa borboletinha não encontra descanso que perdure. Pelo contrário, estando a alma tão repleta de amor, qualquer ocasião capaz de acender mais esse fogo a faz voar. Assim, nesta morada, são muito freqüentes os arroubos, não havendo meio de evitá-los, nem mesmo em público. E a isso logo sucedem as perseguições e os murmúrios, pois, mesmo que a alma deseje estar sem temores, não a deixam. São muitas as pessoas que lhe incutem medo, em especial os confessores.

2. E, embora em seu interior a alma pareça ter, por um lado, grande segurança — particularmente quando está a sós com Deus —, por outro anda muito aflita, porque teme ser enganada pelo demônio de maneira a ofender a Quem tanto ama. Os murmúrios perturbam-na pouco, a não ser quando é o próprio confessor quem a repreende, como se ela pudesse agir de outro modo.

A alma não faz senão pedir orações a todos e suplicar a Sua Majestade que a leve por outro caminho — porque lhe dizem que o faça, considerando este muito perigoso. Mas, como se viu tão beneficiada por ele (não podendo deixar de ver o seu lucro) e como lê, ouve e sabe pelos mandamentos de Deus o que leva ao céu,¹ não consegue desejar outro, mesmo que o queira. Assim, entrega-se às mãos de Deus.

Não podendo desejar outro caminho, sente pesar, julgando não obedecer ao confessor. Pois considera o obedecer a este e o não ofender a Nosso Senhor todo o seu remédio para não ser enganada. Com efeito, ela não cometeria advertidamente um único pecado venial — segundo lhe parece — mesmo que a fizessem em pedaços. Mas aflige-a muito ver que não pode deixar de cometer muitos sem percebê-lo.

3. Deus dá a essa alma um imensurável desejo de não descontentá-Lo em coisa alguma, por pouquinho que seja, nem de agir com imperfeição, mesmo que possa. Tão grande é esse desejo que basta para que a alma queira fugir das pessoas e passe a invejar os que vivem e viveram nos desertos.

Por outro lado, ela gostaria de introduzir-se no mundo, a fim de contribuir para que ao menos uma alma louve mais a Deus. Se se trata de mulher, aflige-se por não poder fazê-lo, já que está presa à sua natureza. Tem grande inveja dos que são livres para alçar a voz e anunciar a todos quem é este grande Deus das Cavalarias.²

4. Ó pobre borboletinha, são tantos os teus grilhões que não podes voar como gostarias! Tende compaixão dela, meu Deus. Ordenai os eventos de modo a poder ela cumprir em alguma coisa seus desejos, para Vossa honra e glória. Não Vos recordeis do pouco que merece e de sua mesquinha natureza. Poderoso sois Vós, Senhor, para fazer recuar o vasto mar e o grande Jordão, a fim de poderem passar os filhos de Israel.³

Não a poupeis; ajudada pela Vossa força, ela pode passar por muitos sofrimentos. Está determinada a isso e deseja padecê-los. Estendei, Senhor, o Vosso poderoso braço, a fim de que não viva a alma em coisas tão baixas.⁴ Resplandeça a Vossa grandeza em ser tão feminil e mesquinho, para que o mundo entenda que nada vem dela e para que todos Vos possam louvar. Não importa o que isso lhe custe, já que ela quer padecer.

Daria mil vidas, se tantas tivesse, para que uma única alma, por seu intermédio, Vos louvasse um pouquinho mais. E as julgaria muito bem empregadas, reconhecendo com toda a razão que não merece padecer por Vós um pequeno sofrimento, quanto mais morrer!⁵

5. Não sei a que propósito disse essas coisas, irmãs, nem para quê. Nem eu própria me entendo. Compreendamos que são esses, sem dúvida nenhuma, os efeitos dessas suspensões ou êxtases. Não se trata de desejos passageiros, mas permanentes e firmes. E, quando se oferece ocasião de o mostrar, vê-se que não são fingidos. Quereis saber por que digo permanentes? Às vezes, a alma se sente covarde, até nas menores coisas, e atemorizada, com tão pouco ânimo que não lhe parece possível tê-lo para coisa alguma.

Nesse caso, creio que o Senhor a deixa entregue à própria natureza, para muito maior bem seu, porque a alma pode perceber então que, se teve ânimo para algo, ele lhe foi dado por Sua Majestade. E ela o entende com uma clareza tal que fica aniquilada, passando a conhecer melhor a glória de Deus e a Sua grandeza, demonstradas por Ele em coisa tão baixa. Mas o mais habitual é o estado de que antes falamos.⁶

6. Não deixeis de perceber um aspecto, irmãs, nesses grandes desejos de ver Nosso Senhor: eles às vezes oprimem tanto que não deveis alimentá-los, mas vos distrair — isto é, se o puderdes. Há casos, dos quais falarei adiante,⁷ em que não é possível distrair-se de forma nenhuma. No princípio, às vezes se consegue, porque a razão se conforma inteiramente com a vontade de Deus, repetindo o que dizia São Martinho,⁸ e pode-se desviar o pensamento para outras coisas quando esses desejos são muito intensos. Convém agir assim porque, sendo esse desejo, ao que me parece, característico de pessoas muito adiantadas, o demônio pode fazer uso dele para fazer-nos crer que o estamos. Por isso, sempre é bom agir com temor.

Mas tenho para mim que o demônio nunca poderá proporcionar a quietude e a paz que esse pesar oferece à alma; apenas conseguirá suscitar alguma paixão, tal como se tem quando, por coisas temporais, sentimos alguma angústia. Mas quem não tiver experiência de uma e outra coisa não o entenderá. Pensando ser grande graça do Senhor, alimentará quanto puder esses desejos, o que lhe causará muito prejuízo à saúde, já que esse pesar é contínuo ou, pelo menos, muito freqüente.

7. Percebei também que a compleição fraca costuma provocar tristezas desse tipo, em especial se se trata de pessoas sensíveis, que choram por qualquer coisa. Mil vezes pensarão que choram por Deus, quando não é assim. E isso pode mesmo acontecer (refiro-me às ocasiões em que, a cada palavrinha que ouvem ou pensam ser de Deus, essas pessoas já prorrompem em lágrimas sem fim) por ter-se aproximado do coração algum humor, o qual induz muito mais a esse estado do que o amor por Deus. E, assim, parece que essas pessoas nunca acabarão de chorar.

Como crêem que as lágrimas são boas, elas não procuram reprimi-las nem desejam fazer outra coisa que não chorar, entregando-se totalmente a essa atitude. Nesse caso, o demônio pretende que se enfraqueçam de tal maneira que depois nem possam ter oração nem guardar a Regra.

8. Parece-me que vos ouço perguntar o que fareis, se em tudo vejo perigo. E, se em coisa tão boa como as lágrimas me parece poder haver engano, sou eu a enganada. Bem pode ser, mas crede que não falo sem ter visto que pode haver esse engano em algumas pessoas, embora não em mim, pois não sou nada sensível. Pelo contrário, tenho um coração tão duro que às vezes até me dá aflição.

Todavia, quando é grande o fogo que arde no interior, por mais duro que seja um coração, destila como um alambique. Bem entenderéis neste caso que as lágrimas vêm de Deus, pois proporcionam conforto e tranqüilidade — e não alvoroço —, raras vezes fazendo mal. Um aspecto bom desse engano, quando disso se trata, é prejudicar só o corpo, e não a alma — isto é, se há humildade. E, mesmo quando não há engano, não será mau ter essa suspeita.⁹

9. Não pensemos que fazemos tudo derramando copiosas lágrimas. Esforcemo-nos por trabalhar muito e adquirir virtudes, que é o que importa. Quanto às lágrimas, que venham quando Deus as enviar, não nos empenhando para tê-las. As de Deus regarão a terra seca e serão de grande ajuda para que frutifique. Quanto menos importância lhes dermos, mais ajudarão, porque é água que cai do céu.

A água que extraímos cansando-nos em nada se relaciona com essa, pois muitas vezes cavaremos, nos fatigaremos e não encontraremos sequer uma poça d'água, quanto mais um profundo manancial. Por isso, irmãs, creio ser melhor que nos ponhamos diante do Senhor e observemos a Sua misericórdia e grandeza, bem como a nossa pequenez. Que Ele nos dê o que quiser, seja água, seja secura. O Senhor sabe melhor o que nos convém. Com isso ficaremos tranqüilas, e o demônio não terá tanta ocasião para nos enganar.

10. Entre essas coisas, a um tempo perturbadoras e saborosas, Nosso Senhor dá algumas vezes certos júbilos e uma oração tão estranha que a própria alma não sabe definir. Refiro-me a isso para que, se Deus vos conceder essa graça, vós O louveis muito e saibais que é coisa que pode acontecer. Trata-se, a meu ver, de

uma grande união das faculdades, embora Nosso Senhor as deixe com liberdade para se entregarem a esse gozo, o mesmo fazendo com os sentidos. No entanto, eles não entendem o que fruem e como o fruem.

Embora o que digo pareça incompreensível, é certo que as coisas se passam assim. Trata-se de uma felicidade tão grande da alma que ela não desejaria gozá-la a sós, mas comunicá-la a todos, a fim de que a ajudassem a louvar Nosso Senhor. É para isso que se dirige todo o ímpeto. Oh! Quantas festas faria e, se pudesse, quantas demonstrações daria, para que todos entendessem a sua felicidade! A alma parece ter se encontrado a si mesma e, tal como o pai do filho pródigo, gostaria de convidar a todos e fazer grandes festejos,¹⁰ porque se vê em segurança, ao menos nessa ocasião. E creio que ela tem razão; não podem ser do demônio tanto gozo interior, tanta paz e um contentamento que só suscita louvores a Deus.

11. E muito faz a alma, estando com esse grande ímpeto de alegria, ao calar-se e dissimular, atitudes que não lhe causam pequeno pesar. É o que deve ter sentido São Francisco quando o encontraram os ladrões, pois andava pelo campo gritando e lhes disse ser arauto do grande Rei;¹¹ e também outros santos que se retiraram para o deserto, a fim de apregoar, como São Francisco, esses louvores de Deus. Eu conheci um, chamado Frei Pedro de Alcântara (tenho-o por santo, dada a vida que levava). Fazia ele o mesmo e era tido por louco pelos que alguma vez o ouviram.¹²

Oh! Que boa loucura, irmãs! Oxalá Deus no-la desse a todas! E que grande graça vos concedeu mantendo-vos num lugar em que, mesmo que Ele vos dê esse favor e vós o demonstreiis, achareis quem vos ajude, e não haverá murmúrios. O mesmo não acontece no mundo, onde há tão poucos desses arautos que não admira que haja recriminações.

12. Oh! Desventurados tempos e miserável vida a que hoje vivemos! Ditasas aquelas às quais coube a boa sorte de estar fora do mundo! Algumas vezes, sinto especial contentamento quando, estando juntas, vejo estas irmãs com tão grande felicidade interior. Cada uma dá, na medida de suas possibilidades, maiores louvores a Nosso Senhor pelo fato de estar no mosteiro. E vê-se muito claramente que eles brotam do íntimo da alma. Eu gostaria, irmãs, que fizésseis isso com frequência, porque, quando uma começa, as demais são estimuladas. E em que melhor podeis ocupar vossa língua, quando estais juntas, do que em louvores a Deus, já que temos tantos motivos para fazê-lo?

13. Praza a Sua Majestade dar-nos amiúde essa oração, pois é muito segura e suscita grandes benefícios. Adquiri-la, não o podemos, porque é muito sobrenatural. Ela pode durar um dia inteiro; nesse caso, a alma se porta como alguém que bebeu muito, embora não a ponto de ficar fora de si, ou como uma pessoa atacada de melancolia; esta, ainda que não tenha perdido de todo o juízo, não se distrai de uma coisa que se fixou em sua imaginação, nem há quem a tire disso.

Muito grosseiras comparações são estas para coisa tão valiosa, mas minha ignorância não me permite elaborar outras. É justamente assim que acontece: esse gozo faz a alma esquecer-se tanto de si e de todas as coisas que ela não pensa nem consegue falar, a não ser no que diz respeito à sua felicidade, que são os louvores a Deus.

Ajudemos todas a essa alma, filhas minhas. Para que desejamos ter mais juízo do que ela? Onde podemos encontrar maior contentamento? E ajudem-nos todas as criaturas, por todos os séculos dos séculos. Amém, amém, amém.

CAPÍTULO 7

TRATA DA GRANDE AFLIÇÃO QUE SENTEM PELOS SEUS PECADOS AS ALMAS A QUEM DEUS
CONCEDE AS MENCIONADAS GRAÇAS. DIZ O GRANDE ERRO QUE É NÃO SE EXERCITAR, POR MAIS
ESPIRITUAL QUE SE SEJA, EM TER PRESENTE A HUMANIDADE DE NOSSO SENHOR E SALVADOR
JESUS CRISTO, BEM COMO A SUA SACRATÍSSIMA PAIXÃO E VIDA, SUA GLORIOSA MÃE E
OS SANTOS. É DE GRANDE PROVEITO.

1. Talvez vos pareça, irmãs, que as almas com quem o Senhor se comunica de modo tão particular já estejam tão seguras de que O gozarão para sempre que não têm de temer nem de chorar os seus pecados (especialmente as que não tiverem recebido esses favores deverão evitar esse pensamento; já aquelas que os receberam, e se forem de Deus, verão que é certo o que digo).

É grandíssimo engano pensar assim, porque, quanto mais se recebe de Deus, tanto mais aumenta a dor pelos pecados. E creio que esse pesar nunca nos deixará, até que estejamos no lugar em que nada pode causar dor.

2. É verdade que ela às vezes perturba mais, fazendo-se sentir de modo diferente. A alma não se lembra do castigo que há de sofrer por seus pecados, mas de como foi ingrata para com Aquele a quem tanto deve e

que tanto merece ser servido. Com efeito, em meio às grandezas que lhe são comunicadas, ela entende muito mais a de Deus. Espanta-lhe o seu atrevimento; chora o seu pouco respeito. Parece-lhe coisa tão disparatada o seu desatino que não pára de lastimá-lo, lembrando-se das miserabilidades pelas quais deixava tão grande Majestade.

A alma lembra-se mais disso do que das graças recebidas, embora sejam elas tão elevadas quanto as que se mencionaram e quanto outras a que se fará referência. Parece-lhe que as leva um rio caudaloso — que torna a trazê-las a seu tempo. Mas os pecados assemelham-se a um lodaçal, sempre vivos na memória. E é essa uma cruz bem grande.

3. Sei de uma pessoa¹ que, deixando de querer morrer só para ver Deus, o desejava para não sentir tão amiúde o pesar por se ver tão ingrata para com Aquele a quem tanto deveu sempre e sempre haveria de dever. Parecia-lhe que as suas maldades ultrapassavam as de qualquer outra pessoa. Acreditava que de ninguém Deus tinha sofrido tanto e que a ninguém tinha concedido tantas graças.

Desaparece aqui, por completo, o medo do inferno. O de perder a Deus às vezes aflige muito; mas não ocorre com freqüência. O temor dessa alma é que o Senhor lhe retire Sua mão, vindo ela a ofendê-Lo e voltando assim ao miserável estado de outros tempos. Ela não se importa com a sua própria dor ou glória; e, se deseja não permanecer muito tempo no purgatório, é antes para não se ver privada de Deus enquanto ali estiver do que pelas penas que terá de padecer.

4. Eu não consideraria seguro — por mais favorecida que uma alma estivesse por Deus — que ela se esquecesse de que já se viu em miserável estado. Embora seja algo penoso, essa lembrança pode trazer grandes benefícios. Talvez eu tenha essa opinião por ter sido muito ruim, sendo também essa a causa de o trazer sempre na memória. As pessoas que têm sido boas não terão o que lamentar, embora sempre haja faltas enquanto vivemos neste corpo mortal.

Não é alívio nenhum para essa dor pensar que Nosso Senhor já perdoou e esqueceu nossos pecados. Pelo contrário, antes aumenta-a ver tanta bondade, bem como a concessão de graças a quem não merecia senão o inferno. Penso que foi esse um grande martírio para São Pedro e para Madalena. Favorecidos por um grande amor, pelo recebimento de muitas graças e pela compreensão da grandeza e majestade de Deus, deve ter-lhes sido penoso sofrê-lo, provocando-lhes um terníssimo sentimento.

5. Também pode vos parecer que quem usufrui de coisas tão elevadas não medite nos mistérios da sacratíssima Humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, porque já se exercita por inteiro no amor. Este é um assunto sobre o qual me detive em outro lugar² e, embora nisso tenham me contestado e dito que não o entendo, a mim não farão confessar que se trate de um bom caminho.

Dizem que são caminhos por onde Nosso Senhor leva as almas e que, quando estas já passaram do princípio, é melhor tratar das coisas da Divindade e fugir das corpóreas. Pode ser que eu bem me engane e que estejamos todos dizendo a mesma coisa. Mas vi que o demônio queria enganar-me por esse meio e, assim, estou tão prevenida que penso em repeti-lo aqui, embora já o tenha dito outras vezes.³ Eu o farei para que tenhais muito cuidado no que se refere a isso.

Olhai: ousa dizer que não acrediteis em quem vos disser outra coisa. Procurarei explicar-me melhor do que o fiz em outra parte. Porque, se alguém que abordar o assunto, como ele o disse,⁴ se estendesse mais em sua explanação, bem o faria. Mas falá-lo assim por alto a nós que não entendemos tanto pode fazer muito mal.

6. Algumas almas também se julgam incapazes de pensar na Paixão. Se isso for verdade, menos poderão pensar na Santíssima Virgem ou na vida dos santos, cujo exemplo nos traz tanto benefício e alento. Não consigo imaginar o que pensam essas pessoas. Afastar-se de tudo o que é corpóreo e viver sempre abrasado de amor são coisas próprias de espíritos angélicos, e não dos que vivemos num corpo mortal.

Devemos pensar nos que, tendo tido corpo como nós, fizeram grandes façanhas por Deus. Deles temos de tratar e nos fazer acompanhar. Que grave engano afastar-se propositalmente de todo o nosso bem e remédio, que é a sacratíssima Humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo. Eu não posso crer que o cometam. Mas parecem não se entender a si mesmos, causando assim muito mal a si e aos outros.

Posso pelo menos assegurar que essas pessoas não entram nestas duas últimas moradas, porque, se perderem o guia — que é o bom Jesus —, não darão com o caminho. Muito já será se ficarem nas outras moradas com segurança. O próprio Senhor nos diz que é caminho, assim como luz, e que ninguém pode chegar ao Pai senão por Ele. “Quem me vê vê a meu Pai.”⁵ Talvez se diga que é outro o sentido dessas palavras. Eu não conheço esses outros sentidos. Com este, em que sempre a minha alma encontrou a verdade, tenho ido muito bem.

7. Há algumas almas — e são muitas as que têm abordado o assunto comigo — que, mal Nosso Senhor lhes dá a contemplação perfeita, desejariam permanecer sempre ali, o que não é possível. Mas, com essa graça de Deus, elas ficam de tal maneira que não conseguem mais como antes refletir sobre os mistérios da Paixão e da vida de Cristo. Desconheço a causa, mas sei que isso é muito freqüente. O intelecto fica meio incapacitado para a meditação.

Creio que deve ser esta a causa: como na meditação tudo consiste em buscar a Deus, uma vez que a alma O encontra e se acostuma a torná-Lo a buscar por meio da vontade, já não quer cansar-se com o trabalho do intelecto. Parece-me também que, estando já a vontade inflamada, desejaria essa generosa faculdade dispensar o auxílio do intelecto, se isso fosse possível. Não age mal em fazê-lo, mas não o conseguirá — em especial até chegar a estas últimas moradas — e perderá tempo. Porque a alma muitas vezes precisa da ajuda do intelecto para inflamar a vontade.

8. E notai, irmãs, este ponto (por ser importante, quero explicá-lo melhor). A alma deseja aplicar-se toda ao amor e não gostaria de fazer outra coisa, mas não poderá agir assim, ainda que o queira. Embora a vontade não esteja morta, está amortecido o fogo que costuma inflamá-la, sendo necessário quem o sobre para atear novo calor.

Seria caso bom que a alma permanecesse ali com essa aridez, esperando do céu um fogo que consuma esse sacrifício que está fazendo de si a Deus, como aconteceu com Elias, nosso Pai?⁶ Não, por certo; tampouco é bom esperar milagres. O Senhor os faz, quando é servido, por amor a essa alma, como foi dito e se dirá adiante. Mas Sua Majestade quer que nos consideremos tão ruins que pensemos não merecer que Ele no-los faça. Deseja assim que nos ajudemos em tudo o que pudermos. E creio que, até que morramos — por mais elevada que seja a oração —, isso será necessário.

9. É verdade que a alma já introduzida pelo Senhor na sétima morada muito poucas vezes — ou quase nunca — precisa recorrer a essa diligência, pelo motivo que direi ao abordar esse aposento,⁷ se me lembrar. Mas essa alma não deixa de manter-se constantemente unida a Cristo Nosso Senhor. De um modo admirável — divino e humano a um só tempo —, Ele sempre lhe faz companhia.

Assim, pois, quando não se acende na vontade o mencionado fogo,⁸ nem sentimos a presença de Deus, devemos buscá-la. É esse o desejo de Sua Majestade — como o fazia a Esposa nos Cânticos.⁹ Ele também quer que perguntemos às criaturas quem as fez — como diz Santo Agostinho, creio que nas suas *Meditações* ou *Confissões* —¹⁰ e que não fiquemos como bobos, perdendo tempo, à espera do que uma vez recebemos. É possível que, no início, o Senhor não repita a mesma graça por um ano ou mesmo por muitos. Sua Majestade sabe o porquê.

Quanto a nós, não devemos querer sabê-lo, nem há razão para isso. Conhecemos o caminho e sabemos como nele contentaremos a Deus: pelos mandamentos e conselhos. Andemos por ele com grande diligência, meditando na Sua vida e morte, bem como no muito que Lhe devemos. E que venha o demais quando o Senhor quiser.

10. Neste ponto, as pessoas respondem que não podem deter-se nessas coisas;¹¹ e, pelo que fica dito, talvez tenham razão, de certa forma. Já sabeis que discorrer com o intelecto é uma coisa, enquanto considerar verdades apresentadas ao intelecto pela memória é outra. Direis talvez que não me entendeis, e verdadeiramente poderá ser que não o entenda eu para sabê-lo dizer. Vou, no entanto, expô-lo como souber.

Chamo de meditação o discorrer muito com o intelecto, da seguinte maneira: começamos a pensar na graça que Deus nos concedeu em nos dar o Seu único Filho, e não paramos aí, avançando para os mistérios de toda a Sua gloriosa vida. Ou, meditando na oração do Horto, o intelecto não se detém até a pregação na cruz. Ou ainda escolhemos uma passagem da Paixão — por exemplo, a prisão — e percorremos esse mistério considerando detalhadamente as circunstâncias que nele se oferecem para refletir e sentir, como a traição de Judas, a fuga dos apóstolos e tudo o mais. E essa é uma oração muito meritória e admirável.

11. Creio ser essa a oração que quem foi levado por Deus a coisas sobrenaturais e à perfeita contemplação tem razão¹² em dizer que não a pode fazer. Como eu disse,¹³ não sei a causa, mas é freqüente isso acontecer. Mas essa pessoa não a terá — isto é, razão — se disser que não se detém nesses mistérios nem os traz presentes muitas vezes — em especial quando são eles celebrados pela Igreja Católica. Nem é possível que perca assim a memória a alma que tanto recebeu de Deus em provas de amor tão preciosas, vivas centelhas para inflamá-la mais no amor que tem a Nosso Senhor.

O que acontece é que a alma não consegue meditar porque já entende esses mistérios de modo mais perfeito. O intelecto os representa para ela, e os mistérios ficam de tal maneira gravados em sua memória que só o ver o Senhor caído por terra com aquele espantoso suor no Horto lhe basta não apenas por uma hora, mas por muitos dias.

Um simples vislumbre é suficiente para que ela veja quem Ele é e quão grande tem sido a nossa ingratitude para com esse imenso tormento. Mas logo a vontade interfere, ainda que não seja com ternura, e deseja contribuir em algo para tão grande graça, padecendo um pouco por Quem tanto padeceu. Nesses e em outros desejos semelhantes ocupam-se a memória e o intelecto. E creio que, por esse motivo, essa pessoa não consegue meditar mais detidamente sobre a Paixão, o que a faz crer que não consegue pensar nela.

12. E se não o faz, é bom que procure fazê-lo, porque sei que não será impedida por sua elevada oração. E julgo ruim que ela não se exercita nisso muitas vezes. Se daí o Senhor a enleva, acontecerá isso em muito boa hora, pois, ainda que a alma não o queira, permanecerá no que está meditando. Estou certíssima de que essa maneira de proceder, longe de ser estorvo, é de grande ajuda para todo o bem. Estorvo seria a alma trabalhar continuamente com o raciocínio, do modo como descrevi acima. Penso que não o conseguirá quem chegou a um estado mais elevado.

No entanto, bem pode ser que o consiga, pois são muitos os caminhos pelos quais Deus leva as almas. Mas não se condenem por isso as que não puderem trilhá-lo, nem se julguem incapacitadas a fruir de tão grandes bens como os que estão encerrados nos mistérios do nosso Bem, Jesus Cristo. Ninguém — por mais espiritual que se considere quem o disser — me fará entender que seja bom não pensar Nele.

13. No princípio, e mesmo quando já estão mais adiantadas, algumas almas, logo que começam a chegar à oração de quietude e a gostar dos consolos e deleites oferecidos pelo Senhor, julgam ser grande coisa ficar sempre ali saboreando-os. Mas que essas almas me ouçam e não se embeveçam tanto — como eu já disse em outra parte.¹⁴ A vida é longa, há nela muitos sofrimentos, e devemos ver como o nosso modelo Jesus Cristo os suportou, assim como Seus apóstolos e santos, para padecermos os nossos com perfeição.

A companhia do bom Jesus é proveitosa demais para que nos afastemos dela, o mesmo acontecendo com a da Sua Sacratíssima Mãe. Ele aprecia muito que nos condoamos de Suas dores, embora deixemos o nosso contentamento e gosto algumas vezes. Tanto mais, filhas, que o leite na oração não é tão freqüente que não deixe tempo para tudo.

Se alguém disser que permanece sempre no mesmo estado, não podendo fazer o que ficou dito, eu consideraria suspeita tal afirmação. Desconfiai também desse estado permanente e procurai sair desse engano. Desembevecei-vos com todas as vossas forças. E, se as distrações não bastarem, dizei-o à superiora, a fim de que vos dê um ofício tão metucioso que vos afaste desse perigo. Ele será bem grave — ao menos para o juízo e para a cabeça — se durar muito tempo.

14. Creio ter explicado a grande conveniência — por mais espirituais que sejam as almas — de não se fugir tanto das coisas corpóreas a ponto de se temer a Humanidade sacratíssima. Essas pessoas alegam que o Senhor disse a Seus discípulos que lhes convinha que Ele se fosse.¹⁵ Eu não o posso tolerar! Certamente não o disse a Sua Mãe Sacratíssima, porque Ela estava firme na fé e sabia que Ele era Deus e homem. E, embora O amasse mais do que os discípulos, fazia-o com tanta perfeição que isso antes a ajudava. Os apóstolos não deviam estar então tão firmes na fé como depois estiveram — e como temos razão para estar agora. Digo-vos, filhas, que julgo perigoso esse caminho. O demônio pode fazer uso dele para aniquilar a devoção pelo Santíssimo Sacramento.

15. O engano de que fui vítima não chegou a tanto, resumindo-se a não gostar de pensar tanto em Nosso Senhor Jesus Cristo e a permanecer naquele embevecimento, esperando por tal leite. E vi claramente que ia mal, porque, como não o podia ter sempre, o pensamento ficava perambulando, enquanto a alma, a meu ver, esvoaçava como uma ave, não encontrando onde pousar, perdendo muito tempo e não se beneficiando das virtudes nem se desenvolvendo na oração.

E eu não entendia a causa, nem chegaria a entendê-la, segundo creio, porque aquela atitude me parecia muito acertada. Até que, tratando de minha oração com uma pessoa serva de Deus, ela me alertou para isso. Depois vi claramente que estava errada. Até hoje me lastimo por aquele tempo em que julgava enriquecer-me com tão grande perda. E, ainda que fosse possível, não desejo nenhum bem que não seja adquirido por meio Daquele de quem nos vieram todos os bens. Seja Ele louvado para sempre. Amém.

CAPÍTULO 8

FALA COMO DEUS SE COMUNICA COM A ALMA POR VISÃO INTELECTUAL. DÁ ALGUNS
AVISOS E EXPÕE OS EFEITOS DESSA VISÃO, QUANDO É VERDADEIRA. RECOMENDA
GUARDAR SEGREDO DESSAS GRAÇAS.

1. Para que vejais mais claramente, irmãs, que é verdade o que eu vos disse — e que quanto mais adiantada está a alma, tanto mais se faz acompanhar desse bom Jesus —, será bom dizermos que, quando Sua

Majestade assim o quer, não podemos andar senão com Ele. Isso se manifesta com nitidez pelas maneiras e modos pelos quais Sua Majestade se comunica conosco e nos mostra o amor que tem por nós, usando para isso de aparições e visões extremamente admiráveis.

E para que não fiquéis espantadas se Ele vos conceder algumas dessas graças, quero dizer-vos brevemente — se o Senhor for servido que eu acerte — certas coisas desse tipo. Mesmo que Ele não as conceda a nós, devemos louvá-Lo muito por assim se querer comunicar com uma criatura, possuidor que é de tanta majestade e poder.

2. Estando a alma descuidada de poder receber essa graça, nem nunca tendo se julgado merecedora dela, pode acontecer-lhe de sentir junto a si Jesus Cristo Nosso Senhor, embora não O veja, nem com os olhos do corpo nem com os da alma. Chamam a isso visão intelectual, não sei por quê.

Vi uma pessoa¹ a quem Deus concedeu essa graça (bem como outras que adiante mencionarei) afligir-se muito no princípio. Ela não podia entender o que era aquilo, pois não via Jesus Cristo nem tinha tanta certeza de ser Ele quem assim se manifestava a ela. Mas não tinha dúvidas quanto à realidade da visão.

Embora visse em si grandes efeitos que pareciam provar proceder de Deus essa visão, demonstrava ainda medo, pois nunca tinha ouvido nada a respeito de visão intelectual, nem pensara que a houvesse desse tipo. Contudo, ela entendia com muita clareza ser o Senhor quem lhe falava muitas vezes da maneira que fica dita.² Até receber a graça de que trato, essa pessoa não sabia quem lhe falava; apenas entendia as palavras.

3. Sei que, temerosa com essa visão (porque é diferente das imaginárias, que passam depressa; esta dura muitos dias e, às vezes, até mais de um ano), ela procurou seu confessor cheia de aflição. Ele lhe disse que, se não via nada, como sabia ela tratar-se de Nosso Senhor. Pediu-lhe que descrevesse o Seu rosto.³ A pessoa respondeu-lhe que não o sabia fazer, nunca via rosto, nem podia dizer mais do que tinha dito. Só sabia que era Ele quem lhe falava e que não era ilusão.

Embora lhe incutissem grandes temores, ela amiúde não podia duvidar, em especial quando ouvia: *Não tenhas medo, sou eu.*⁴ Tinham tanta força essas palavras que não deixavam lugar a dúvidas, ficando a alma muito confortada e alegre em tão boa companhia. Ela via com clareza que isso lhe era de grande auxílio para pensar constantemente em Deus e ter extremo cuidado de não fazer nada que O desagradasse, porque lhe parecia que Ele a estava sempre olhando.

E, sempre que queria tratar com Sua Majestade na oração — e mesmo fora dela —, julgava estar Ele tão perto que não O podia deixar de ouvir. No que se refere ao entendimento das palavras, não se dava quando ela queria, mas a qualquer momento, de acordo com a necessidade.

Essa pessoa sentia o Senhor caminhar à sua direita. Não o fazia, contudo, com os sentidos habituais que nos permitem sentir alguém junto de nós. Aqui as coisas se passam de outro modo, mais delicado, impossível de explicar. A certeza, no entanto, é a mesma, e até muito maior. Com relação às criaturas podemos enganar-nos, mas neste caso não há como.

Este estado suscita grandes lucros e efeitos interiores, os quais não poderiam existir se se tratasse de melancolia. O demônio tampouco causaria tanto bem, não sendo capaz de provocar na alma tanta paz e tão contínuos desejos de contentar a Deus. Com efeito, ela passa a desprezar tudo o que não a aproxime mais Dele. Com o tempo, viu-se claramente que essa visão não procedia do demônio, vindo-o a entender a alma com uma evidência cada vez maior.

4. Sei, contudo, que em alguns momentos ela sentia grande temor; em outros, ficava extremamente confusa, pois não apreendia a fonte de tanto bem. Éramos, ela e eu, de tal maneira uma só coisa que não se passava nada em sua alma que eu ignorasse, e assim posso ser boa testemunha. Podeis crer ser verdade tudo o que eu disse sobre esse assunto. Trata-se de uma graça do Senhor... que traz consigo imensa confusão e humildade.

Se fosse do demônio, tudo se passaria ao contrário. Como é coisa que notavelmente se percebe ser dada por Deus, não bastando artifício humano para produzi-la, quem usufrui disso não pode de modo algum pensar que é bem seu, mas dado pela mão de Deus. E embora, a meu ver, algumas das graças já mencionadas sejam maiores, esta de que falo envolve um particular conhecimento de Deus.

Dessa companhia tão contínua nasce um amor terníssimo por Sua Majestade, bem como certos desejos — bem maiores do que os que dissemos —⁵ de total entrega a Seu serviço e uma pureza de consciência.

A presença que a alma tem junto a si a faz prestar atenção às mínimas coisas. Embora já saibamos que Deus está presente em tudo o que fazemos, a nossa natureza é tal que se descuida de nisso pensar. Essa atitude não é possível aqui, pois o Senhor, que está junto da alma, a desperta para esse pensamento. Estando ela

quase sempre em constante exercício de amor para com Aquele que vê ou sente estar junto a si, recebe mais amiúde as graças de que falei.⁶

5. Enfim, pelos lucros que lhe ficam, a alma vê tratar-se de imensa graça, sumamente digna de apreço. Agradece ao Senhor por tê-la recebido sem nenhum merecimento de sua parte, e não a trocaria por nenhum tesouro nem deleite da terra.

Assim, quando o Senhor é servido de tirar-lhe essa graça, a alma sente imensa saudade. Contudo, nenhum esforço é suficiente para fazer voltar aquela companhia. O Senhor a dá quando deseja, não podendo ela ser adquirida. Às vezes, pode tratar-se também da presença de algum santo, coisa igualmente proveitosa.

6. Perguntareis: se a alma nada vê, como sabe que é Cristo, ou Sua Mãe gloriosíssima ou um santo? Isso ela não o sabe dizer, nem pode entender como o sabe, mas tem uma grandíssima certeza. Quando é o Senhor que lhe fala, parece-lhe mais fácil conhecê-Lo; mas, quando se trata de um santo que nada diz e que se encontra ali para ajudar e acompanhar aquela alma, é mais de maravilhar que ela o reconheça.

O mesmo acontece com outras coisas espirituais; não se sabem exprimir, mas entende-se por elas quão baixa é a nossa natureza para compreender as imensas grandezas de Deus. Não somos capazes de entender nem mesmo uma dessas pequeninas parcelas.

A alma a quem forem concedidas essas graças receba-as com admiração e louvores a Sua Majestade. E renda-lhe particular homenagem, pois, não sendo graças que se concedem a todos, devem ser muito apreciadas. Que ela procure também prestar maiores serviços, pois Deus a ajuda nisso de inúmeras maneiras. Disso lhe vem não se ter por melhor do que as outras, parecendo-lhe que, de todas as pessoas da terra, é a que menos serve a Deus. Sente--se a isso mais obrigada do que ninguém; e qualquer falta que comete lhe trespassa as entranhas, e com grandíssima razão.

7. Qualquer uma de vós poderá refletir sobre os mencionados efeitos⁷ que ficam na alma e entenderá que não é engano nem ilusão. Porque, como eu disse,⁸ não julgo possível que uma visão dure tanto sendo coisa do demônio, nem tampouco beneficiaria tanto a alma nem lhe proporcionaria tanta paz interior — não é do seu costume fazê-lo. Por outro lado, coisa tão má como é o inimigo não pode — mesmo que o queira — fazer tanto bem. Logo se ergueriam fumaças de amor-próprio e pensamentos de orgulho pessoal.

O fato de a alma estar sempre tão unida a Deus e com o pensamento tão ocupado Nele suscitaria tanta raiva no demônio que, ainda que o tentasse, este não voltaria à carga muitas vezes. Fidelíssimo é o Senhor; Ele não lhe permitirá ter livre acesso a uma alma que não pretende outra coisa senão agradar Sua Majestade⁹ e dar a vida por Sua honra e glória. Pelo contrário, logo faria cessar o engano.

8. Insisto e insistirei sempre que a alma sairá com vantagem se tiver presentes os efeitos decorrentes dessas graças, andando em consonância com eles. Se Deus permitir alguma vez que o demônio se atreva a tentá-la, este sairá vencido e confuso. Por isso, filhas, se alguma de vós trilhar esse caminho — como eu disse —,¹⁰ não ande apavorada.

É bom, contudo, conservar o temor e agir com grande cuidado. Não presumais que, por serdes tão favorecidas, podeis vos descuidar. Se não perceberdes em vós os efeitos a que me referi, considerai-o sinal de não provir de Deus essa visão.

No princípio é bom comunicar essas graças a algum erudito competente, sob sigilo de confissão. São os letrados que nos hão de esclarecer. Pode-se também falar delas com alguma pessoa muito espiritual, se a houver. Se a pessoa não tiver essa característica, melhor é comunicá-las a um erudito. Melhor ainda se os houver os dois.

Se vos disserem que é ilusão, não vos importeis; essa ilusão pouco mal ou bem pode fazer à vossa alma. Encomendai-vos à Divina Majestade, para que não consinta que sejais enganadas. Já se vos disserem que é o demônio, será maior o sofrimento. Mas não o dirá quem seja bom erudito e quando houver os mencionados efeitos. Contudo, se o disser, sei que o próprio Senhor que anda convosco vos consolará e infundirá segurança. Por outro lado, irá iluminando o confessor para que este vo-lo dê a vós.

9. Se se tratar de uma pessoa que, embora tenha oração, não foi levada pelo Senhor por esse caminho, logo se espantará e condenará tudo. Por isso, aconselho-vos a procurar alguém que seja muito erudito e — se se achar — também espiritual.

A superiora deve dar licença para essas consultas, pois, mesmo estando segura da vida virtuosa da irmã, é obrigada a permitir que ela se aconselhe. Assim ficarão ambas com segurança. E, tendo tratado com essas pessoas, a alma deve aquietar-se e não alardear essas coisas.

Digo isso porque às vezes, não havendo razão para temores, o demônio infunde certos medos tão excessivos que forçam a alma a não contentar-se com uma única consulta. Acontece quando ela percebe que o confessor tem pouca experiência e é temeroso; neste caso, ele próprio a induz a falar com outras pessoas.

Dessa forma, divulga-se o que deveria ser mantido em segredo, vindo a alma a ser perseguida e atormentada. Pensando que tudo é sigiloso, ela o vê cair em domínio público. Disso lhe advêm muitos sofrimentos, que podem estender-se à própria Ordem, tão maus andam os tempos. Assim, é preciso muito cuidado com essas coisas. Recomendo-o muito às superiores.

10. E não se pense que, por receber semelhantes graças, uma irmã seja melhor do que as outras. O Senhor leva a cada uma segundo a sua conveniência. Esses favores, quando correspondidos, ajudam a alma a tornar-se grande serva de Deus. Mas, às vezes, o Senhor leva por esse caminho as mais fracas.

Não há nisso motivo para aprovar nem condenar; pelo contrário, devem--se olhar as virtudes e ter por mais santa aquela que serve a Nosso Senhor com mais mortificação, humildade e pureza de consciência. Contudo, pouca certeza se pode ter a respeito das coisas desta vida, até que o verdadeiro Juiz dê a cada um o que merece. Nessa ocasião, espantar-nos-emos vendo quão diferentes são os Seus juízos daquilo que podemos aqui avaliar. Seja Ele para sempre louvado. Amém.

CAPÍTULO 9

FALA COMO O SENHOR SE COMUNICA COM	A ALMA POR VISÃO IMAGINÁRIA.	
RECOMENDA	MUITO QUE NÃO SE DESEJE IR POR ESSE CAMINHO	E DÁ
	AS RAZÕES PARA ISSO. É DE MUITO PROVEITO.	

1. Falemos agora das visões imaginárias: aquelas nas quais, segundo dizem, o demônio pode se envolver mais do que nas já mencionadas;¹ e assim deve ser. Mas, quando são de Nosso Senhor, creio que de algum modo são mais proveitosas, por estarem em maior conformidade com a nossa natureza. Excetuo as que Deus concede na última morada, que não têm comparação com nenhuma outra.

2. Vejamos então — como vos disse no capítulo anterior —² como o Senhor se faz presente. É como se num estojo de ouro tivéssemos uma pedra preciosa de grandíssimo valor e virtude. Sabemos com certeza que ela se encontra ali, ainda que nunca a tenhamos visto. Se a trazemos conosco, não deixamos de sentir os seus efeitos benéficos. E, embora nunca a vejamos, atribuímos a ela muito valor, porque vimos por experiência que nos tem sarado de algumas enfermidades para as quais é apropriada.³

Todavia, não ousamos olhar para ela, nem abrir o relicário. Sequer o podemos; só o dono da jóia sabe a maneira de abri-lo. E, ainda que no-la tenha emprestado para que nos beneficiássemos dela, guardou consigo a chave. Sendo a pedra coisa sua, abrirá o estojo quando nos quiser mostrá-la, e até a retomar, quando lhe aprouver, como faz por vezes.

3. Digamos agora que, ocasionalmente, o dono queira abrir o estojo e mostrar a pedra por alguns instantes para beneficiar a pessoa a quem a emprestou. Não há dúvida de que esta ficará depois muito mais contente, lembrando-se do admirável resplendor da pedra, que lhe ficará esculpida na memória. É o que acontece na visão de que falamos agora.

Quando Nosso Senhor é servido de favorecer mais a essa alma, mostra--lhe a Sua sacratíssima Humanidade da maneira que Lhe convém: ou como andava no mundo, ou depois de ressuscitado. E, embora essa visão seja tão rápida que poderia ser comparada a um relâmpago, essa imagem gloriosíssima fica esculpida na memória de modo tal, que considero impossível a alma apagá-la até que a veja onde sempre a poderá fruir.⁴

4. Embora eu diga imagem, entenda-se que não aparece pintada a quem a vê, mas verdadeiramente viva.⁵ Às vezes fala com a alma e até lhe mostra grandes segredos. Mas deveis entender que, ainda quando dura algum tempo, essa visão é rapidíssima. Não é possível olhar para ela mais tempo do que se fita o sol, o que mostra como ela é breve. E não porque o seu resplendor, como o do sol, magoe a vista interior,⁶ que é a que vê tudo isso.

No que tange à vista exterior, nada saberei dizer sobre o assunto, porque a pessoa a que me referi não passou por isso;⁷ e não se podem dar razões certas daquilo que não se conhece por experiência. Quanto à visão de que falo, seu resplendor é como uma luz infusa, semelhante a um sol coberto por algo tão transparente quanto o diamante, se fosse possível lapidá-lo assim. As vestes parecem de tecido finíssimo da

Holanda; e, quase todas as vezes que Deus concede essa graça à alma, fica ela em arrebuo, já que a sua fraqueza não suporta tão espantosa visão.

5. Digo espantosa porque, sendo a mais formosa e de maior deleite que uma pessoa possa imaginar (ainda que vivesse mil anos e trabalhasse para entendê-la, pois ela ultrapassa tudo o que cabe em nossa imaginação e em nosso intelecto), a sua presença está impregnada de tão grande majestade que causa enorme espanto à alma.

Evidentemente, não é preciso aqui perguntar como a alma sabe de quem se trata, sem que lho tenham dito, pois percebe-se muito bem ser o Senhor do céu e da terra. O mesmo não ocorre com os reis deste mundo que, por si mesmos, são tidos em pouco apreço se não se fazem acompanhar de seu séquito ou se não houvesse quem os anunciasse.

6. Ó Senhor, como nós, cristãos, Vos desconhecemos! Que será contemplar-Vos no dia em que nos vierdes julgar! Pois se agora, vindo aqui tão amigavelmente tratar com Vossa esposa, já infunde tanto temor o olhar para Vós! Ó filhas, que será quando, com tão rigorosa voz, Ele disser: *Ide, malditos de meu Pai?*⁸

7. Que nos fique agora gravada na memória essa graça que Deus concede à alma. Isso não será para nós de pouco valor. São Jerônimo, ainda que santo, não a afastava da lembrança. E, assim, não nos parecerá nada tudo o que aqui padeceremos no rigor da religião que abraçamos. Mesmo que um sofrimento dure muito, não passará de um momento comparado com a eternidade.

Digo-vos sinceramente que, mesmo sendo tão ruim, nunca tive com relação aos tormentos do inferno um medo que não fosse senão nada em comparação com o que tinha quando me lembrava da ira que os condenados verão nos formosos, mansos e benignos olhos do Senhor. Meu coração não podia suportá-lo; e isso tem acontecido durante toda a minha vida.

Quanto mais o temerá a pessoa a quem Ele favoreceu com essa graça! É tanto o sentimento que ela fica fora de si! Essa deve ser a causa de ficar em suspensão. O Senhor ajuda a sua fraqueza para que se una à Sua grandeza nessa elevadíssima comunicação com Deus.

8. Não creio que se trate de visão quando a alma tem possibilidade de olhar com muito vagar⁹ esse Senhor. Será antes alguma veemente consideração, alguma figura fabricada na imaginação. E, neste caso, não passará de coisa morta em comparação com a verdadeira.

9. Acontece a algumas pessoas — e sei que é verdade, pois têm abordado o assunto comigo, e não três ou quatro, mas muitas — terem a imaginação tão fraca, ou o intelecto tão eficaz (ou não sei a que atribuí-lo), que se embebecem na imaginação e crêem claramente ver tudo o que pensam. Se, porém, se tratasse da verdadeira visão, perceberiam, sem sombra de dúvida, o engano.

De fato, são elas próprias que vão compondo o que vêem com a imaginação. O resultado é não experimentarem efeito algum, ficando frias, muito mais do que se vissem uma imagem devota. Fenômenos assim não devem ser levados em consideração; essas visões são esquecidas com mais facilidade do que se esquece um sonho.

10. Na visão de que falamos, as coisas se passam de modo diferente. Estando a alma muito longe de julgar que verá algo, com o pensamento abstraído, apresenta-se-lhe de repente a visão inteira, transtornando-lhe todas as faculdades e sentidos. Estes, que no início mergulham no temor e no alvoroço, são logo postos por ela naquela ditosa paz de que falamos.

Assim como, quando São Paulo foi derrubado, veio do céu aquela tempestade e abalo,¹⁰ assim também aqui, neste mundo interior, ocorre grande comoção. E, num instante — como eu disse —,¹¹ fica tudo sossegado, e a alma passa a compreender verdades tão grandes que não tem necessidade de outro mestre. Sem trabalho de sua parte, a verdadeira Sabedoria tirou-a da ignorância.

Durante algum tempo, a alma fica com tal certeza de se tratar de uma graça de Deus que, por mais que lhe digam o contrário, não conseguem infundir-lhe o temor de ter sido enganada. Mais tarde, se o confessor assustá-la, Deus permite que vacile, receosa de que o engano se introduza em função dos seus pecados. Contudo, não se convence inteiramente. Como escrevi em outro lugar,¹² acontece-lhe como nas tentações contra a fé, em que o demônio pode causar alvoroço, mas não consegue abalar a firmeza da alma. Pelo contrário, quanto mais este a combate, tanto mais ela fica com a certeza de que o inimigo não seria capaz de cumulá-la de tantos bens — e isso é verdade, pois ele não tem tanto poder no interior da alma. O demônio poderá apresentar-lhe alguma visão, mas não com essa verdade e majestade, bem como tão poderosos efeitos.

11. Como os confessores não podem ver tais coisas — nem talvez aqueles a quem Deus concede essa graça lho saibam dizer —, ficam temerosos, e com razão. Assim, é preciso agir com cuidado e esperar até que o tempo mostre os frutos dessas aparições. Examinar pouco a pouco se produzem humildade na alma, assim

como força na virtude. Pois, se for o demônio o causador dessa visão, logo se mostrará e será apanhado em mil mentiras.

Se tem experiência e passou por essas coisas, o confessor não precisa de muito tempo para entendê-lo; a própria descrição que a pessoa lhe faz lhe mostrará se se trata de Deus, da imaginação ou do demônio, particularmente se Sua Majestade lhe deu o dom de conhecer os espíritos. Se o possuir e for erudito, mesmo sem experiência, o confessor discernirá muito bem a verdade.

12. O essencial, irmãs, é que sejais muito sinceras e honestas com o confessor. Não me refiro a contar-lhe os pecados, que isso é evidente, mas a relatar-lhe a vossa oração. Se não há essa atitude, não vos posso assegurar que caminheis bem, nem que é Deus quem vos ensina. O Senhor aprecia muito que se trate o Seu representante, aquele que está em Seu lugar, com grande verdade e clareza, como se estivéssemos lidando com Ele mesmo. O confessor deve ouvir todos os nossos pensamentos; o que dizer então das nossas obras, por menores que sejam?

Tendo-o feito, não fiquéis depois perturbadas nem inquietas. Se tiverdes humildade e pureza de consciência, mesmo que não proceda de Deus, essa visão não vos prejudicará. Sua Majestade sabe extrair bem do mal e, pelo caminho por onde o demônio vos queira fazer perder, ganhareis mais. Pensando que Deus vos concede tão grandes graças, esforçar-vos-eis por contentá--Lo mais e por ocupar sempre a memória com a Sua imagem.

Como dizia um grande erudito,¹³ o demônio é grande pintor. Dizia também que, se este lhe mostrasse, de forma bastante vívida, uma imagem do Senhor, não lhe custaria avivar com ela a sua devoção, combatendo assim o inimigo com as suas próprias maldades. Com efeito, mesmo que um pintor seja muito ruim, nem por isso se precisa dizer de reverenciar a imagem que ele faz, se se trata da imagem Daquele que é todo o nosso bem.

13. Esse erudito julgava muito errados os que aconselham a fazer figas diante de alguma visão.¹⁴ Ele dizia que, onde quer que vejamos pintado o nosso Rei, devemos reverenciá--Lo. E vejo que tinha razão. Não se passa assim entre nós? Uma pessoa que quer bem a outra não gostaria de saber que esta faz semelhantes injúrias ao seu retrato. Imaginai então que respeito devemos demonstrar sempre que vemos um crucifixo ou qualquer retrato do nosso Imperador!

Embora já tenha escrito sobre isso em outro lugar,¹⁵ alegro-me de repeti--lo aqui, porque vi uma pessoa afligir-se muito por lhe terem mandado usar esse remédio. Não sei quem o inventou! Só serve para atormentar quem não pode senão obedecer. Se o confessor lhe dá esse conselho, a alma se sente perdida se não o segue à risca. Eis minha opinião: nesses casos, mesmo que o confessor vos mande fazê--lo, apresentai-lhe com humildade essas razões e não obedecais. São muito bons tais motivos; com eles, o erudito que mencionei me convenceu plenamente.

14. A alma se beneficia grandemente dessa graça do Senhor, pois, quando pensa Nele ou em Sua vida e paixão, se recorda de Seu mansíssimo e formoso rosto. Isso consola muitíssimo, dando-nos o mesmo gosto que teríamos se víssemos uma pessoa que nos faz muito bem — principalmente se não a conhecêssemos. Digo-vos que essa lembrança tão saborosa produz grande deleite e imensos benefícios.

Ela ainda traz consigo outros bens. Mas, como já me estendi muito acerca dos efeitos dessas graças, e já que ainda voltarei ao assunto, não quero cansar--me nem a vós. Mas desejo avisar-vos veementemente do seguinte: quando souberdes ou ouvirdes dizer que Deus concede esses favores às almas, nunca Lhe supliqueis que vos leve por esse caminho, nem aspireis a isso.

15. Ainda que tal caminho vos pareça muito bom, devendo ser apreciado e reverenciado, não convém agir assim por algumas razões. Em primeiro lugar, porque é falta de humildade desejar o que nunca merecestes; portanto, creio que não a tem muita quem assim se comporta. Assim como um pobre lavrador está longe de querer ser rei — parecendo-lhe impossível, porque não o merece —, assim também o deve estar o humilde de favores semelhantes. E julgo que eles nunca ocorrerão, uma vez que o Senhor, antes de conceber essas graças, dá um grande conhecimento próprio. E como entenderá sinceramente quem alimenta tais ambições que já recebe grande misericórdia em não estar no inferno?

Em segundo lugar, porque é muito fácil haver engano, ou risco de o haver. O demônio não precisa senão de uma porta aberta para armar mil embustes. Em terceiro, porque a própria imaginação, quando há um grande desejo, leva a pessoa a acreditar que vê e ouve aquilo que deseja, tal como os que, querendo uma coisa durante o dia e pensando muito sobre isso, sonham com ela à noite.

Em quarto lugar, porque é extremo atrevimento que eu deseje escolher um caminho, já que não sei qual o melhor. Pelo contrário, devo deixar que o Senhor, que me conhece, me leve por aquele que me convém, para

em tudo fazer a Sua vontade. E, em quinto, julgais que são poucos os sofrimentos padecidos por aqueles a quem o Senhor concede essas graças? Não, são imensos e se manifestam de diversas maneiras. E sabeis vós se seríeis pessoas para padecê-los? Por último, porque talvez por aí mesmo onde pensais ganhar, perdereis — como ocorreu a Saul, por ser rei.¹⁶

16. Enfim, irmãs, além dessas há outras. Crede-me que o mais seguro é não desejar senão o que Deus deseja, pois Ele nos conhece e nos ama mais do que nós mesmos. E não poderemos errar se, com determinação de vontade, agirmos sempre assim.

Notai bem: o fato de uma pessoa receber muitas graças desse tipo não a torna merecedora de maior glória, antes obrigando-a mais a servir, já que recebeu mais. Quanto a adquirir merecimentos, o Senhor não o impede. Está em nossas mãos fazê-lo. Há muitas pessoas santas que nunca souberam o que é receber uma dessas graças, ao passo que existem outras que, tendo-as recebido, não são santas.

E não penseis que esses favores sejam contínuos. Amiúde, a uma vez que o Senhor os conceda correspondem muitos sofrimentos. E, assim, a alma não se lembra de pensar se vai voltar a recebê-los, atentando antes em como servir para retribuí-los.

17. É verdade que essas graças devem contribuir muito para se praticarem as virtudes com maior perfeição. Mas aquele que as adquirir à custa do próprio trabalho muito mais merecerá. Sei de uma pessoa a quem o Senhor tinha concedido essas graças, e até de duas — umas das quais um homem —¹⁷ que estavam tão desejosas de servir a Sua Majestade à própria custa, sem esses grandes deleites, e tão ansiosas por padecer que se queixavam a Nosso Senhor por receberem esses favores. Se pudessem fazê-lo, resistiriam e os recusariam. Falo dos deleites que Deus dá na contemplação, e não destas visões — porque beneficiam muito e são dignos de grande apreço.

18. É verdade que esses desejos também são, a meu ver, sobrenaturais, caracterizando almas muito enamoradas, que gostariam que o Senhor visse que não O servem em troca de um pagamento. E assim, como eu disse,¹⁸ elas nunca se lembram de que hão de receber glória como recompensa. Não é esse motivo que as leva a maiores serviços; seguem apenas os impulsos do amor, cuja natureza consiste em agir sempre de mil maneiras. Se pudesse, a alma buscaria invenções para se consumir Nele. E, mesmo que fosse preciso ficar para sempre aniquilada para maior honra de Deus, fá-lo-ia de muito boa vontade. Seja louvado para sempre, amém, o Senhor que, rebaixando-se em se comunicar com tão miseráveis criaturas, quer mostrar assim a Sua grandeza.

CAPÍTULO 10

FALA DE OUTRAS GRAÇAS, CONCEDIDAS À ALMA POR DEUS DE UMA MANEIRA QUE DIFERE
DAS MENCIONADAS. TRATA TAMBÉM DO GRANDE PROVEITO QUE ELAS DEIXAM NA ALMA.

1. Com essas aparições, o Senhor se comunica com a alma de muitas maneiras. Às vezes, quando ela está aflita; outras, quando está para lhe sobrevir algum grande sofrimento; e outras ainda, quando Sua Majestade deseja rejubilar-se com ela e fazê-la rejubilar-se Consigo. Não há motivo para particularizar mais cada coisa. Meu único propósito é mostrar cada uma das diferenças que há neste caminho, até onde eu as entender, para que compreendais, irmãs, como são e os efeitos que produzem. Quero também que percebeis que as extravagâncias da imaginação não são visões. E, se fordes genuinamente favorecidas, sabendo que se trata de coisa possível, não precisareis andar perturbadas nem aflitas.

Uma alma aflita e inquieta pode trazer grandes ganhos ao demônio, que gosta muito de vê-la assim. Ele sabe que esse estado a impede de dedicar--se por inteiro a amar e louvar a Deus.

Sua Majestade comunica-se com a alma também de outras maneiras bastante mais elevadas e menos perigosas. Estas não podem ser reproduzidas pelo demônio, creio eu. Assim, mal se podem exprimir, por serem graças muito ocultas. Já as imaginárias podem ser melhor explicadas.

2. Quando o Senhor é servido, acontece de, estando a alma em oração e em seus sentidos, vir-lhe de repente uma suspensão na qual Sua Majestade lhe mostra grandes segredos — de tal forma que ela tem a impressão de vê-los no próprio Deus. Não se trata de visões da sacratíssima Humanidade e, embora eu diga que vê, ela não o faz, porque não é visão imaginária, mas intelectual. Nela, é revelado à alma como se vêem todas as coisas em Deus e como Ele as contém em Si.¹

É de grande proveito essa graça, pois, ainda que seja brevíssima, fica gravada na memória. Ela causa grandíssima confusão; vemos mais claramente a maldade que é ofender a Deus, porque no próprio Deus — isto é, estando dentro Dele — fazemos grandes maldades.

Embora isso seja verdade e o ouçamos muitas vezes, ou não lhe damos atenção ou não o queremos entender. Se o compreendêssemos como de fato é, creio que seria impossível sermos tão atrevidos. Para explicar-me melhor, farei uso de uma comparação, se o conseguirmos.

3. Façamos de conta que Deus é como uma morada ou um palácio muito grande e formoso. Esse palácio — como digo — é o próprio Deus.² Pode acaso o pecador, para fazer suas maldades, afastar-se dele? Não, por certo. Pelo contrário, é dentro do próprio palácio — o próprio Deus — que se passam as abominações, desonestidades e malvadezas que nós, pecadores, praticamos.

Oh! Coisa temerosa e digna de grande consideração! E quão proveitosa para nós, ignorantes, que nunca chegamos a nos convencer dessas verdades. Caso contrário, não poderíamos ter atrevimento tão insensato! Pensemos, irmãs, na grande misericórdia e sofrimento de Deus em não nos aniquilar instantaneamente. Rendamos-Lhe infinitas graças e envergonhemo-nos de nossa imensa sensibilidade às coisas que se fazem ou se dizem contra nós. A maior maldade do mundo é ver que Deus, nosso Criador, sofre tantos agravos de suas criaturas dentro de Si mesmo. E pensar que uma única palavra dita em nossa ausência, e talvez sem má intenção, pode nos causar tanto ressentimento!

4. Ó miséria humana! Quando, filhas, imitaremos em alguma coisa este grande Deus? E não imaginemos já fazer algo quando suportamos injúrias! Passemos por tudo de muito boa vontade e amemos quem nos ofende, pois o grande Deus não deixou de nos amar, ainda que O tenhamos ofendido muito. Desse modo, Ele tem razões de sobra para querer que todos perdoem, por mais injúrias que lhes façam.

Eu vos digo, filhas, que, embora seja breve, esta visão³ é uma grande graça de Nosso Senhor. Quem a receber deve extrair dela todo proveito, trazendo-a presente na memória com muita frequência.

5. Também acontece⁴ — de maneira extremamente súbita e inexplicável — Deus mostrar em Si mesmo uma verdade que parece obscurecer todas as que existem nas criaturas. Através disso se compreende com grande clareza que só Ele é a verdade que não pode mentir. E explica-se o que diz David num salmo: todo homem é mentiroso.⁵ Nunca compreenderíamos essas palavras tão nitidamente, ainda que as ouvíssemos muitas vezes. Trata-se da verdade absoluta. Lembro-me de Pilatos, do muito que perguntou a Nosso Senhor, em Sua paixão, o que era a verdade. Penso então quão pouco entendemos aqui dessa suma Verdade.⁶

6. Eu gostaria de poder explicar-me melhor sobre este assunto, mas é algo impossível de exprimir. Aprendamos daqui, irmãs, que, para nos assemelhar em alguma coisa a nosso Deus e Esposo, deveremos ter sempre essa verdade como guia. Não me refiro só a não mentir — pois nisso, glorificado seja o Senhor, vejo que tendes nessas casas o máximo escrúpulo. Digo que andemos na verdade diante de Deus⁷ e das pessoas, de todas as maneiras possíveis. Especialmente não desejando que nos tenham por melhores do que somos e, em nossas obras, dando a Deus o que é Seu, e a nós o que é nosso. Procuremos em tudo a verdade e tenhamos em pouca conta este mundo, que é todo mentira e falsidade — e, como tal, transitório.

7. Certa vez, pensando eu por que Nosso Senhor aprecia tanto a virtude da humildade, deparei logo (a meu ver, sem que eu o considerasse, de modo repentino) com o seguinte: sendo Deus a suma Verdade, e a humildade, andar na verdade,⁸ eis a razão da sua importância. E é grandíssima verdade o fato de nada de bom proceder de nós; só o fazem a miséria e a insignificância. E quem não entende isso anda na mentira. Quem mais o compreender mais agrada à suma Verdade, porque anda nela. Praza a Deus, irmãs, dar-nos a graça de nunca abandonar esse conhecimento próprio. Amém.

8. Nosso Senhor concede graças desse tipo à alma porque, tendo-a como verdadeira esposa, já determinada a fazer em tudo a Sua vontade, quer mostrar-lhe como fazê-lo e dar-lhe alguma luz sobre as Suas grandezas. Não há razão para tratar de mais coisas; falei dessas duas⁹ por julgar de grande proveito. Em favores como esses, não há motivo para temores. Pelo contrário, devemos louvar ao Senhor por assim concedê-los. Pois, ao que me parece, nem o demônio nem a própria imaginação têm aqui grande influência. Dessa forma, a alma fica cheia de satisfação.

CAPÍTULO 11

TRATA DE CERTOS DESEJOS TÃO GRANDES E IMPETUOSOS QUE DEUS DÁ À ALMA DE FRUIR
DELE QUE A PÔEM EM PERIGO DE PERDER A VIDA. FALA TAMBÉM DO BENEFÍCIO QUE
ESSA GRAÇA DO SENHOR PROPORCIONA.

1. Terão bastado todas essas graças que o Esposo tem concedido à alma para que a pombinha ou borboletinha (não pensem que eu a tenha esquecido) encontre o pouso onde há de morrer? Não, por certo.

Pelo contrário, ela está muito pior. Ainda que por muitos anos tenha recebido esses favores, sempre geme e anda chorosa, porque de cada um deles lhe resta maior dor. A causa é que, como vai conhecendo mais e mais as grandezas de Deus, e se vê tão longe e afastada de fruí-Lo, a alma sente o desejo crescer com uma força inaudita. Por sua vez, o amor também aumenta, à medida que ela percebe quanto este grande Deus e Senhor merece ser amado.

Nesses anos, o desejo tem pouco a pouco se avolumado, de tal forma que a alma se sente muito aflita, como agora direi. Eu disse anos porque assim se passou com a pessoa a quem tenho me referido aqui.¹ Mas bem entendo que não se devem impor limites a Deus, que num átimo pode levar uma alma ao mais elevado estado, cuja descrição daremos em seguida. Sua Majestade tem poder para tudo o que quiser fazer e deseja realizar muito por nós.

2. Sobrevêm às vezes as ânsias, as lágrimas, os suspiros e os grandes ímpetos de que falei.² Tudo isso parece proceder do nosso amor, com grande sentimento; mas não é nada em comparação com o que abordarei, porque este parece um fogo produzindo fumaça, fogo que se pode suportar, ainda que com dificuldade.

Andando, pois, essa alma a abraçar-se em si mesma, ocorre-lhe às vezes, por um pensamento muito breve ou por uma simples palavra sobre a morte que tarda, vir então (não se sabe de onde nem como) um golpe, semelhante a uma seta de fogo.³ Não digo exatamente seta, mas, seja o que for, vemos claramente que não pode proceder da nossa natureza. Também não é golpe, embora eu tenha usado essa palavra, mas fere agudamente. E, a meu ver, não onde se costumam sentir as aflições, mas no mais íntimo e profundo da alma.

Aí, esse raio, que passa depressa, transforma em pó tudo o que encontra de terreno em nossa natureza. E, pelo tempo em que dura, não podemos lembrar--nos de coisa alguma do nosso ser, porque ele ata de súbito as faculdades. Estas ficam sem liberdade para nada, a não ser para o que possa aumentar essa dor.

3. Eu não gostaria que parecesse exagero, uma vez que ainda digo pouco. São coisas que não se podem expressar por inteiro. Trata-se de um arroubo dos sentidos e das faculdades para tudo o que não se refira, como eu disse, a ajudar a sentir essa aflição. De fato, o intelecto está muito vivo para entender a razão pela qual a alma se angustia vendo-se ausente de Deus. E Sua Majestade auxilia dando de Si tão viva notícia que esse pesar se intensifica muito. Na verdade, quem o sente começa a dar grandes gritos.

Apesar de ser pessoa sofrida e habituada a padecer grandes dores, nesse momento ela não pode fazer outra coisa, já que esse sentimento não se instala no corpo — como eu disse —,⁴ mas no interior da alma. Por intermédio disso, a pessoa de quem falamos compreendeu como os sentimentos da alma são mais fortes do que os do corpo, parecendo-lhe ser dessa maneira os que se padecem no purgatório. Lá, a ausência de corpo não impede a alma de sofrer muito mais do que aqui na terra, onde está ligada a ele.

4. Vi uma pessoa nesse estado e verdadeiramente pensei que fosse morrer; e não era grande maravilha vê-lo, porque sem dúvida há grande risco de morte.⁵ E assim, ainda que dure pouco, fica-se com o corpo muito desconjuntado e com os pulsos tão fracos como se já se fosse entregar a alma a Deus; e não é para menos. O calor natural se ausenta, e a alma fica de tal modo abrasada que, com um pouco mais, vê cumpridos seus desejos de unir--se a Sua Majestade. Não porque a pessoa sinta pouca ou muita dor no corpo; repito que ele apenas se desconjunta, deixando-a por dois ou três dias sem forças para escrever e com grandes dores.

Parece-me, contudo, que, depois de passar por esse estado, o corpo lhe fica com menos força do que antes. Se no momento a pessoa não o sente, deve ser porque é muito maior a intensidade do sentimento interior da alma, que a afasta de tudo o que é corporal. É como se tivéssemos uma dor muito aguda num lugar do corpo. Tendo-a, mesmo que haja muitas outras, sentimo-las pouco (isso posso afirmar). Neste caso, não há dor alguma, pequena ou grande, e creio que a pessoa não sentiria nem mesmo se a fizessem em pedaços.

5. Vós me direis ser imperfeição. Se a alma está tão conformada com a vontade de Deus, por que não se rende a ela? Até aqui podia fazê-lo e ia suportando a vida. Agora não o pode, porque sua razão está de tal maneira que já não é senhora de si nem de fixar-se em algo que não seja o motivo do seu pesar. Afastada do seu Bem, para que quer a vida? A alma sente uma estranha solidão, não achando companhia em nenhuma criatura da terra — e creio que tampouco a acharia nas do céu, com exceção Daquele a quem ama.

Tudo a atormenta; sente-se como uma pessoa suspensa no ar, que não encontra apoio na terra nem pode subir ao céu. Abrasada com essa sede, não pode chegar à água. E não é sede que se possa suportar, mas tão excessiva que nenhuma água a aplacaria. A própria alma não deseja aplacá-la, a não ser com a água de que Nosso Senhor falou à samaritana.⁶ E essa ninguém lhe dá.

6. Oh! Valha-me Deus, Senhor, como afligis aos que Vos amam! Mas tudo é pouco comparado com o que lhes dais depois. É justo que custe muito o que muito vale. Tanto mais se é para purificar a alma, a fim de

que entre na sétima morada — assim como os que entrarão no céu se purificam no purgatório. Se é para esse fim, é tão pequeno esse padecer quanto uma gota de água no mar.

A pessoa a quem me refiro tinha passado por muitas aflições, tanto corporais como espirituais, mas tudo lhe parece insignificante em comparação com essa angústia. Segundo creio, esse sofrimento é o maior de todos quantos há na terra. Contudo, a alma sente que é tão valioso esse tormento que percebe não merecê-lo. Embora esse sentimento não a alivie de forma alguma, padece a sua aflição de muito boa vontade, e a padeceria por toda a vida se Deus nisso fosse servido. E não desejaria morrer de uma vez, mas estar sempre morrendo. Verdadeiramente não é menos que isso.

7. Pensemos agora, irmãs, naqueles que estão no inferno; eles não estão em consonância com a vontade de Deus, não têm esse contentamento e gosto que Ele põe na alma nem vêem lucro em seu padecer. Pelo contrário, padecem sempre mais e mais.⁷ Sendo os tormentos da alma muito mais aflitivos que os do corpo e os aí padecidos maiores do que os que aqui mencionamos, qual não será o sofrimento dessas desventuradas almas, que sabem que seus males hão de durar para sempre?

E nós, em vida tão curta, o que podemos fazer ou padecer que não seja menos que nada para nos livrar de tão terríveis e eternos tormentos? Eu vos digo que é impossível dar uma noção de como são sensíveis os padecimentos da alma e quão diferentes daquilo que o corpo sofre. Só quem passou por isso pode fazer uma idéia. E o próprio Senhor quer que o compreendamos, para que saibamos a enormidade que Lhe devemos por nos trazer a um estado em que, por Sua misericórdia, temos esperança de que Ele nos livrará do inferno e perdoará os nossos pecados.

8. Retomando o que dizíamos⁸ (a alma que deixamos em seu imenso pesar), esse grau de intensidade não dura muito — quando muito, três ou quatro horas, a meu ver. Se tivesse uma duração maior, a fraqueza natural, salvo por milagre, não o poderia suportar. Já tem acontecido não durar mais de um quarto de hora e deixar a mencionada pessoa feita em pedaços.

Certa vez, aconteceu-lhe o seguinte. Sendo o último dia das festas da Páscoa da Ressurreição e tendo-as ela passado em grande aridez, quase não se apercebia de que era Páscoa. Estando a conversar, só de ouvir uma palavra sobre a duração demasiada da vida, perdeu de todo os sentidos, tal o rigor com que essa angústia a acometeu. E que não se pense em poder resistir! Assemelhar-se-ia à situação de alguém que, dentro de uma fogueira, quisesse tirar o calor do fogo para impedir a chama de queimá-lo.

Não se trata de sentimento que se possa dissimular. Quanto aos circunstantes, embora não possam testemunhar o que se passa no interior, percebem o grande risco de vida aí envolvido. Na verdade, eles servem de alguma companhia à pessoa que passa por isso, mas apenas como se fossem sombras. E assim lhe parecem também todas as coisas da terra.

9. Se algum dia vos encontrardes nesse estado, sabeí que é possível interferir aqui a nossa fraca natureza. Estando a alma, como vistes, morrendo por morrer, quando a aflição se intensifica tanto que parece não ser já necessária grande coisa para ela sair do corpo, surge um genuíno temor, e a alma preferiria que o tormento se mitigasse a morrer de fato.

Evidentemente, trata-se de temor proveniente da nossa fraqueza natural. Por outra parte, não a deixam suas ânsias, nem é possível haver remédio para anular essa aflição, até ser ela tirada pelo próprio Senhor. Isto quase sempre ocorre em meio a um grande arroubo, ou a alguma visão, na qual o verdadeiro Consolador deleita e fortalece a alma, a fim de que deseje viver, enquanto for de Sua divina vontade.

10. Esse sofrimento é bastante penoso, mas a alma conserva grandíssimos efeitos e perde o medo do que pode ainda vir a padecer, pois, em comparação com o que sentiu, tudo o mais lhe parece insignificante. Ela fica de tal maneira beneficiada que gostaria de padecê-lo muitas vezes. Contudo, isso tampouco é possível, não havendo artifício que o faça retornar, até que o Senhor queira, assim como não o há para resistir a essa aflição ou anulá-la quando sobrevém.

A alma passa a desprezar ainda mais do que antes o mundo (pois vê que nada dele pôde valer-lhe em tal sofrimento). Também se desapega com mais intensidade das criaturas, percebendo que só o Criador pode consolá-la e satisfazê-la. Por outro lado, fica com maior temor e cuidado de não ofendê--Lo, pois vê que, assim como consola, Ele pode também atormentar.

11. A meu ver, há nesse caminho espiritual duas coisas que oferecem perigo de morte. Uma é essa aflição, que tem de fato riscos, e não pequenos. A outra é a felicidade e deleite excessivo, em tão grande grau que pode levar a alma a um genuíno desfalecimento, de forma que não lhe falta nada para acabar de sair do corpo. E, com efeito, quão grande seria a sua felicidade se o fizesse!

Aqui vereis, irmãs, se tive razão em dizer que é preciso ânimo.⁹ Vereis também que, ao pedirdes essas graças ao Senhor, Ele terá razão em vos perguntar, como aos filhos de Zebedeu, se podeis beber o seu cálice.¹⁰

12. Creio, irmãs, que todas responderemos afirmativamente, e com muita razão. Sua Majestade dá força aos que dela necessitam e em tudo defende essas almas, respondendo por elas nas perseguições e acusações, como o fazia por Madalena.¹¹ Não responde, porém, por palavras, mas por obras. Enfim, enfim, antes que morram, paga-lhes tudo junto, como agora vereis. Seja para sempre bendito, e louvem-No todas as criaturas. Amém.

SÉTIMAS MORADAS

CONTÊM QUATRO CAPÍTULOS

CAPÍTULO 1

TRATA DAS GRANDES GRAÇAS QUE DEUS CONCEDE ÀS ALMAS QUE CHEGAM A ENTRAR NAS SÉTIMAS MORADAS. DIZ QUE, A SEU VER, HÁ ALGUMA DIFERENÇA ENTRE ALMA E ESPÍRITO, EMBORA SEJAM UMA SÓ COISA. HÁ PONTOS NOTÁVEIS.

1. Talvez vos pareça, irmãs, que já falamos tanto a respeito desse caminho espiritual que nada mais há a dizer. Grande disparate seria pensar assim. Se a grandeza de Deus não tem limites, tampouco o terão as Suas obras. Quem poderá avaliar suas misericórdias e grandezas?¹ É impossível fazê-lo. Desse modo, não vos espanteis com o que foi dito e com o que se disser, pois não se trata senão de uma parcela de tudo o que há para contar de Deus.

Grande misericórdia tem Ele para conosco ao comunicar tais segredos a alguém de quem podemos vir a sabê-los, a fim de que, quanto mais soubermos que Se comunica com as criaturas, tanto mais louvemos a Sua grandeza e nos esforcemos por ter em alta conta almas com quem o Senhor tanto se deleita. Cada uma de nós tem uma alma; porém, não a prezando como merece uma criatura feita à imagem de Deus, não entendemos os grandes segredos nela contidos.

Praza a Sua Majestade — se assim for servido — dirigir minha pena e fazer-me compreender como explicar-vos algo do muito que há para dizer sobre o inefável revelado pelo Senhor a quem introduz nesta morada. Tenho--o suplicado veementemente a Sua Majestade, pois Ele sabe que o meu propósito é que não fiquem ocultas as Suas misericórdias, a fim de que o Seu nome seja mais louvado e glorificado.

2. Tenho esperança de que — não por mim, mas por vós, irmãs — Ele há de me conceder essa graça. Dessa forma, entenderéis a grande importância de não haver impedimento de vossa parte para a celebração do matrimônio espiritual entre o vosso Esposo e as vossas almas. Como vereis, esse matrimônio traz consigo imensos benefícios.

Ó grande Deus! Pareço tremer — eu, criatura tão miserável — ao tratar de coisa tão alheia ao que mereço entender! De fato, tenho estado imersa em grande confusão, pensando se não seria melhor acabar em poucas palavras esta morada, pois creio que podem pensar saber eu do assunto por experiência, o que me causa enorme vergonha. Sem dúvida, sabendo eu quem sou, isso é algo terrível.

Por outro lado, essa atitude pareceu-me tentação e fraqueza, embora façais mais juízos como esse. Seja Deus conhecido e louvado um pouquinho mais e pode gritar contra mim o mundo inteiro! Tanto mais que talvez eu já esteja morta quando este escrito vier a ser lido. Bendito seja Aquele que vive e vivera para sempre! Amém.

3. Quando Nosso Senhor é servido, compadece-se de tudo o que essa alma padece e já padeceu ansiando por Sua presença e amor. Assim, tendo-a já tomado espiritualmente por esposa, antes de consumir o matrimônio sobrenatural, põe-na em Sua morada, que é a sétima.

Assim como o tem no céu, Deus deve possuir na alma um pouso, digamos outro céu, onde só Ele habita. É de importância para nós, irmãs, entender que a alma não é algo escuro (pois, como não a vemos, o mais freqüente é parecer que não há outra luz interior além da que vemos). Supomos equivocadamente que dentro de nós reina uma espécie de escuridão.

Admito que realmente é assim quando a alma não está em graça; e não por falta do Sol de Justiça, que está nela dando-lhe o ser, mas por ela se mostrar incapacitada de receber a luz, como creio ter dito na primeira morada. Referi-me a uma pessoa² à qual foi dado a entender que essas infelizes almas estão numa espécie de cárcere escuro, atadas de pés e mãos, sem poderem fazer qualquer boa ação que lhes seja de proveito para

merecer,³ bem como cegas e mudas. É com razão que nos compadecemos delas, vendo que em certa época também estivemos nessas condições. Também com elas o Senhor pode usar de misericórdia.

4. Tomemos, irmãs, particular cuidado de suplicá-lo a Deus, empenhando-nos em rogar pelos que estão em pecado mortal. Isso constitui grandíssima esmola, muito maior do que a que agora narrarei.

Suponhamos que víssemos um cristão amarrado a um poste, com as mãos atadas atrás das costas por uma forte cadeia, morrendo de fome. Não por falta de comida, pois tem junto a si delicadíssimos manjares, mas porque, não podendo alcançá-los para levá-los à boca, sente grande fastio e vê que não tarda a expirar e a ser levado pela morte eterna.

Não seria grande crueldade de nossa parte olhar para ele e não lhe aproximar da boca algo de comer? E que seria se, por vossas orações, lhe caíssem das mãos as cadeias? Bem vedes a importância de fazê-lo. Pelo amor de Deus vos peço que vos lembreis sempre dessas almas em vossas orações.

5. Não nos dirigimos agora a elas, mas às que, pela misericórdia de Deus, já fizeram penitência de seus pecados e estão em graça. Não devemos considerar a alma algo isolado e limitado, mas um mundo interior onde cabem tantas e tão lindas moradas quanto as que tendes visto. E é certo que assim seja, pois dentro dessa alma há uma morada para o próprio Deus.

Quando, pois, é servido de conceder-lhe a mencionada graça⁴ — do divino matrimônio —, Sua Majestade faz a alma primeiro entrar em Sua morada. E Ele quer que essa vez seja diferente das outras em que a levou a arroubos — nos quais creio de fato que a une Consigo, assim como na oração de união a que me referi.⁵ Todavia, a alma não entra em seu centro, como acontece nesta morada, ficando apenas na parte superior.

Mas isso não importa muito. Seja como for, o Senhor une a alma a Si, mas tornando-a cega e muda — como ficou São Paulo em sua conversão —⁶ e fazendo-a perder o sentido de como se realiza a graça que então frui. O grande deleite que ela sente no momento é o ver-se junto de Deus. Mas, quando Este a une a Si, a alma não entende coisa alguma, pois se perdem todas as faculdades.

6. Nesta última morada, as coisas são diferentes. O nosso bom Deus quer já tirar-lhe as escamas dos olhos, bem como que veja e entenda algo da graça que lhe é concedida — embora isso se efetue de modo um tanto estranho.

Introduzida a alma nesta morada, mediante visão intelectual⁷ se lhe mostra, por certa espécie de representação da verdade, a Santíssima Trindade — Deus em três Pessoas: Primeiro lhe vem ao espírito uma inflamação que se assemelha a uma nuvem de enorme claridade. Ela vê então nitidamente a distinção das divinas Pessoas; por uma notícia admirável que lhe é infundida, entende com certeza absoluta serem as três uma substância, um poder, um saber, um só Deus.

Dessa maneira, o que acreditamos por fé é entendido ali pela alma por vista, se assim o podemos dizer, embora não seja vista dos olhos do corpo nem da alma, porque não se trata de visão imaginária. Na sétima morada, comunicam-se com ela e lhe falam as três Pessoas. Elas lhe dão a entender as palavras do Senhor que estão no Evangelho: que viria Ele, com o Pai e o Espírito Santo, para morar na alma que O ama e segue Seus mandamentos.⁸

7. Oh! Valha-me Deus! Ouvir essas palavras e crer nelas é uma coisa; entender a sua verdade pelo modo de que falo é algo inteiramente diverso! E cada dia se espanta mais essa alma, porque lhe parece que as três Pessoas nunca mais se afastaram dela. Pelo contrário, vê nitidamente — do modo que dissemos —⁹ que estão em seu interior. E, no mais íntimo de si, num lugar muito profundo — que ela não sabe especificar, porque é ignorante —, percebe em si essa divina companhia.

8. Lendo o que digo, pode parecer-vos que ela não fica em si, mas tão embevecida que não dá atenção a coisa alguma. Mas a alma o faz, sim, e muito mais do que antes. Dedicar-se a tudo o que é serviço de Deus e, faltando-lhe as ocupações, permanece naquela agradável companhia.

E, se a alma não faltar a Deus, jamais Ele — ao que me parece — lhe faltará ou deixará de comunicar-lhe tão claramente a Sua presença. E ela tem grande confiança no fato de que Deus não a abandonará, pois, se Este lhe concedeu tamanha graça, não permitirá que a perca. E é justo pensar assim, ainda que ela não deixe de agir com mais cuidado do que nunca, a fim de não desagradar o Senhor em nada.

9. Perceba-se que o fato de a alma trazer em si essa presença não se passa de modo tão perfeito, isto é, tão claro como quando se lhe manifesta na primeira vez, ou em algumas outras nas quais apraz a Deus fazer-lhe

esse favor. Se assim não fosse, a alma não poderia ocupar-se de qualquer outra coisa, nem mesmo viver com as demais pessoas.

Mas, embora não seja com essa luz tão clara, a alma não deixa de perceber que está na companhia do Senhor. Digamos agora que se assemelhe à situação de uma pessoa que, estando com outras num aposento muito claro, visse fechadas as janelas e ficasse às escuras. Até voltar a luz, ela deixaria de ver as outras pessoas; nem por isso, no entanto, desconheceria que elas se encontram ali.

É caso de perguntar: se quiser, pode a alma tornar a ver as Pessoas divinas ao voltar a luz? Não está em suas mãos fazê-lo. Isso só acontece quando Nosso Senhor quer que se abra a janela do intelecto. Já bem grande misericórdia tem Ele para com a alma em nunca se afastar dela e em desejar que ela o compreenda com tanta clareza.

10. Parece-me que, mediante essa admirável companhia, a divina Majestade quer aqui dispor a alma para coisas mais inefáveis. Está claro que ela será bem ajudada para em tudo avançar na perfeição, bem como para perder o temor que às vezes sentia quando recebia outras graças — conforme ficou dito.¹⁰ De fato, a pessoa de que falamos progrediu em tudo. Parecia-lhe que, por mais sofrimentos e perturbações que tivesse, o essencial de sua alma jamais se apartava daquele aposento.

Assim, ela tinha de certa forma a impressão de haver uma divisão em sua alma. Andando ela com grandes sofrimentos, advindos depois de Deus lhe ter concedido essa graça, queixava-se de sua própria alma, à semelhança de Marta, quando se queixou de Maria.¹¹ Dizia às vezes que esta se deixava ficar na fruição daquela quietude, sem lhe fazer companhia, enquanto a ela cabiam os inúmeros padecimentos e ocupações.

11. Isto, filhas, vos parecerá disparate, mas verdadeiramente se passa assim. Embora saibamos que a alma forma um todo, não é fantasia o que afirmo, sendo antes coisa muito comum. Por isso, eu dizia¹² que, tendo em vista certas coisas experimentadas em nosso interior, se percebe haver diferença, de certa maneira — e muito conhecida — entre a alma e o espírito. Embora não passem de uma única realidade, vê-se entre eles uma divisão muito sutil que os leva às vezes a agir diferentemente um do outro, de acordo com o sabor que o Senhor lhes confere.

Também me parece que a alma difere das faculdades, não constituindo tudo uma mesma coisa. São tantos e tão delicados os mistérios que existem em nosso interior que seria atrevimento empenhar-me em enumerá-los. No céu os veremos, se o Senhor, por Sua misericórdia, nos conceder a graça de levar-nos a esse lugar onde todos os segredos nos serão revelados.

CAPÍTULO 2

PROSSEGUE NO MESMO ASSUNTO. MOSTRA A DIFERENÇA QUE HÁ ENTRE UNIÃO E
MATRIMÔNIO ESPIRITUAL. DECLARA-O COM DELICADAS COMPARAÇÕES.

1. Tratemos agora do divino matrimônio espiritual, ainda que essa grande graça não deva realizar-se perfeitamente enquanto vivermos, pois, se nos afastarmos de Deus, perderemos esse bem tão grande.

Na primeira vez em que Deus concede essa graça, quer Sua Majestade mostrar-se à alma por visão imaginária de Sua sacratíssima Humanidade, a fim de que ela perceba com clareza que recebe tão soberano dom.

É possível que com outras pessoas ocorra de modo diferente; a esta de quem falamos, o Senhor se apresentou quando ela acabava de comungar. Ele se mostrou em forma de grande resplendor, formosura e majestade, como depois de ressuscitado, e lhe disse *que já era tempo de tomar como seus os interesses divinos, enquanto Ele cuidaria dos interesses dela*. Falou ainda outras palavras, que são mais para sentir do que para dizer.¹

2. Talvez julgueis que isso não fosse novidade, pois o Senhor já tinha se apresentado outras vezes a essa alma de tal modo. Todavia, dessa vez foi tão diferente que a deixou desatinada e espantada. Em primeiro lugar, porque a visão se revestiu de grande força; e, em segundo, em função das palavras ditas. No interior de sua alma — onde o Senhor lhe apareceu —, essa pessoa nunca tivera outras visões, a não ser a passada.²

E entendi que há enorme diferença entre todas as visões passadas e as desta morada. Há tão grande distância entre o noivado e o matrimônio espiritual quanto a que existe entre os que apenas são noivos e os que já não podem separar-se.

3. Eu já disse³ que, embora eu faça essas comparações — porque não há outras mais adequadas —, devemos entender que aqui não há mais memória do corpo do que se a alma já não estivesse nele. Permanece apenas a do espírito.

No matrimônio espiritual, muito menos, porque essa secreta união se passa no centro mais íntimo da alma, que deve ser onde⁴ está o próprio Deus — lugar no qual, a meu ver, não é preciso porta para entrar. Digo que não é necessária porta porque em todas as graças aqui mencionadas, os sentidos e as faculdades parecem servir de intermediários, o mesmo devendo acontecer com esse aparecimento da Humanidade do Senhor.⁵

Mas o que se passa na união do matrimônio espiritual é muito diferente! O Senhor aparece no centro da alma sem visão imaginária, mas intelectual, ainda mais sutil do que as mencionadas,⁶ tal como surgiu aos Apóstolos, sem entrar pela porta, quando lhes disse: *Pax vobis*.

São imensos e elevadíssimos o mistério e a graça que Deus ali comunica à alma num instante. E ela fica com um deleite tão grande que não sei com que compará-lo. O Senhor parece querer manifestar-lhe naquele momento a glória do céu, fazendo-o de um modo mais inefável que em qualquer outra visão ou gosto espiritual.

Só se pode dizer que — tanto quanto é possível entender — a alma (isto é, o espírito dessa alma) forma como que uma unidade com Deus. Sendo também espírito, Sua Majestade deseja mostrar o Seu amor por nós, dando a entender a algumas pessoas até onde chega esse sentimento, a fim de que louvemos a Sua grandeza. De tal modo quis Ele unir-se à criatura que, tal como os que já não se podem afastar, não deseja apartar-se dela.⁷

4. O noivado espiritual é diferente, uma vez que os pretendentes podem se afastar, sendo-o também a união. Porque, embora constitua união duas coisas se juntarem numa só, elas podem apartar-se e subsistir como individualidades. Com efeito, as outras graças do Senhor passam em geral rapidamente, deixando a alma sem aquela companhia — ou seja, sem ter consciência dela. Nesta última graça do Senhor, isso não acontece, ficando sempre a alma com o seu Deus naquele centro.

Equiparemos a união a duas velas de cera ligadas de tal maneira que produzem uma única chama, como se o pavio, a luz e a cera não formassem senão uma unidade. No entanto, depois, é possível separar uma vela da outra — permanecendo então duas velas — e o pavio da cera.

Aqui, todavia, é como se caísse água do céu sobre um rio ou uma fonte, confundindo-se então todas as águas. Já não se sabe o que é água do rio ou água que caiu do céu. É também como se um pequeno arroio se lançasse no mar, não havendo mais meio de recuperá-lo. Ou ainda como se num aposento houvesse duas janelas por onde entrasse muita luz; penetra dividida no recinto, mas se torna uma só luz.

5. Talvez seja isso o que disse São Paulo: *O que se eleva e se une a Deus faz-se um só espírito com Ele*.⁸ É possível que se refira a esse soberano matrimônio, onde se pressupõe que Sua Majestade já aproximou a alma de Si, por meio da união. E o Apóstolo também diz: *Mihi vivere Christus est mori lucrum*.⁹ Parece-me que o mesmo pode dizer a alma aqui, porque é onde a borboletinha a que nos referimos morre, fazendo-o com grandíssimo deleite, porque sua vida já é Cristo.

6. Isso se entende melhor com o passar do tempo, através dos efeitos. Percebe-se claramente, por meio de algumas secretas aspirações, ser Deus o que dá vida à nossa alma. Muitíssimas vezes são elas tão vivas que de modo algum se pode duvidar.¹⁰ Embora sejam indizíveis, a alma as sente muito bem, e com um sentimento que a leva, em certos momentos, a prorromper em palavras de ternura que não podem ser contidas: Ó vida de minha vida! Ó sustento que me sustentas! Ela profere então essas e outras exclamações semelhantes.

É que brotam do seio divino uns veios de leite que parecem sustentar toda a população do castelo. Parece que o Senhor quer que toda essa gente participe de algum modo do muito que a alma está usufruindo, bem como que daquele rio caudaloso (a que se lançou esta pequenina fonte) corra às vezes um regato, a fim de confortar aqueles que servem materialmente aos noivos.

Essas operações que menciono são percebidas com absoluta certeza, tal como sentiria a água uma pessoa, mesmo descuidada, que nela fosse mergulhada — e ela não poderia deixar de senti-la. O mesmo acontece aqui, e ainda com maior certeza.

Com efeito, assim como não poderíamos ser atingidos por um jato de água desprovido de um manancial (como eu disse), assim também se entende com clareza que há no interior da alma Alguém que lança essas setas e dá vida a essa vida. Um sol de onde provém uma grande luz, enviada do interior da alma às faculdades. Ela — como eu já disse —¹¹ não sai desse centro nem perde a paz. O próprio Senhor que a deu aos apóstolos, quando estavam juntos, é poderoso para dá-la também a ela.

7. Tenho considerado que essa saudação do Senhor devia ser muito mais do que soa hoje aos ouvidos, o mesmo acontecendo com as palavras que disse à gloriosa Madalena: que se fosse em paz.¹² Porque, atuando as palavras do Senhor em nós como se fossem obras, de tal modo deviam agir naquelas pessoas — já tão bem dispostas — que as despojavam de tudo o que havia de corpóreo em sua alma. Esta ficava no estado de puro espírito, podendo juntar-se nessa união celestial com o Espírito incriado.

De fato, não há dúvida de que, ao esvaziar-nos de tudo o que é criado e ao desapegar-nos dele por amor a Deus, o próprio Senhor preenche a nossa alma de Si mesmo. E assim, orando uma vez Jesus Cristo, Nosso Senhor, por Seus apóstolos — não sei em que passagem — disse que fossem uma só coisa com o Pai e com Ele, tal como Ele, Jesus Cristo, está no Pai e o Pai Nele.¹³ Não sei que maior amor possa haver! Nessa súplica estamos todos incluídos, pois assim o disse Sua Majestade: *Não rogo só por eles, mas por todos aqueles que também hão de crer em mim*. E acrescentou: *Eu estou neles*.

8. Oh! Valha-me Deus! Que palavras tão verdadeiras! E como as entende a alma, que, nesta oração, as sente realizadas em si mesma! E como entenderíamos todas, se não fosse por nossa culpa, já que as palavras de Jesus Cristo, nosso Rei e Senhor, não podem falhar!¹⁴ Mas, como nós faltamos em nos dispor e em nos desviar de tudo o que possa obscurecer essa luz, não nos vemos nesse espelho que contemplamos, espelho onde está esculpida a nossa imagem.

9. Voltemos ao que dizíamos.¹⁵ O Senhor introduz a alma nessa Sua morada, que é o centro da alma. Assim como dizem que o céu empíreo — onde está Nosso Senhor — não se move como os outros, assim também parece que, ao entrar aqui, a alma já não sente os movimentos que costuma haver nas faculdades e na imaginação. Estas deixam de prejudicá-la e de tirar-lhe a paz.

Não quero dizer — como pode parecer — que, chegando a receber de Deus essa graça, a alma esteja segura de sua salvação e de não tornar a cair. Não afirmo tal coisa. E, em qualquer lugar em que me referir a esse assunto (a segurança da alma), entenda-se que ela a possui enquanto a Divina Majestade a mantém em Sua mão e ela não O ofende. Pelo menos sei disso com certeza através da pessoa que mencionei; embora se veja nesse estado e este permaneça durante anos, ela não se sente segura.

Pelo contrário, tem mais temor do que antes, evitando qualquer ofensa a Deus (por menor que seja), e com grandes desejos de O servir — como se dirá adiante.¹⁶ Sente continuamente pena e confusão de ver o pouco que pode fazer e o muito a que está obrigada — o que não é pequena cruz, mas enorme penitência, porque, no que diz respeito a esta, quanto maior, tanto mais deleitada fica tal pessoa.

Para ela, a verdadeira penitência ocorre quando Deus lhe tira a saúde e as forças para poder fazê-la. Embora em outra passagem eu já tenha me referido¹⁷ ao grande sofrimento que isso lhe provoca, aqui é muito maior. Tudo lhe vem do lugar onde está plantada a raiz. Se a árvore que cresce junto à corrente das águas tem mais frescor e dá mais frutos, por que surpreender--nos com os desejos dessa alma? Seu verdadeiro espírito forma uma unidade com a água celestial a que fizemos menção.¹⁸

10. Retomando o que dizia,¹⁹ não se entenda que as faculdades, sentidos e paixões estejam sempre imersos nessa paz; a alma, sim, é que está. Mas nestas moradas não deixa de haver épocas de guerra, de sofrimentos e de fadigas. A diferença é que são de tal maneira que a alma não sai de sua paz nem do seu posto. Isso é o que costuma acontecer.²⁰

Esse centro da nossa alma — ou seu espírito — é coisa tão difícil de exprimir, e até mesmo de crer, que, por não saber explicar-me, julgo dar-vos a tentação, irmãs, de não acreditar no que digo. De fato, é difícil dar crédito à afirmação de que, embora haja sofrimentos e pesares, a alma permanece em paz. Quero apresentar-vos uma comparação ou duas. Praza a Deus que sejam tais que eu consiga explicar alguma coisa com elas. Mas, mesmo que isso não aconteça, sei que é verdade o que disse.

11. Está o Rei em seu palácio; ainda que haja muitas guerras em seu reino, bem como inúmeras coisas penosas, nem por isso deixa de estar em seu posto. O mesmo ocorre aqui. Conquanto nas outras moradas haja muita confusão e feras peçonhentas, e embora se ouça o ruído, ninguém, tendo entrado nesta última, é afastado daí pelo que quer que seja. Os rumores escutados podem encher a alma de compaixão, mas não a ponto de alvoroçá--la e lhe tirarem a paz. Isso porque as paixões já estão vencidas e não ousam entrar nesta morada, sabendo que sairão ainda mais humilhadas se o fizerem.

Dói-nos todo o corpo; mas, se está sã, a cabeça não doerá por doer o corpo. Estou rindo comigo mesma das comparações que formulei. Elas não me contentam, mas não sei outras. Pensai o que quiserdes; mas é verdade o que eu disse.

CAPÍTULO 3

TRATA DOS GRANDES EFEITOS PRODUZIDOS POR ESSA ORAÇÃO. DEVEM-SE
CONSIDERAR ATENTA E CUIDADOSAMENTE ESSES EFEITOS. É ADMIRÁVEL A
DIFERENÇA QUE HÁ ENTRE ESTES E OS ANTERIORES.

1. Dizíamos, pois, que a nossa borboletinha já morreu, infinitamente alegre por ter encontrado repouso. Cristo vive nela. Vejamos que vida tem agora, ou que diferença há de quando ela vivia; porque pelos efeitos veremos se é verdadeiro o que afirmei. Pelo que posso entender, são os seguintes esses efeitos.¹

2. Em primeiro lugar, um esquecimento de si, a ponto de verdadeiramente parecer que já não existe, como fica dito.² A alma está tão inteiramente transformada que não se reconhece mais, nem se lembra de que para ela haverá céu, vida ou honra. Ela se dedica por completo a promover unicamente a glória de Deus.

Parece que as palavras que Sua Majestade lhe disse — que zelasse pelas coisas Dele, pois Ele zelaria pelas suas —³ tiveram sobre ela o efeito de obras. Assim, a alma não se preocupa com nada que possa acontecer, mostrando um estranho esquecimento. Parece não existir, como eu disse, nem pretender ser coisa alguma. Deseja ser tida por nada, a não ser quando percebe que pode fazer algo para aumentar um pouco a glória e a honra de Deus. Por isso ela daria de muito bom grado a própria vida.

3. Ao lerdes isto, não julgueis, filhas, que ela se descuide de comer, dormir (o que não constitui pequeno tormento para essa alma) e de fazer tudo a que está obrigada pelo seu estado. Falamos de coisas interiores, pois das exteriores pouco há a dizer. Pelo contrário, esta é a sua angústia: ver que é nada o que podem as suas forças. Ela não deixaria de fazer, por coisa alguma deste mundo, tudo o que pode e entende dizer respeito ao serviço de Nosso Senhor.

4. O segundo efeito é um grande desejo de padecer, mas não de modo a inquietá-la, como costumava. De fato, é tão imensurável o desejo que fica nessas almas de que se faça nelas a vontade de Deus que têm por bom tudo o que Sua Majestade faz. Se Ele quiser que padeçam, sejam bem-vindos os sofrimentos! Caso contrário, não ficam desconsoladas como antes.

5. Essas almas têm também um grande deleite interior quando são perseguidas, fazendo-o com muito mais paz do que nos estados anteriores e sem nenhuma inimizade por aqueles que lhes fazem mal ou desejam fazer. Na verdade, elas passam a ter por essas pessoas um amor todo especial, sentindo ternamente se as vêem em algum sofrimento. Fariam qualquer sacrifício para livrá-las deles e encomendam-nas a Deus de muito boa vontade. E se alegrariam em privar-se de parte das graças divinas para que fossem comunicadas a elas, livrando-as assim de ofender a Nosso Senhor.

6. O que mais me surpreende em tudo isso é o seguinte. Vistes os sofrimentos e aflições por que passaram essas almas desejando morrer para fruir de Nosso Senhor;⁴ pois agora é tão grande a vontade que têm de servi-Lo, louvá-Lo e beneficiar alguma alma, se o puderem fazer, que não só não desejam morrer como preferem viver muitos anos padecendo grandíssimos tormentos. Isso para que, se possível, seja o Senhor louvado por elas, embora em coisas muito pequenas.

Ainda que soubessem com certeza que, saindo a alma do corpo, logo fruiria de Deus, não dão importância a isso, nem a pensar na glória que têm os santos. Não desejam por enquanto ver-se nela. A sua glória está em poder ajudar em alguma coisa o Crucificado, em especial quando vêem que é tão ofendido e que são tão poucos os que de fato se ocupam em zelar pela honra de Deus, desapegando-se de tudo o mais.

7. É verdade que, nas vezes em que se esquece disso, a alma volta a sentir com ternura os desejos de fruir de Deus e de sair deste desterro, em especial vendo que O serve tão pouco. Mas logo volta a si e, percebendo que O tem continuamente consigo, contenta-se com isso e oferece a Sua Majestade o querer viver — a oferta mais custosa que ela pode Lhe dar.

A alma não sente nenhum temor da morte, não mais do que teria de um suave arroubo. O que se passa é que o próprio Senhor — que lhe dava aqueles desejos com tormentos tão excessivos — lhe dá agora estes. Seja para sempre bendito e louvado!

8. O fato⁵ é que os desejos dessas almas já não se dirigem a deleites e gostos. Elas trazem consigo o próprio Senhor, sendo Sua Majestade Quem agora vive. Claro está que a Sua vida não foi senão um contínuo tormento; assim Ele faz que seja também a nossa, pelo menos no que se refere aos desejos. No mais, Deus leva em conta a nossa fraqueza, ainda que nos comunique muito da sua força quando vê que ela é necessária.

Essas pessoas vivem em grande desapego de tudo e com um grande desejo de estar sempre a sós, ou ocupadas em algo que possa beneficiar alguma alma. Não as acompanham nem aridez nem sofrimentos interiores, mas apenas a lembrança de Nosso Senhor, e tal ternura para com Ele que desejariam dedicar todo o tempo aos seus louvores. Quando se descuidam, o próprio Senhor as desperta da maneira acima dita.⁶ Vê-se

claramente que o impulso com que o faz — ou não sei como chamá-lo — procede do interior da alma, tal como se disse dos ímpetos.⁷

Aqui, porém, faz-se com grande suavidade, mas não procede do pensamento, da memória nem de nada que se possa entender que a alma tenha feito de sua parte. Esse fenômeno é tão freqüente que, com bastante atenção, pode ser visto com clareza. Porque, assim como um fogo, por maior que seja, não lança a chama para baixo, mas para cima, assim também se entende aqui que esse movimento interior procede do centro da alma e desperta as faculdades.

9. Sem dúvida não seriam necessários outros proveitos neste caminho da oração; seria suficiente entender o particular cuidado que Deus tem em comunicar-se conosco e andar como que rogando — pois não parece outra coisa — que permaneçamos com Ele.

Considero bem empregados todos os sofrimentos que se passa para sentir a intensa felicidade desses toques do Seu amor, tão suaves e penetrantes. Isto, irmãs, já o tereis experimentado; penso que, chegando a ter oração de união, se não nos descuidamos de seguir Seus mandamentos, o Senhor mostra essa preocupação com relação a nós.

Quando isso vos acontecer, lembrai-vos que é dessa morada interior, onde está Deus em nossa alma, que vêm esses toques e louvai-O muito. Por certo é Seu aquele recado ou bilhete escrito com tanto amor, em letras que só vós podeis decifrar e contendo um pedido que apenas vós conseguis interpretar. E de maneira nenhuma deixeis de responder a Sua Majestade, ainda que estejais ocupadas exteriormente ou em conversa com algumas pessoas.

Com efeito, acontecerá muitas vezes de Nosso Senhor querer conceder--vos essa secreta graça em público. E, como a resposta deve ser interior, é muito mais fácil fazer o que digo através de um ato de amor, ou repetir as palavras de São Paulo: *Que quereis, Senhor, que eu faça?*⁸

Ele então vos ensinará de muitas maneiras como haveis de agradá-Lo. Trata-se de um tempo muito aproveitável. O Senhor parece dar a entender que nos ouve, e quase sempre esse toque tão delicado dispõe a alma a fazer o que é agradável a Sua Majestade com vontade determinada.

10. A diferença que há aqui nesta morada é o que já se disse:⁹ quase nunca há aridez nem alvoroços interiores como havia, de tempos em tempos, em todas as outras. Pelo contrário, a alma está quase sempre em quietude, liberta do amor de que graça tão elevada possa ser reproduzida pelo demônio, havendo segurança, portanto, de provir de Deus. Isso porque, como foi dito,¹⁰ os sentidos e as faculdades não têm entrada aqui. Sua Majestade revelou-se à alma e a introduziu onde, a meu ver, o demônio não ousará entrar, nem o Senhor lhe permitirá fazê-lo. E todas as graças que Deus concede aqui à alma são, como eu já disse,¹¹ sem contribuição desta última, salvo a que ela já deu entregando-se toda a Ele.

11. Passa-se com tanta quietude e silêncio tudo o que o Senhor ensina e comunica à alma que me leva a pensar na edificação do templo de Salomão, durante a qual não se devia ouvir o mínimo ruído.¹² Assim, neste templo de Deus, nesta Sua morada, só Ele e a alma se regozijam em grandíssimo silêncio.

O intelecto não precisa agir nem indagar nada. O Senhor que o criou quer sossegá-lo aqui, permitindo apenas que espreite por uma pequena fresta o que se passa. Embora de tempos em tempos se perca esse vislumbre e ele deixe de poder olhar, é brevíssimo o intervalo. Porque, ao que me parece, aqui não se perdem as faculdades, que, pelo contrário, agem e ficam como que espantadas.¹³

12. Também eu estou atônita ao ver que, chegando a alma a esta morada, não está mais sujeita a nenhum arroubo, a não ser uma vez ou outra, e, mesmo assim, sem aqueles arrebatamentos e vôos de espírito. E são muito raras essas ocasiões, passando-se quase sempre quando a alma está a sós, ao contrário do que lhe costumava acontecer.

Antes, quando a alma via uma imagem devota, ou ouvia um sermão ou uma música, era quase o mesmo como se não o fizesse; e, como a pobre borboleta andava tão ansiosa, tudo a espantava e a fazia voar. Agora — quer por ter encontrado seu repouso, por ter visto muitas maravilhas nesta morada ou ainda por não se ver com aquela solidão que costumava sentir — não se espanta com nada, pois usufrui de tal companhia.

Enfim, irmãs, embora eu desconheça a causa, sei que, ao começar o Senhor a mostrar o que há nesta morada e ao introduzir nela a alma, acaba--se para ela essa fraqueza que tanto sofrimento lhe causava e da qual não conseguia se libertar. Talvez Deus a tenha fortalecido, dilatado e capacitado; ou quem sabe quisesse dar a entender em público o que fazia com essas almas em segredo, por motivos que só Ele sabe. Seus juízos estão acima de tudo o que aqui podemos imaginar.

13. Esses efeitos — assim como todos os outros que, nos graus de oração mencionados, descrevemos como sendo bons — são concedidos por Deus quando aproxima a alma de Si, com o ósculo que Lhe rogava a Esposa.¹⁴ Aqui, a meu ver, se cumpre o pedido. Neste ponto, são dadas em abundância as águas a essa corça

ferida. Aqui ela se deleita no tabernáculo de Deus. Aqui, a pomba enviada por Noé — para ver se a tempestade tinha acabado — encontra a oliveira, um sinal de que achou terra firme no meio das águas e das tormentas deste mundo.

Ó Jesus! Quem saiba as muitas coisas da Escritura que dão a entender essa paz da alma! Deus meu! Como vedes a grande importância disso, fazei que os cristãos a queiram buscar. Àqueles a quem já a concedestes, não a tireis, por Vossa misericórdia. Porque, enfim, até que deis à alma a verdadeira paz e a leveis ao lugar onde esta não pode se acabar, sempre se vive com esse temor. Digo a verdadeira paz não por considerar que esta que descrevo não o seja, mas porque poderíamos voltar à primitiva guerra se nos afastássemos de Deus.

14. Não obstante, o que sentirão essas almas ao ver que poderiam perder tão grande bem? Essa possibilidade as faz agir com mais cuidado e procurar extrair forças de sua fraqueza, a fim de não perder por própria culpa uma só ocasião de agradar mais a Deus.

Quanto mais favorecidas por Sua Majestade, tanto mais acovardadas e temerosas de si mesmas andam elas. E, como nessas grandezas divinas têm conhecido melhor as suas próprias misérias e visto a gravidade dos seus pecados, essas almas muitas vezes nem ousam levantar os olhos, agindo como o publicano.¹⁵ Outras vezes, consomem-se em desejos de que a vida se finde para se verem em segurança. Mas, com o amor que têm a Deus, logo voltam a querer viver para servi-Lo — como eu disse —,¹⁶ confiando à Sua misericórdia tudo quanto lhes diz respeito.

Em certas épocas, as muitas graças que lhes são concedidas as fazem andar mais aniquiladas, pois temem que lhes aconteça o mesmo que a uma embarcação que vai ao fundo por excesso de carga.

15. Digo-vos, irmãs, que não lhes falta cruz; a diferença é que esta não as inquieta nem as faz perder a paz. Contudo, algumas tempestades passam depressa, como uma onda, e volta a bonança. A presença de Deus que essas almas trazem consigo logo as leva a esquecer tudo. Seja Ele para sempre bendito e louvado por todas as Suas criaturas. Amém.

CAPÍTULO 4

CONCLUI DIZENDO O QUE, A SEU PARECER, NOSSO SENHOR PRETENDE AO CONCEDER
TÃO GRANDES GRAÇAS À ALMA. FALA COMO É NECESSÁRIO QUE ANDEM JUNTAS
MARTA E MARIA. É MUITO PROVEITOSO.

1. Não deveis entender, irmãs, que os efeitos a que me referi¹ sejam experimentados sempre com a mesma intensidade. Por isso, quando me lembro, digo “com freqüência”, porque às vezes Nosso Senhor deixa essas almas entregues à sua natureza. Então parece que todas as coisas peçonhentas dos arredores e das outras moradas deste castelo se juntam contra elas, buscando vingar-se do tempo em que não as podiam incomodar.

2. É verdade que isso dura pouco — um dia, quando muito, ou pouco mais. Esse grande alvoroço geralmente provém de alguma ocasião exterior. E nele se vê o que ganha a alma com a boa companhia que tem, pois o Senhor lhe dá grande inteireza de ânimo, a fim de que não se afaste do serviço divino e de suas boas determinações. Pelo contrário, estas parecem aumentar, não hesitando a alma nem por um momento em suas boas disposições. Repito que esse distúrbio é raro. Mas Nosso Senhor não quer que essa alma se esqueça de seu ser, para que sempre mantenha a humildade e entenda melhor o que deve a Sua Majestade e a grandeza da graça que recebe, louvando-O por isso.

3. Tampouco deveis imaginar que, pelo fato de essas almas terem grandes desejos e determinação de não cometer nenhuma imperfeição por coisa alguma da terra, deixem elas de fazer muitas, cometendo até pecados. Não propositalmente, pois o Senhor as ajuda de modo muito particular nisso. Refiro-me a pecados veniais; quanto aos mortais, estão, ao que lhes parece, livres deles, ainda que não estejam seguras.² Receiam ter alguns sem perceber, o que não constitui pequeno tormento para elas.

Também lhe causam grande sofrimento as almas que elas vêem se perderem. E, embora tenham de certo modo grande esperança de não ser dessas, quando se recordam de alguns personagens da Sagrada Escritura que pareciam ser favorecidos pelo Senhor — Salomão, por exemplo, que tanto se comunicou com Sua Majestade —, não podem deixar de temer, como tenho dito.³

E que tema mais aquela de vós que se sentir com mais segurança de si mesma. Porque *Bem-aventurado o homem que teme o Senhor*, diz David. Sua Majestade nos ampare sempre. A maior segurança que podemos ter é suplicar-Lhe que não nos permita ofendê-Lo. Seja para sempre louvado. Amém.

4. Será bom dizer-vos, irmãs, o motivo pelo qual o Senhor concede tantas graças neste mundo. Embora já o tenhais entendido pelos efeitos delas, quero repeti-lo aqui, para que nenhuma de vós pense que é só para

deleitar essas almas — o que seria grande erro. Sua Majestade não nos poderia fazer maior favor do que dar-nos uma vida que imite a de Seu Filho tão amado. Assim, tenho por certo que essas graças visam fortalecer a nossa fraqueza — como aqui já tenho dito algumas vezes —⁴ para podermos imitá-Lo nos grandes sofrimentos.

5. Temos visto sempre que aqueles que acompanham Cristo Nosso Senhor mais de perto foram os que mais padeceram. Vejamos os sofrimentos de Sua gloriosa Mãe, bem como de seus santos apóstolos. Como pensais que poderia São Paulo passar por tormentos tão grandes? Por ele podemos avaliar os efeitos da contemplação divina e das visões. Isto é, quando são de Nosso Senhor, e não imaginação ou engano do demônio. Porventura o apóstolo se escondeu com essas graças, a fim de só usufruir de seus deleites e esquecer tudo o mais? A resposta já a sabeis, pois São Paulo não teve um dia de descanso, pelo que podemos entender; e tampouco o deve ter tido à noite, uma vez que nela ganhava o que havia de comer.⁵

Gosto muito da passagem em que, ao fugir São Pedro do cárcere, apareceu-lhe Nosso Senhor e lhe disse que ia a Roma para ser crucificado outra vez. Sempre que rezamos o ofício da festa em que se recordam essas palavras, sinto particular consolo.⁶ Como ficou São Pedro com essa graça do Senhor? Que fez? Foi logo ao encontro da morte. E não é pequena misericórdia do Senhor encontrar quem, nessas circunstâncias, a provoque.

6. Ó irmãs minhas! Como a alma a quem Deus concede essa graça deve negligenciar seu descanso! Quão pouco deve se importar com a sua honra, e que longe deve andar de querer ser tida em boa conta, ela em quem o Senhor se encontra de modo tão particular! Porque, se ela está muito com Ele, como deve ser, pouco deve se lembrar de si. Toda a sua lembrança se concentra em contentá-Lo mais, bem como em mostrar-Lhe o amor que tem por Ele. Pois isto é oração, filhas minhas; para isto serve este matrimônio espiritual: para fazer nascer obras, sempre obras!

7. Essa é a verdadeira prova de ser coisa e graça concebida por Deus, como já vos disse.⁷ Pouco me benefício ficando a sós, muito recolhida, a fazer atos de virtude e afeto a Nosso Senhor, propondo e prometendo fazer maravilhas por Seu serviço, se, ao sair dali e se se oferece ocasião, faço tudo ao contrário.

Não me expresso bem dizendo que pouco me benefício, pois tudo o que se faz, caso se esteja com Deus, é bom. Embora sejamos fracos em cumprir as nossas determinações, algumas vezes Sua Majestade nos dará graça para realizá-las, até mesmo contra a nossa vontade, como acontece amiúde. Vendo uma alma muito acovardada, o Senhor dá-lhe um enorme sofrimento que ela não desejaria receber, fazendo-a sair com lucro dessa situação. Daí em diante, percebendo isso, a alma vai perdendo o medo de se oferecer mais a Ele.

Eu quis dizer que o benefício é pequeno em comparação com a grande coisa que é harmonizar as obras com os atos e as palavras. Quem não conseguir fazer tudo de uma vez deve fazê-lo pouco a pouco. Vá dominando a sua vontade, se quer tirar proveito da oração. Dentro destes recantos⁸ não faltarão muitas ocasiões para vos exercitardes.

8. Olhai que isso tem muito mais importância do que eu saberei dizê-lo. Ponde os olhos no Crucificado e tudo vos parecerá pouco. Se Sua Majestade nos mostrou o Seu amor com tão espantosas obras e sofrimentos, como quereis contentá-Lo só com palavras? Sabeis o que significa ser de fato espiritual? É fazer-se escravo de Deus, marcado com o Seu selo, o da cruz. Assim nos poderá vender como escravos de todo mundo, como Ele próprio foi. Com isso não nos injuria, mas nos concede imensa graça. Já Lhe entregamos toda a nossa liberdade.

Se não tiverdes essa determinação, não espereis grande benefício. Porque o fundamento de todo este edifício, como eu já disse,⁹ é a humildade. E se esta não for genuína, até para o vosso bem o Senhor não desejará elevá-lo muito, a fim de que não desabe por terra.

Desse modo, irmãs, para que esse edifício tenha bons alicerces, procure cada uma ser a menor de todas, e sua escrava, vendo como ou em que podeis servi-las e dar-lhes prazer. O que fizerdes neste caso o fareis mais para vós do que para elas. Assentareis pedras tão firmes que o vosso castelo não desabará.

9. Repito que, para que o façais, não deveis assentar vossos alicerces só em rezar e contemplar. Com efeito, se não buscardes virtudes e o exercício delas, sempre ficareis anãs. E praza a Deus que não seja apenas no crescer, porque já sabeis que quem não cresce diminui. Tenho por impossível que o amor, se o houver, se contente em limitar-se a um ser.

10. Talvez vos pareça que falo com os principiantes, podendo os demais descansar. Eu já vos disse¹⁰ que o sossego interior que essas almas apresentam corresponde a um muito menor no exterior. Aliás, elas mesmas não querem tê-lo. Para que pensais que são aquelas inspirações a que me referi — ou, melhor dizendo, aspirações — e os recados que a alma envia do centro interior à população da parte superior do castelo e às moradas que rodeiam aquela em que se encontra? Será para que se deitem e durma?

Não, não, não! Ela agora combate ainda mais os sentidos, as faculdades e tudo o que é corporal, a fim de que estes não fiquem ociosos. Trata-se de uma guerra maior do que a que travava em outros tempos, quando padecia com eles. Porque então ela não entendia o grande ganho trazido pelos sofrimentos, que talvez tenham sido os meios de que Deus se serviu para elevá-la a esse estado.

A companhia que traz em si lhe dá forças maiores do que nunca. Se até aqui na terra David nos diz que com os santos seremos santos,¹¹ não há dúvida de que, formando uma unidade com o Forte por excelência, pela união tão soberana de espírito com espírito, a alma participa da força divina. Por aí vemos a força que tiveram os santos para padecer e morrer.

11. É muito certo que, com o vigor adquirido nessa união, a alma ajuda a todos os que estão no castelo, e até ao próprio corpo, que muitas vezes parece nem ser percebido. As energias advindas da ingestão do vinho dessa adega — onde o Esposo¹² introduziu a alma e da qual não a deixa mais sair — influem sobre a fraqueza do corpo, tal como acontece com o alimento que, recebido no estômago, dá forças à cabeça e a todo o corpo. E, assim, essa alma tem muita infelicidade enquanto vive. Porque, por muito que faça, tudo lhe parece nada diante da força interior muito maior com que a alma lhe faz guerra.

Deviam vir daí as grandes penitências que fizeram muitos santos — em especial a gloriosa Madalena, que vivera sempre em tanto conforto — e a fome que nosso Pai Elias teve da honra do seu Deus.¹³ Essa deve ter sido também a origem do empenho de São Domingos e de São Francisco em reunir almas para que o Senhor fosse louvado. E eu vos digo que não deviam ser pequenos os seus sofrimentos, esquecidos que estavam de si mesmos.

12. Desejo, irmãs minhas, que procuremos alcançar exatamente esse alvo. Apreciemos a oração e ocupemo-nos dela, não para nos deleitar, mas para ter essas forças para servir. Não queiramos ir por caminhos não trilhados, pois nos perderemos na melhor altura. E seria caminho bem novo pensar em receber essas graças de Deus indo por vereda diferente da que Ele seguiu e têm seguido todos os seus santos. Não vos passe tal idéia pela cabeça.

Crede-me que Marta e Maria devem andar juntas, para hospedar o Senhor e tê-Lo sempre consigo, não O recebendo mal e negligenciando a sua comida.¹⁴ Como Maria Lhe daria a refeição, assentada sempre aos Seus pés, se sua irmã não a ajudasse? Seu manjar consiste em que, por todos os modos ao nosso alcance, ganhem almas que se salvem e louvem a Deus para sempre.

13. Talvez me digais duas coisas. Uma é que o Senhor afirmou que *Maria escolhera a melhor parte*.¹⁵ É que já tinha feito o ofício de Marta quando serviu o Senhor, lavando-Lhe os pés e enxugando-os com os seus cabelos.¹⁶ E pensais que terá sido pequena mortificação para ela, uma senhora que era, ir pelas ruas, talvez só (já que o seu fervor a impedia de refletir), entrar onde nunca tinha entrado e sofrer depois as acusações do fariseu, bem como muitíssimas outras coisas?

O fato de uma mulher como ela mudar de repente deve ter dado muito que falar ao povo — ainda mais sendo gente tão má, como sabemos. Bastava a amizade com o Senhor — tão desprezado por essas pessoas — para que estas relembassem a sua vida passada e dissessem querer ela passar por santa. Pois está claro que ela logo deve ter mudado de vestes e tudo o mais. Se ainda hoje se fala o mesmo de pessoas menos conhecidas, que dizer daquela época?

Eu vos digo, irmãs, que essa “melhor parte” veio já depois de muitos sofrimentos e mortificações, pois só o fato de ver seu Mestre tão odiado terá sido para ela um tormento intolerável. E que dizer dos muitos padecimentos que teve quando da morte do Senhor,¹⁷ bem como nos anos que ainda viveu, que devem ter sido bem aflitivos em função da ausência Dele! Vemos então que ela não estava sempre com deleite de contemplação aos pés do Senhor.

14. A outra¹⁸ é que não podeis nem tendes como levar almas a Deus. De boa vontade o faríeis. Mas, não tendo de ensinar nem de pregar como faziam os apóstolos, não sabeis como agir. A essa objeção já respondi por escrito algumas vezes, talvez até neste *Castelo*.¹⁹ Mas, como creio ser coisa que vos passa pelo pensamento, tendo em vista os desejos que o Senhor vos concede, não deixarei de repeti-lo aqui.

Já vos disse em outra passagem²⁰ que às vezes o demônio nos dá grandes desejos, para deixar de lado ocasiões de servir a Nosso Senhor em coisas viáveis e nos contentar privilegiando aquelas que são impossíveis. Não considerando que na oração ajudareis muito,²¹ não queirais beneficiar todas as pessoas; concentrai-vos nas que estão em vossa companhia e, assim, será maior a obra, pois a vossa obrigação para com elas é muito maior.

Julgais pequeno ganho abrasá-las a todas com o fogo da vossa grande humildade, da mortificação, do serviço a todas, de uma intensa caridade para com elas e do amor a Deus? Ou se, com as demais virtudes, as encherdes de estímulo? Não, será grande esse serviço e muito agradável a Deus. Vendo que realizais as obras

que estão ao vosso alcance, Sua Majestade entenderá que faríeis muito mais e vos recompensará como se tivésseis levado muitas almas a Ele.

15. Direis que isso não é converter, já que aqui todas as almas são boas. E que tendes vós com isso? Quanto melhores forem, tanto mais agradáveis ao Senhor serão os seus louvores e tanto mais sua oração beneficiará as almas que lhes estão próximas.

Em suma, irmãs minhas, conluo dizendo que não edifiquemos torres sem alicerces sólidos, porque o Senhor não olha tanto a grandeza das obras quanto o amor com que são realizados. E, desde que façamos o que pudermos, Sua Majestade nos dará forças para fazê-lo cada dia mais e melhor. Não nos cansemos logo. No pouco que dura esta vida — e talvez seja ainda menos do que pensamos —, ofereçamos interior e exteriormente ao Senhor o sacrifício que pudermos. Sua Majestade o unirá ao sacrifício que ofereceu ao Pai na cruz por todos nós. Assim, conferirá a ele o valor merecido pelo nosso amor, embora sejam pequenas as obras.

16. Praza a Sua Majestade, irmãs e filhas minhas, que nos vejamos todas no lugar onde O louvaremos para sempre. E que me dê graça para que eu faça alguma coisa do que digo, pelos méritos de Seu Filho, que vive e reina por todo o sempre, amém. Afirmo-vos que escrevo cheia de confusão; por isso, peço-vos, pelo próprio Senhor, que não vos esqueçais em vossas orações desta pobre miserável.²²

JHS

1. Embora tenha começado a redigir estas páginas com a contrariedade a que me referi no princípio,¹ depois de concluí-las fiquei muito contente e dou por bem empregado o trabalho; confesso, no entanto, que foi bem pouco.

Considerando a grande clausura em que viveis e as poucas ocasiões de distração que tendes em vossos mosteiros — alguns desprovidos de terreno suficiente —, parece-me que achareis consolo na leitura deste castelo interior. Com efeito, podeis entrar e passear nele a qualquer hora, sem precisar da licença das superiores.

2. É verdade que não podereis entrar em todas as moradas confiando apenas nas vossas forças, mesmo que vos pareça tê-las grandes. Nelas, só sois introduzidas pelo próprio Senhor do castelo. Por isso, se virdes qualquer resistência de Sua parte, segui meu conselho: não façais nenhuma força. Caso contrário, vós O desgostareis de tal modo que Ele nunca vos deixará entrar nelas.²

Ele aprecia muito a humildade. Se não vos considerardes merecedoras sequer de entrar nas terceiras moradas, mais depressa movereis a Sua vontade para levar-vos às quintas. Então, continuando a frequentar estas últimas, podeis Servi-Lo de tal maneira que Ele vos introduza na própria morada que tem para Si.

Desse recinto do próprio Senhor não deveis sair mais, a não ser a chamado da superiora, cuja vontade deseja Deus que cumprais da mesma forma que a Sua. E ainda que estejais muito tempo fora por obediência, quando voltardes sempre encontrareis a porta aberta. Uma vez acostumadas a deleitar-vos nesse castelo, em todas as coisas achareis descanso, embora elas sejam acompanhadas de muitos sofrimentos. É que sois impelidas pela esperança de voltar a ele, esperança que ninguém vos pode tirar.

3. Embora não se trate senão de sete moradas, cada uma delas comporta muitas outras: por baixo, por cima, dos lados, com lindos jardins, fontes e coisas tão deleitosas que desejareis desfazer-vos em louvores ao grande Deus, que criou esse castelo à Sua imagem e semelhança.³ Se na ordem que segui para falar-vos dele virdes algum bem, crede verdadeiramente que foi Sua Majestade quem o disse para contentar-vos; quanto às coisas ruins que encontrardes, terão sido ditas por mim.

4. Pelo grande desejo que tenho de ajudar-vos de alguma forma a servir este meu Deus e Senhor, peço-vos que, cada vez que lerdes isto, louveis muito a Sua Majestade em meu nome, pedindo-Lhe o desenvolvimento da Sua Igreja e luz para os luteranos.

Para mim, rogai-Lhe que perdoe os meus pecados e me tire do purgatório. Lá talvez eu venha a estar, pela misericórdia de Deus,⁴ quando vos derem estas páginas para ler. Isto é, se os eruditos as considerarem adequadas à leitura. Se houver algum erro, isso se deverá à minha ignorância. Em tudo me sujeito ao que ensina a Santa Igreja Católica Romana, em cuja fé vivo, afirmo viver e prometo viver e morrer.⁵ Seja Deus Nosso Senhor para sempre louvado e bendito. Amém, amém.

5. Este escrito foi concluído no mosteiro de São José de Ávila, no ano de 1577,⁶ véspera de Santo André, para glória de Deus, que vive e reina para sempre sem fim. Amém.